

Renata Martins

**UM OLHAR PARA A ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA E PARA A PEDAGOGIA DA  
ALTERNÂNCIA COMO POSSIBILIDADE DE PROBLEMATIZAÇÃO DO LAZER  
NO ENTRELAÇAMENTO DOS TEMPOS DA ESCOLA, DO TRABALHO E DA  
EXPERIÊNCIA CULTURAL**

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional

2018

Renata Martins

**UM OLHAR PARA A ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA E PARA A PEDAGOGIA DA  
ALTERNÂNCIA COMO POSSIBILIDADE DE PROBLEMATIZAÇÃO DO LAZER  
NO ENTRELACAMENTO DOS TEMPOS DA ESCOLA, DO TRABALHO E DA  
EXPERIÊNCIA CULTURAL**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em Estudos do Lazer, da Escola de Educação Física, Fisioterapia e terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção de título de Mestre em Estudos do Lazer.

Orientador: Prof. Dr. José Alfredo Oliveira Debortoli

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional

2018

M386o Martins, Renata

2018 Um olhar para a escola família agrícola e para a pedagogia da alternância como possibilidade de problematização do lazer no entrelaçamento dos tempos da escola, do trabalho e da experiência cultural. [manuscrito] / Renata Martins – 2018.

120 f.: il.

Orientador: José Alfredo Oliveira Debortoli

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

Bibliografia: f. 116-117

1. Lazer - Teses. 2. Educação - Teses. 3. Cultura – Teses. I. Debortoli, José Alfredo Oliveira. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. III. Título.

CDU: 379.8

Ficha catalográfica elaborada pela equipe de bibliotecários da Biblioteca da Escola de Educação Física,

Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais.

Dedico esse trabalho ao meu amigo de luz Kassio Vinícius.

Enquanto as sementes plantadas por ti germinarem e florescerem, você permanecerá vivo!

Gratidão!

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por todas as oportunidades, pelas portas abertas e por ser meu guia.

Ao meu orientador, José Alfredo, por me pegar pelas mãos e me conduzir pelos caminhos da pesquisa, com paciência e com a generosidade que lhe é particular. Pude experimentar na prática a relação mestre aprendiz onde ambos puderam contribuir a partir do seu lugar de fala, essa horizontalidade possibilitou que o caminho se tornasse mais leve e me fez acreditar que seria possível.

À Escola Família Agrícola Puris de Araponga, aos estudantes, aos monitores, à direção, às cozinheiras, à secretária e aos membros da associação. Todos foram de extrema importância nessa caminhada, serei sempre grata por terem aberto as portas para que pudéssemos realizar a pesquisa, pelo acolhimento, disponibilidade e por terem compartilhado, ao longo desse tempo, bons momentos de aprendizado.

Ao meu filho Davi, que me possibilitou conhecer o amor incondicional. A sua existência me move!

Ao meu companheiro Rodrigo, por ser parceiro de todas as horas, por me incentivar e acreditar na minha capacidade, além de cumprir vários papéis para que eu pudesse me dedicar à pesquisa.

A minha mãe e ao meu pai, pelo dom da vida.

As minhas irmãs Fernanda e Ana Paula, pela parceria, vocês sempre foram pilares da minha vida. Aos meus amores, Anna Luiza, Lara e Arthur.

À Isa, por cuidar do meu filho com tanto amor, para que fosse possível a minha ausência.

Aos colegas de mestrado, vocês foram essenciais nessa caminhada, em especial Larissa e Igor, presentes que o mestrado me trouxe.

Ao grupo de estudo *Na Prática*, pelos encontros, estudos e contribuições para esse trabalho.

Ao Danilo, secretário do programa, pelo bom atendimento e disposição em ajudar de sempre.

Aos amigos da vida, que dividiram comigo as belezas e dores desse percurso.

## RESUMO

O objetivo dessa pesquisa é a valorização das experiências culturais dos sujeitos e do local de onde eles advêm, especificamente de perceber o sentido do *lazer* onde o trabalho é o signo ordenador dos tempos. Partindo dessa proposta, desenvolvemos um estudo capaz, ao mesmo tempo, de compreender um processo de formação escolar que tem como centralidade o trabalho, sem perder de vista as manifestações culturais, trazendo reflexões sobre a importância das experiências de lazer na constituição tanto identitária, quanto na produção material do cotidiano. Para analisar e compreender tais questões, utilizamos o percurso etnográfico, valorizando o envolvimento no campo, o encontro com o outro no sentido de trazer a percepção e a lógica dos sujeitos envolvidos na pesquisa. Esse estudo propôs aproximação e diálogo com o contexto da Escola Família Agrícola (EFA) Puris de Araponga, situada na comunidade Novo Horizonte – São Joaquim – zona rural de Araponga – MG, considerando as inter-relações com os contextos culturais dos quais seus estudantes são oriundos, tendo em vista que as EFAs têm seus pilares fundados na pedagogia da alternância, que prevê a formação integral dos sujeitos sociais envolvidos nos percursos educacionais.

**Palavras Chave:** Lazer. Educação. Campo. Alternância.

## **ABSTRACT**

The purpose of this research is to enrich the culture experience of a group of individual and the enviromente wich they come from. Especially to understand the meaning of leisure where the work organization is the main focus. Starting from this point, we developed a research which comprises a single process of school education focused on work, but not ignoring the culture experience, observing the importance of leisure experience building identity and production of daily life. In order to analyze and understand such questions we had used the ethnography course. Valuing the involvement in the fild, the meeting whith the other in order to bring perception and logic of a subject involved in this research. This study purposed an access and dialogue with the context of Escola Família Agrícola (EFA) Puris de Araponga, located at Novo Horizonte community – São Joaquim – Araponga country side – MG. And it's interrelationship with the culture context which the students come from. Considering that EFA's have pillars based on the pedagogy of alternation that predicts the integral formation of the social individuals involved in the path education.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b> - Logo da Escola Família Agrícola Puris de Araponga.....	20
<b>Figura 2</b> - Reunião de agricultores e agricultoras para construção da EFA Puris .....	21
<b>Figura 3</b> - Sala de bambu construída para a primeira turma da EFA Puris .....	21
<b>Figura 4</b> - Mutirão com pessoas da comunidade para construção da primeira sala de alvenaria .....	22
<b>Figura 5</b> - Construção da sede atual da EFA Puris .....	22
<b>Figura 6</b> - Entrada da EFA Puris de Araponga .....	43
<b>Figura 7</b> - Fogão à lenha da EFA Puris .....	45
<b>Figura 8</b> - Pintura de solo da parede do refeitório .....	45
<b>Figura 9</b> - Parte externa da casinha.....	48
<b>Figura 10</b> - Parte interna da casinha, secagem de cebola .....	49
<b>Figura 11</b> - Minhocário.....	50
<b>Figura 12</b> - Casa de sementes crioulas .....	50
<b>Figura 13</b> - Oração, pintura de solo da parede do refeitório.....	73
<b>Figura 14</b> - Aula prática do segundo ano, limpeza da caixa seca .....	75
<b>Figura 15</b> -Sala da Árvore .....	77
<b>Figura 16</b> - Detalhe da sala da árvore.....	78
<b>Figura 17</b> - Assembleia Legislativa de Minas Gerais.....	94
<b>Figura 18</b> - Cruz enfeitada de flores, representando o cruzeiro .....	99
<b>Figura 19</b> -Bandeira dos índios Puri representado a ascendência .....	100
<b>Figura 20</b> - Bandeira de Nossa Senhora do Rosário representando a devoção e a religiosidade .....	101
<b>Figura 21</b> - Bandeira do Coral Popular Cosme Damião.....	102
<b>Figura 22</b> - Alecrim para afastar mau olhado .....	103

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> - Tarefas diárias.....	53
<b>Quadro 2</b> - Instrumentos pedagógicos.....	61
<b>Quadro 3</b> - Distribuição dos componentes curriculares.....	62
<b>Quadro 4</b> - Formação dos monitores e componentes trabalhados.....	66
<b>Quadro 5</b> - Quem gosta de política?.....	96

## LISTA DE SIGLAS

AFA - Agricultores Familiares de Araponga  
ALMG - Assembleia Legislativa de Minas Gerais  
AMEFA - Associação Mineira das Escolas Família Agrícola  
CEBs - Comunidades Eclesiais de Base  
CESEC - Centro de Educação Continuada  
CFR - Casa Família Rural  
CRESOL - Cooperativa de Crédito  
CTA - Centro de Tecnologia Alternativa  
CTA - Centro de Tecnologia Alternativa  
ECOR - Escola Comunitária Rural  
ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio  
FUNDEB - Plano de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica  
LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação  
MFR - *Maison Familiale Rurale*  
PDL - Plano de Desenvolvimento Local  
PE - Plano de Estudos  
PPL - Participação Periférica Legítima  
PRONAT - Programa de Desenvolvimento Sustentável de Territórios Rurais  
SEEMG - Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais  
STRs - Sindicato dos Trabalhadores Rurais  
UFV - Universidade Federal de Viçosa

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	13
2 A HISTÓRIA DA CONSTRUÇÃO COLETIVA DE UM LUGAR .....	20
2.1 A Ascendência Puri .....	24
2.2 Os Movimentos Sociais.....	27
2.3 O movimento Escola Família Agrícola.....	29
2.4 A Criação do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro e o Plano de Desenvolvimento Local (PDL) .....	34
2.5 EFA Puris Araponga .....	36
3 O DESENHO DOS DIAS ATUAIS DA EFA PURIS DE ARAPONGA.....	43
3.1 Dinâmicas de Funcionamento .....	43
3.1.1 Estrutura Física.....	44
3.1.2 Organização das turmas .....	51
3.1.3 A marcação dos tempos no meio escolar .....	51
3.1.4 A divisão de tarefas .....	53
3.2 A Pedagogia da Alternância.....	57
3.2.1 Instrumentos da Pedagogia da Alternância .....	61
3.2.2 O Plano Curricular: Áreas de conhecimento, Componentes Curriculares e Atividades Complementares.....	66
3.3 Uma escola comunitária .....	69
4 A DESCRIÇÃO DO COTIDIANO DA EFA PURIS DE ARAPONGA .....	72
4.1 O Cotidiano Geral: a descrição de um dia na EFA Puris.....	72
4.2 A Semana de Adaptação.....	81
4.2.1 O primeiro dia: A chegada na EFA.....	81
4.2.2 Agroecologia e experiência prática .....	84
4.2.3 A pedagogia da alternância e seus instrumentos .....	86
4.2.4 Plano Curricular e funcionamento da escola.....	87
4.2.5 Entrevistas .....	91
4.3. A Formação Política .....	92
4.3.1 Reivindicações na Assembleia Legislativa de Minas Gerais .....	93
4.3.2 Encontro de Formação Política da EFA Puris.....	94
4.4 As Manifestações Culturais .....	97
4.5 A presença do futebol no cotidiano da EFA Puris.....	106
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	110

REFERÊNCIAS.....	116
ANEXO I.....	118

## 1 INTRODUÇÃO

Durante a caminhada de estudos e atuação no campo da educação e do lazer, foi possível perceber a importância de propostas pedagógicas que dialoguem, de fato, com a realidade dos sujeitos sociais envolvidos nos processos educacionais. Projetos pedagógicos que levem em conta a cultura local em que estão inseridos e que tenham uma visão dos sujeitos, do cotidiano e de suas experiências como uma totalidade, embora vivenciadas, diariamente, constituídas em diversas esferas da vida, são fundamentais.

Historicamente, o campo de estudos do lazer, quando tratado em sua relação com a educação, tem considerado as potencialidades do lazer como “veículo de educação”, como possibilidade de educar para a vivência do tempo disponível, através das próprias vivências, com o objetivo de ampliar as possibilidades. Essa perspectiva faz emergir os conteúdos culturais do lazer e uma educação sensível ao desenvolvimento pessoal e social.

Para essa pesquisa, a proposta foi de valorização das experiências culturais dos sujeitos e do local de onde eles vêm, tendo em vista, especificamente, a necessidade de perceber o *lazer* numa lógica em que o trabalho é o signo ordenador dos tempos. Partindo dessa proposta, a busca foi de desenvolver um estudo capaz ao mesmo tempo de compreender um processo de formação escolar, que tem como centralidade o trabalho, sem perder de vista as manifestações culturais, trazendo reflexões sobre a importância das experiências de lazer na constituição tanto identitária quanto da produção material do cotidiano.

Esse estudo propôs uma aproximação e um diálogo com o contexto da Escola Família Agrícola (EFA) Puris de Araponga, situada na comunidade Novo Horizonte – São Joaquim – zona rural de Araponga – MG, e suas inter-relações com os contextos culturais dos quais os estudantes são oriundos. A comunidade em que a escola está situada tem traços de sua história vinculados à ascendência de índios Puris, o que, além de ser fator gerador do nome da escola, também é determinante em sua construção e atuação pedagógica.

Numa busca de aproximar os campos de estudo *Lazer e Educação*, houve uma tentativa de ampliação do olhar, com a finalidade de contribuir com a discussão, a partir da análise de um contexto específico. A escolha foi por analisar e compreender a

*pedagógica da alternância*, que trabalha numa lógica da ordenação dos tempos, com a instauração de ciclos, alternando entre vida escolar e vida comunitária, voltada essencialmente para o trabalho e que tem o estudante como ator central.

As Escolas Famílias Agrícolas têm como um dos seus pilares a educação e a formação integral do sujeito, o que consiste em “considerar a pessoa nas suas diferentes dimensões, na sua trajetória de vida, no seu ambiente; que considere a multiplicidade e diversidade das fontes do saber e seus meios de difusão” (GIMONET, 1999, p.47). E além do pilar que diz respeito à formação integral do sujeito, é fundamental o reconhecimento de que o projeto profissional sempre esteve presente nesse modelo de instituição. Assim, a proposta dessa dissertação foi possibilitar um olhar da integralidade dos sujeitos pela lente do lazer. Galvó, ao falar da alternância e da complexidade dos fatores que intervém nesse processo de formação, possibilita esse tipo de análise, como vemos a seguir:

A formação do aluno pela alternância, que não se limita a um ou dois atores, mas se estende a toda à complexidade do mundo que envolve a vida do formando (família, amigos, trabalho, economia, cultura, escola, política...) onde nenhum dos elementos que intervém é passivo, todos são parceiros, co-autores, co-responsáveis, comprometidos. (GALVÓ, 1999, p. 21)

O sujeito em sua integralidade ou totalidade está para além de uma formação técnica e instrumental, seria pensá-lo como um ser sócio cultural, em plena relação com as necessidades que apresentamos para nossa plenitude. Considerar o sujeito de forma integral é também pensar nas manifestações culturais de lazer que permeiam a sua realidade, bem como nas da sua comunidade.

Mauss (2015), em seu trabalho etnográfico “Ensaio sobre a dádiva”, ao pesquisar as formas e transformações do “dever de dar, receber e retribuir”, não isolou os fatos estudados dos outros fatos gerais que ocorreram, trazendo a riqueza do “*fato social total*”, tratando todos os fenômenos como jurídicos, econômicos, religiosos, estéticos, morfológicos, entre outros. “Foi considerando o conjunto que pudemos perceber o essencial, o movimento do todo, o aspecto vivo, o instante fugaz em que a sociedade toma, em que os homens tomam consciência sentimental de si mesmo e de sua situação frente a outrem” (MAUSS, 2015, p. 308).

Considerar a totalidade dos fatos e a dinâmica da vida que ocorre em uma instituição educacional como uma EFA requer uma observação concreta da vida social. Na busca pelos sentidos do lazer em um espaço onde a prioridade é o trabalho, não se

pode distanciar da totalidade dos fatos, de uma dinâmica viva, de algo que gira e ter clareza de que os fatos não ocorrem de forma isolada da comunidade, da instituição escolar, de um currículo, da intencionalidade de formação de determinados sujeitos e dos desejos desses mesmos sujeitos.

Os conteúdos que constituem um currículo são ideológicos, políticos e culturais, “a escola é um território de luta e a pedagogia é uma forma de política cultural” (GIROUX e SIMOM, 2008, p. 95). Pedagogias que se situam na criticidade devem levar em consideração a cultura popular, sendo cultura popular o que se situa no terreno do cotidiano, que seja “apropriada pelos alunos e ajuda a validar suas vozes e experiências” (GIROUX e SIMOM, 2008, p. 95).

O sociólogo Pierre Bourdier (2007) percorre um caminho onde demonstra que na realidade educacional francesa, na segunda metade do sec. XX, a classe social de onde um determinado sujeito advém, na maioria dos casos, irá determinar escolhas, oportunidades, caminhos e se esse sujeito irá chegar nos graus mais elevados da carreira escolar. Isso ocorre, segundo ele, pelo privilégio cultural, ou seja, a escola adota como linguagem a cultura das classes dominantes, tornando complexa e dificultosa a entrada e permanência da classe proletária no contexto escolar, pelo simples fato dos sujeitos das classes menos privilegiadas não contarem com um capital cultural advindo de suas famílias, coerente com o tratado e difundido no meio escolar. Por isso, é possível afirmar que as escolhas pedagógicas devem caminhar num sentido de aproximação dos sujeitos, com diálogos e escolhas coerentes com o contexto em que estão inseridos, pois “tratando todos os educandos, por mais desiguais que sejam eles, de fato, como iguais em direitos e deveres, o sistema é levado a dar sua sanção às desigualdades iniciais diante da cultura” (BOURDIEU, 2007, p. 53).

Em diálogo com o lazer, os interesses e necessidades dos sujeitos contribuem com a percepção da realidade ou simplesmente camuflam tensões, amenizam conflitos e levam ao conformismo, à alienação como forma de manutenção do *status quo*. Quando pensamos nas manifestações do lazer, por exemplo, se falamos a palavra cultura, o erudito, por vezes, é considerado como nível mais alto de expressão cultural. No entanto, existem varias formas de cultura e o que leva a opção por um espetáculo, uma opera, ou folguedo são as relações de poder que se estabelecem. Segundo Giroux e Simom (2008), o discurso dominante ainda define a cultura popular como o que sobra após a subtração da “alta cultura” da totalidade das práticas culturais, porém a cultura popular configura-se como uma força significativa na formação da visão

que o estudante tem de si mesmo e de suas relações com diversas formas de *aprendizagem*.

Ao tratar da aprendizagem não a considero como algo que se organiza e se efetiva apenas no ambiente escolar e através das práticas pedagogizadas, mas também, como sugere Lave e Wenger (1991), como algo que se dá por meio da Participação Periférica Legítima (PPL), considerando a aprendizagem como algo que ocorre horizontalmente, onde existe a onipresença da relação mestre/aprendiz, em que o sujeito recém-chegado é aprendiz periférico não por haver um ponto central, mas pelo movimento que ocorre para que ele atinja uma participação plena numa dada comunidade de prática. Essa horizontalidade só é possível a partir do entendimento de que a aprendizagem é inerente a toda prática social e a participação é peça fundamental.

Esta pesquisa utilizou uma metodologia qualitativa, com o intuito de valorizar a ótica dos sujeitos envolvidos no processo. A opção pela pesquisa qualitativa se deu pelo entendimento de que os fatos sociais não são passíveis de quantificação, por estarem impregnados de valores e subjetividades, tomando cada fato estudado um sentido próprio.

A escolha foi pela etnografia, mesmo tendo em vista a complexidade dessa escolha e a falta de experiências etnográficas anteriores nesta área. Piso nesse campo com a cautela de um aprendiz e disposta a realizar uma “etnografia possível”. Possível no sentido do que fui capaz de olhar a partir do que foi disponibilizado e da capacidade de aprofundamento na leitura da realidade.

A escolha da etnografia ocorre pela valorização do envolvimento no campo, do encontro com o outro no sentido de trazer a percepção e a lógica dos sujeitos envolvidos na pesquisa, com uma análise atenta ao encontro intercultural. O trabalho se deu com o zelo à alteridade dos envolvidos, com o intuito de que os sujeitos, além de fornecerem subsídios para análise, possibilitassem captar aspectos subjetivos. Assim, como aponta Geertz,

Praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante. Mas não são essas coisas, as técnicas e os processos determinados, que definem o empreendimento. O que o define é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma "descrição densa". (GEERTZ, 1983, p. 4)

Disposta ao esforço intelectual necessário e ciente da complexidade dos estudos baseadas na cultura, que para Malinowski (1962, p. 43) é “o todo global consistente de elementos e bens de consumo, de cartas constitucionais para os vários agrupamentos sociais, de ideias e ofício humanos, de crenças e costumes”, que lanço mão da etnografia. Tomando-a como percurso de envolvimento com o campo, que possibilita o aprofundamento, o vínculo com a história, com os sujeitos, suas relações e dinâmicas.

Na primeira imersão em campo, com foco em analisar e compreender de que forma o lazer pode contribuir para a formação dos sujeitos, cheguei para permanecer e vivenciar as experiências das EFA Puris de Araponga como estudante em técnico agrícola, não que pudesse me tornar um deles, mas conviver naquele cotidiano me daria a oportunidade da observação participante, de sentir e viver para partilhar aquela experiência. A primeira ida à escola ocorreu em junho de 2017 e a última em janeiro de 2018, sendo que entre setembro de 2017 e janeiro de 2018, a cada quinzena do tempo escolar priorizei a permanência na escola durante uma semana, alternando entre a primeira e a segunda semana de cada quinzena, o que influenciava diretamente no ritmo do cotidiano.

No primeiro momento, foram traçados objetivos específicos, que eram de mapear as manifestações culturais de lazer presentes na comunidade em que a EFA Puris está inserida; identificar no currículo formal, real e/ou oculto da instituição a ocorrência do lazer, direta ou indiretamente e analisar de que forma a EFA Puris (currículo, metodologias, tempos de formação) tem relacionado e incorporado as manifestações culturais singulares dos sujeitos envolvidos em seu percurso formativo. Após a experiência da primeira imersão em campo, foi possível constatar que os caminhos não seriam tão óbvios e que, sem perder de vista os objetivos inicialmente propostos, seria necessário traçar outras trilhas, pois o cotidiano vivido possibilita a ampliação do olhar, a sensibilidade ao que pulsa e requer a disponibilidade de mudanças para retratar o que é real.

A pedagogia da alternância, em sua complexidade, traz o tempo escolar e o tempo comunitário como esferas contínuas de tempos e espaços de aprendizagem, igualmente importantes no processo de formação dos estudantes. Para esta pesquisa, a escolha metodológica foi por dar centralidade à escola e as suas estruturas, onde a vivência do campo foi realizada no tempo e no espaço da escola, mas com o olhar e a sensibilidade de perceber o tempo comunitário dentro dessa continuidade proposta. O

tempo e a profundidade de uma dissertação de mestrado exigiram recortes, mas é necessário deixar claro a importância de estudos futuros, capazes de acompanhar o cotidiano também no tempo comunitário, para um aprofundamento nessa pedagogia, para uma compreensão do todo.

Durante todo o percurso de imersão em campo, vivi como estudante, dormindo no alojamento, vivenciando o cotidiano, partilhando as refeições, assistindo às aulas, acompanhando as visitas técnicas, realizando trabalhos de agroecologia, vivenciando a semana de adaptação como um estudante recém-chegado, o que levou a uma determinada organização dessa dissertação. Essa experiência foi relatada em três capítulos e em uma conclusão, conforme a organização que apresento a seguir.

O primeiro capítulo é uma descrição da história e do processo de aprendizagem da construção da Escola Família Agrícola Puris de Araponga, a partir do olhar de três sujeitos envolvidos no processo histórico. Para realizar essa análise foi necessário passar por pontos específicos que compõem a totalidade da história: A ascendência Puri; os movimentos sociais; o movimento EFA; a criação do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro e o Plano de Desenvolvimento Local (PDL) e, por fim, a EFA Puris de Araponga.

No segundo capítulo, há um desenho da EFA Puris de Araponga na atualidade. A seção apresenta a dinâmica de funcionamento da escola, tratando especificamente da estrutura física, da organização das turmas, da marcação dos tempos no meio escolar e da divisão de tarefas. Também foi coerente elucidar o que é a pedagogia da alternância, seus instrumentos pedagógicos e o plano curricular da EFA Puris para o ano de 2018. O segundo capítulo foi finalizado abordando o tema Escola Comunitária.

No terceiro capítulo, foram selecionados alguns temas a serem descritos, na busca de possibilitar a amplitude do olhar. Essa seção apresenta a descrição de um dia de atividades na EFA Puris e das vivências na semana de adaptação, além de abordar a formação política, através da descrição de um dia de reivindicações na Assembleia Legislativa de Minas Gerais (ALMG) e do encontro de formação política da EFA Puris. O tema manifestações culturais foi abordado a partir da descrição da colocação em comum do plano de estudo das “manifestações culturais populares em nossa região” e o capítulo foi finalizado com uma discussão sobre a presença do futebol no cotidiano escolar.

Na conclusão, foi ressaltado as principais sínteses produzidas a partir dos capítulos anteriores.

## 2 A HISTÓRIA DA CONSTRUÇÃO COLETIVA DE UM LUGAR

**Figura 1** - Logo da Escola Família Agrícola Puris de Araponga



Fonte: Acervo EFA Puris, 2018.

**Figura 2-** Reunião de agricultores e agricultoras para construção da EFA Puris



**Fonte:** Acervo fotográfico EFA Puris, 2018.

**Figura 3 -** Sala de bambu construída para a primeira turma da EFA Puris



**Fonte:** Acervo fotográfico EFA Puris, 2018.

**Figura 4** - Mutirão com pessoas da comunidade para construção da primeira sala de alvenaria



**Fonte:** Acervo fotográfico EFA Puris, 2018.

**Figura 5** - Construção da sede atual da EFA Puris



**Fonte:** Acervo fotográfico EFA Puris, 2018.

Início esse capítulo pelas imagens, por entender que elas são capazes de dizer muito daquilo que será tratado.

Na primeira imersão em campo, a proposta era a permanência por uma semana na EFA Puris Araponga. A chegada foi um aprendizado: saber como comportar; as regras locais; os tempos que regem o cotidiano marcado pelo soar do sino; as distinções entre o feminino e o masculino; as tarefas executadas e coordenadas pelos estudantes, desde as primeiras horas do dia, para que a escola funcione; o tempo disponível e suas escolhas; e até mesmo alguns episódios que, inicialmente, pareceram enigmáticas são questões a serem relatadas aqui. Algo salta aos olhos, algo profundo e norteador das ações do cotidiano desse lugar: a história. Por isso, neste capítulo, percorreremos a trajetória da história do sonho e da luta pela construção dessa escola, a partir do olhar de três sujeitos envolvidos com o lugar, com os caminhos e com a escola propriamente dita.

Levando em consideração a *aprendizagem situada*, apresentada por Lave e Wenger (1991), que trata da aprendizagem e das situações sociais na qual ela ocorre, considerando que todos os sujeitos envolvidos têm coparticipação prática no processo de aprendizagem, verificamos que a história da constituição da EFA Puris de Araponga representa este conceito. Antes mesmo de chegar ao cerne da questão, do cotidiano no meio escolar da EFA Puris de Araponga, foi possível perceber que o que antecede isso é um questionamento: Como agricultores e agricultoras rurais sentiram a necessidade, se organizaram e aprenderam a fazer uma escola que os atendesse?

Para fazer uma descrição do atual cotidiano da EFA Puris Araponga seria necessário, primeiro, trilhar os caminhos que antecederam a construção dessa escola, de modo que se tornou urgente a busca por interlocutores dispostos a compartilhar essa história. O caminho da etnografia possibilitou conhecer três sujeitos, que chamo aqui de Ipê Roxo, Ipê Rosa e Ipê Amarelo. Os nomes fictícios foram escolhidos pelos interlocutores, para que pudessem ser identificados ao longo da dissertação. A justificativa para tais nomes é que “os ipês são símbolo de resistência, pois florescem em plena seca”. Abaixo, trechos do diário de campo revelam um pouco sobre esses encontros:

*Cheguei à escola por volta da 16h00min de uma segunda-feira e, por coincidência, no mesmo momento chegou uma equipe da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais (SEEMG), composta por um jornalista, um fotógrafo e um motorista. Essa equipe veio à EFA*

*Puris de Araponga com o objetivo de produzir uma matéria que relatasse o trabalho desenvolvido pelas EFAs de Minas Gerais, sendo elas uma das vertentes da Educação do Campo. Essa matéria será publicada em um livreto que irá expor todos os serviços ofertados pela SEEMG. As EFAs são consideradas escolas comunitárias e não estaduais, mas recebem uma bolsa aluno do governo do Estado<sup>1</sup>, o que ajuda a custear as despesas. Chegar à escola no mesmo momento que essa equipe me possibilitou conhecer e presenciar o relato da história do lugar pelos olhos e fala de um dos membros da associação, o Ipê Roxo.*

*Ainda no decorrer dessa primeira semana, imersa na EFA Puris, houve a oportunidade de reunir com um grupo de estudantes, estudante da educação do campo da Universidade Federal de Viçosa (UFV), um estagiário do curso de geografia da UFV e dois estudantes da EFA Margarida Alves. Eles tinham o objetivo de compreender como foi a construção da escola e questões sobre o seu funcionamento nos dias atuais. Foram recebidos pela atual diretora – e interlocutora desta pesquisa desde o princípio – o Ipê Rosa.*

*O terceiro sujeito chegou através do Ipê Rosa. Após o café da manhã do segundo dia, questionei se havia mais alguém disposto a contribuir com a pesquisa, através de um relato da história e, no final da tarde daquele mesmo dia, ela trouxe até a escola o Ipê Amarelo, com quem já havíamos tido um breve encontro no dia anterior. Ele sentou-se calmamente e nos contou a história vivida por aquele grupo de agricultores e agricultoras do qual fazia parte (Notas do diário de campo).*

Sigamos para o próximo momento, conhecer o caminho percorrido para a construção da EFA Puris Araponga, a partir da fala e visão desses três sujeitos e ancorados no trabalho etnográfico realizado por Barbosa.

## **2.1 A Ascendência Puri**

Em meio ao ensurdecedor e contínuo ruído de uma densa sombria floresta tropical... o sol avermelhado já se põe e a luz do dia é tímida. Anunciando uma profunda escuridão, acompanhada dos perigos da noite, baixa uma intensa névoa fria e úmida, crescem os sons característicos dos animais de hábitos noturnos e invadem os fortes odores de flores que se abrem aos insetos e da decomposição da matéria orgânica 'morta'. Um grupo de pessoas seminuas — as crianças nos colos, nas costas ou caminhando atrás do cortejo, os homens armados à frente, e as mulheres, estas cobertas por tecidos de algodão em tons escuros da cabeça aos pés, carregadas de quinquilharias — encontra um lajedo em pedra com água corrente nas proximidades. Começam a depositar toda a tralha que carregavam na jornada, rapidamente constroem coberturas de palmeiras e folhas largas e assentam-se ou deitam-se em

---

<sup>1</sup> O fato das EFAs serem enquadradas como escolas comunitárias e as implicações disso é um tema que será tratado com maior profundidade posteriormente.

posição de descanso. Parece que estão mudando de território, ou talvez estejam em fuga! Uma dessas pessoas procura um recanto com pedras soltas que são rapidamente reunidas formando uma concavidade protegida e que protege. Neste local são depositados alguns gravetos e folhas secas retirados de uma bolsa tecida em algodão cru, junta-se a esse matéria inflamável um tição em brasa que estava sob a atenciosa responsabilidade de uma jovem mulher. Sopra-se e abana-se insistentemente até que ressurja a primeira chama que crescerá em labaredas formando a fogueira do fogo eterno do Rio Branco. Os olhares e as respirações estão aliviados e orgulhosos: mais uma difícil jornada entre trilhas e grotas e a missão continua sendo cumprida. Afinal, mais uma vez, a noite chega e o audacioso povo Puri tem seu próprio calor, luz, alimento e cuidados para se refazer das longas caminhadas. Infundáveis, e já seculares, têm sido as travessias através de trilhas encostadas às matas das Serras. As pessoas do povo Puri, sobreviventes do massacre colonial, do grupo étnico-familiar ao qual pertencem as trisavôs do Dona Lilia Teotônia chegam — depois de entenderem um pouco mais do mundo dos brancos e dos negros, e com eles virem se misturando — aos pés da Pedra Redonda, local escolhido para fincarem suas raízes... afagos, risos e narração de histórias sob as estrelas embalam as conversas até que o sono, e o trabalho, possibilitem sonhos e realizações em defesa da vida e do meio ambiente. Ali, naquelas Serras, as pessoas se revezam continuamente para manter acesas as chamas daquele fogo eterno. O fogo da cultura Puri ainda crepita vivo pelas Serras da Zona da Mata mineira! (BARBOSA, 2005, p. 127)

A cidade de Araponga e o povo que ali habita são marcados por uma questão histórica um tanto forte, a ascendência de índios Puris. Qualquer que seja a conversa realizada por aquela região, em determinado momento passará por essa questão. Segundo Ipê Amarelo, os índios Puris chegaram à região da Zona da Mata mineira em busca de abrigo, tratava-se de um povo forte fisicamente, contadores de histórias e acostumados a fazerem longas caminhadas. Os Puris permaneceram na região pelas riquezas que dali eram escoadas e pelas características do relevo, muitas montanhas e matas de difícil acesso, o que lhes proporcionava segurança.

Documentalmente, novamente, podemos afirmar que o processo histórico de ocupação colonial do que é hoje o município de Araponga se deu a partir do século XVIII. Sucederam-se cinquenta anos de guerras intermitentes aos índios Puri, habitantes tradicionais daquelas paragens. Aos quais seguiram-se cerca de trinta anos de extração do ouro aluvional, que logo se esgotou, na escala dos interesses colonizadores. Já nos inícios do século XIX, os Puri são considerados dispersos e integrados aos demais trabalhadores rurais, ou seja, conseguiram se esconder em seu processo de silenciamento. Alguns grupos ameríndiafricanos buscaram, entre os finais do século XVIII e o período dado como de sua extinção enquanto etnia, suporte no entorno dos aldeamentos que se instalam na região como parte de uma política de ocupação colonial e de redução e evangelização indígena. (BARBOSA, 2005, p. 124)

Segundo o Ipê Amarelo, naquela região os índios Puris continuaram a serem perseguidos. Por ser um povo de luta e de difícil dominação, foram atacados e tiveram todos os homens mortos. As mulheres também não se entregavam facilmente,

permaneceram vivas, mas tiveram que ser, literalmente, pegas a laço. Durante muitos anos, os Índios Puris foram considerados dizimados, historicamente não havia mais registros dessa etnia. Porém, aqueles que são frutos dessas mulheres – que foram perseguidas, atacadas, que resistiram e que buscaram suporte em aldeamentos – trazem, não só as características culturais marcantes, mas também o orgulho atual de reivindicar e afirmar essa ascendência. Como nos aponta Barbosa,

[...] na região, as pessoas começam a valorizar aspectos antes minimizados pelas formas sociais dominantes, ou seja, diante da expansão do latifúndio, do desmatamento e das perspectivas da monocultura cafeeira, a formação social Puri manteve-se silenciada, mas, assim que a conjuntura possibilita a recuperação da identidade, ela retoma seu modo de vida e seu processo de manifestação. (BARBOSA, 2005, p. 18)

Nosso entendimento é o de que a reivindicação da identidade Puri se coloca como demarcação de uma diferença cultural: 1) como uma insatisfação colonial; 2) como um lugar imaginário de liberdade e de luta; 3) como amor pela terra; e, 4) interesse pelos alimentos e remédios do mato. E também, 5) enquanto agência, como um horizonte de futuro, hoje realizável através do resiliente empenho agroecológico em seu desenho ambiental local. (BARBOSA, 2005, p. 32)

A configuração da distribuição de terra e de renda no município de Araponga não foi diferente de outras regiões do Brasil. Poucos fazendeiros tornaram-se proprietários da maior parte das terras da região e aquelas pessoas que dependiam delas para viver eram submetidas a uma situação análoga ao trabalho escravo, trabalhavam em condições insalubres, eram “assalariados”, ou meeiros<sup>2</sup> dos fazendeiros (IPÊ AMARELO).

Araponga, que é fortemente marcada pelo plantio do café, viveu esse processo de exploração dos então considerados ameríndiafricanos (por já fazer parte de uma mistura de não índios, negros e índios puris), dentro das lavouras de café e de outras culturas onde os trabalhadores tinham a necessidade de se submeterem para produzirem o sustento dos seus. Como Ipê Amarelo e Ipê Roxo colocam:

Digo próximo da escravidão porque se trabalha com parceiro, sem ter um contrato de parceria, onde você trabalha como assalariado, sem ter uma carteira assinada, e mora em uma casa numa fazenda, onde não tem água tratada, não tem banheiro, enfim, pra mim, a pesar de ser analfabeto, eu acho isso aí uma verdadeira escravidão. Então a gente viveu isso (IPÊ ROXO).

Eu respeito todo mundo, mas eu não consigo ver um mundo de patrão e empregado, eu consigo ver um mundo de pessoas com pé de igualdade,

<sup>2</sup> Meeiro corresponde ao agricultor que trabalha em terras que pertencem a outra pessoa. Em geral o **meeiro** ocupa-se de todo o trabalho, e reparte com o dono da terra o resultado da produção.

ninguém é mais do que ninguém, ninguém é superior a ninguém, cada um tem seu jeito de ser, todo mundo tem sua importância, e para isso funcionar tem que distribuir a renda e o poder. Quer um país de paz? Quer acabar com a violência? Então distribui a renda e o poder. O pé de igualdade que prova justiça e é nessa direção que conduzo a minha vida (IPÊ AMARELO).

Foi passando por esse processo de exploração, com uma leitura crítica da realidade vivida, que esses sujeitos, silenciados, considerados dizimados e que hoje reivindicam sua ascendência, foram à luta, através de uma organização coletiva, como descrito a seguir.

## 2.2 Os Movimentos Sociais

No decorrer dos anos 1970, a partir do envolvimento com um dos movimentos da igreja católica, as Comunidades Eclesiásticas de Base (CEBS)<sup>3</sup>, o povo daquela região, a partir de reflexões bíblicas, passou a ter consciência da exploração a que estavam submetidos e perceberam no coletivo uma forma de reverter aquela situação. Foram ligados às CEBs que as agricultoras e agricultores daquela região fizeram o primeiro movimento de emancipação, a Compra Conjunta da Terra:

A gente nunca deixou de refletir a bíblia e sempre participou dos movimentos da igreja. Lá na década de 1970, apareceu o movimento das CEBs e começou a nos orientar no sentido de que rezar era pouco, tínhamos que fazer algo de concreto. Então a gente começou a perceber. A gente estava sendo alertado para fazer alguma coisa que pudesse libertar a gente daquela vida que a gente vivia (IPÊ ROXO).

A Compra Conjunta da Terra, movimento pioneiro no Brasil, foi a organização de um grupo de agricultoras e agricultores que se reuniram, com todas as economias que tinham, e compraram um pedaço de terra que foi dividido de acordo com o que cada um dos envolvidos na compra poderia pagar - no primeiro momento, eram três famílias. A divisão das terras era feita de forma equilibrada, as áreas eram diferentes e levavam em consideração não apenas o tamanho da terra, mas também os

---

<sup>3</sup> A CEBs são comunidades inclusivas ligadas principalmente à igreja católica, que se espalham no Brasil e na América Latina, nos meados dos anos 70 e 80. Essas comunidades se reúnem geralmente em função da proximidade territorial e de carências e misérias em comum, compostas principalmente por membros insatisfeitos das classes populares e despossuídos, vinculadas a uma igreja ou a uma comunidade com forte vínculo, cujo objetivo é a leitura bíblica em articulação com a vida, com a realidade política e social em que vivem e com as misérias cotidianas com se deparam na matriz ordinária de suas vidas comunitárias.

objetivos de cada um, o relevo, o acesso à água, entre outras questões (IPÊ AMARELO).

Após a realização da compra, cada família tomou posse do seu pedaço de terra, recuperou o solo, que na sua maior parte estava degradado, e passou à plantação de alimentos. Após a produção, puderam pagar àqueles que investiram a maior quantia de dinheiro no momento da compra a diferença do valor investido (IPÊ AMARELO).

Paralelamente a esse movimento da Compra Conjunta da Terra, em 1987 nasceu o Centro de Tecnologia Alternativa (CTA), composto por egressos da Universidade Federal de Viçosa (UFV) e apoiado por agricultoras e agricultores rurais da região.

Em 1989, criou-se o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Araponga. Já existia um Sindicato de trabalhadores e trabalhadoras rurais na região, que buscava regularizar o trabalho na terra. O novo sindicato surgiu com o objetivo de incentivar a emancipação e ajudar as agricultoras e agricultores rurais a conquistarem o seu pedaço de terra. Assim, o movimento da Compra Conjunta da Terra tornou-se uma bandeira desse sindicato, que nasceu pelas mãos das agricultoras e agricultores de Araponga. Atualmente, a compra conjunta é organizada e acompanhada por uma secretaria de dentro do sindicato, nomeada Secretaria dos Sem Terra (IPÊ ROXO).

O movimento posterior, que ocorreu a partir do sindicato, foi a Associação dos Agricultores Familiares de Araponga (AFA), com o objetivo de comprar e comercializar produtos em conjunto, posteriormente foi necessária a criação da Cooperativa de Comercialização, para comercializar essa produção. Mais tarde, criou-se a cooperativa de crédito (CRESOL), para legitimar os empréstimos financeiros. Outra ação do sindicato foi a Comissão das mulheres, com o intuito de organizar as mulheres da região (IPÊ ROSA). Entre essas várias ações, estava a Associação EFA Puris, responsável pela Escola Família Agrícola Puris de Araponga. O Ipê Amarelo nos relata parte dessas ações e sua ordem de prioridade:

Primeiro foi a compra da terra, depois foi pagar essa terra, recuperar esse solo que era tudo terra degradada, tinha que produzir para alimentar, tinha que produzir para pagar. E a escola, por exemplo, que é aqui onde estamos, já seria a terceira coisa. Nós não queríamos a escola, nós queríamos primeiro a terra. Primeira coisa é terra, depois alimento, escola não foi prioridade, escola foi 'se puder' (IPÊ AMARELO).

Cresce, então, uma rede de organização e amparo às agricultoras e agricultores familiares de Araponga, através de um movimento coletivo que se configurou por meio da auto-organização.

### 2.3 O movimento Escola Família Agrícola

Todo modelo ou concepção de educação é política e composta por correntes, vertentes, tendências e concepções, enraizadas em culturas e filosofias diversas. Todas elas se referem a uma visão de sociedade e visa formar determinados tipos de sujeitos. Partindo desse entendimento, é que foi feita a escolha de abordar nessa dissertação a ‘Pedagogia da Alternância’, dentro de um modelo de escola comunitária.

Silva (2012), ao abordar o tema *Alternância*, diz que ela encontra-se presente em diversas áreas de conhecimento humano, podendo variar seu significado conforme a disciplina em questão. Sua introdução no léxico das ciências da educação só ocorreu em 1973, apesar de já ser uma prática pedagógica francesa quatro décadas antes. Dentro da própria ciência da educação, existem variações profundas de tipologia e classificação, quando se trata do termo *Alternância*. Galvó (1999) nos apresenta, a partir das visões de G. Maglaive<sup>4</sup> e Gil Bourgeon<sup>5</sup>, alguns modelos de alternância.

---

4 Segundo G. Maglaive (1979) *apud* Galvó (1999), **A falsa Alternância** consiste em deixar espaços vazios durante o período da alternância (podendo ser utilizados para o trabalho ou não), sem estabelecer nenhuma relação entre a formação acadêmica e as atividades práticas. **A alternância Aproximada** é um modelo mais elaborado, incluindo uma organização didática que une os tempos e espaços de formação (escola e atividade), dando-lhes uma coerência. Instrumentos metodológicos e conceituais de observação facilitarão posterior de dados obtidos para um trabalho teórico dentro da sala de aula. A crítica que pode aqui ser levantada é a de que são unicamente utilizados modelos de observação e análise da realidade na qual os jovens terão de trabalhar, sem oferecer-lhes meios para atuar sobre ela. **Alternância Real** é aquela que almeja uma formação teórico-prática global, permitindo que o formando construa seu próprio projeto pedagógico, coloque-o em prática e efetue um análise reflexiva sobre si mesmo. A diferença fundamental que poderíamos detectar com relação ao modelo anterior seria uma implicação muito maior, tanto no âmbito pessoal quanto em relação às demais instituições implicadas. Isto conduz a modelos, atores e sistemas, constitui uma realidade constante.

5 Gilborgeon (1979) afirma que **Altenância Justaposta** consiste em “intercalar diferentes períodos entre atividades e os diferentes lugares, o do trabalho e o estudo”; sem nenhuma relação aparente entre elas. Pode ser um estudante que trabalha ou um trabalhador que estuda, seja qual for sua atividade principal. Existe uma disjunção institucional e didática entre as duas atividades. **Alternância Associativa:** é um modelo em que se “associa a formação profissional com a formação geral”. As instituições que as constituem, tentam organizar numa única formação as atividades teóricas e práticas, dentro de um mesmo programa de formação. Normalmente consiste numa simples adição de estudos e atividades profissionais, com pouca ou nenhuma interação nem transversalidade entre ambos os elementos. **Alternância Copulativa:** o autor a chama assim, sendo que se trata de uma “compenetração efetiva entre os meios de

As instituições que se propõem a trabalhar dentro dessa pedagogia tendem a buscar aproximação com a alternância real ou alternância copulativa, “porque nelas existe uma verdadeira colaboração, cogestão, coabitação, co-ação, onde o meio profissional intervém na escola e esta intervém no meio, com intervenção na educação” (CALVÓ, 1999, p. 21).

Historicamente, a pedagogia da alternância tem seu primeiro movimento em 1935, na França, a primeira *Maison Familiale Rurale* (MFRs) nasce do descontentamento inicial de um filho de agricultor e, mais tarde, de um pequeno grupo de pais e filhos de agricultores de uma aldeia, que não consideravam que o formato escolar urbano francês da época dialogasse com a realidade do campo. Reuniram-se com o apoio da igreja católica, na pessoa do padre da aldeia l’Abbé Granereau, para desenvolver um conceito de educação que fosse mais coerente com a forma de vida do campo. Nesse primeiro movimento, os estudantes ficavam três semanas no ambiente familiar e uma semana na escola, que era um local da igreja. Faziam o curso de agricultura por correspondência e educação geral, ministrada pelo próprio padre.

Fora de estruturas escolares estabelecidas e sem referência a qualquer teoria pedagógica, eles imaginaram um conceito de formação que permitiria a seus filhos educarem-se, formarem-se e prepararem-se para futuras profissões. Eles inventaram uma escola onde seus filhos não se recusariam frequentar, pois ela respondia às suas necessidades fundamentais, próprias da fase da adolescência: agir, crescer, ser reconhecido, assumir um lugar no mundo dos adultos, adquirir status e papéis. Eles criaram empiricamente uma estrutura de formação que seria da responsabilidade dos pais e das forças sociais locais, conhecimento que se encontra na escola e na vida cotidiana. Inventaram uma nova escola, baseada na Pedagogia da Alternância, onde há partilha e integração do poder educativo entre os atores do meio, os pais e os formadores da escola. (GIMONET, 1999, p. 40)

A pedagogia da alternância propagou-se por toda a França, mas apenas após o término da segunda guerra mundial, que durou de 1939 a 1945, esse modelo de instituição ganhou força e se desenvolveu. Como uma proposta educacional que tinha como prioridade fazer sentido para os sujeitos envolvidos no processo, eles fizeram parte da transformação da agricultura francesa entre os anos 50 e 60. Passados 25 anos,

---

vida sócio-profissional e escolar numa unidade de tempo formativo”. Não consiste numa sucessão de tempos chamados teóricos e outros chamados práticos, mesmo se esses se encontram no plano didático. Consiste, sobretudo num processo, podendo ser chamado de interação entre momentos de atividades, uma estreita conexão entre todos os elementos do âmbito educativo, sejam pessoais, relacionais, didáticos ou institucionais. Este tipo de alternância favorece o “projeto pessoal” e coloca o formando como autor em seu meio. Seria a “verdadeira alternância” ou “alternância real” de acordo com G. Malglaive.

de acordo com Gimonet (1999), em 1960, uma lei francesa os reconheceu como uma modalidade pedagógica com sistema de alternância.

Nas décadas de 60 e 70, as instituições que se propunham a trabalhar com a pedagogia da alternância se expandiram, primeiro para o Continente Europeu, depois, Africano, chegando a América do Sul, Caribe, etc. Com essa expansão, foram surgindo novas nomenclaturas, mas sempre numa proposta de trabalhar com a alternância e de manter um diálogo direto com a realidade dos sujeitos envolvidos nos processos educacionais.

No Brasil, algumas das instituições que adotam a pedagogia da alternância são: EFA, Escolas Comunitárias Rurais (ECOR), Casa Família Rural (CFR) e cursos de superiores em Educação do Campo. Nessa dissertação, a proposta foi de estudar a alternância em uma Escola Família Agrícola.

Galvó (1999), no primeiro Seminário Internacional da Alternância, celebrado na Bahia, definiu de forma sucinta o que configura uma EFA e o seu objetivo:

**Definição:** Uma EFA é uma Associação de Famílias, Pessoas e Instituições que buscavam solucionar a problemática comum de evolução e do desenvolvimento local, através de atividades de formação, principalmente dos jovens sem, entretanto, excluir os adultos.

**Objetivo:** Facilitar os meios e os instrumentos de formação adequados ao crescimento dos educandos, estes constituindo os principais protagonistas da promoção e do desenvolvimento integral (profissional, intelectual, humano, social, econômico, ecológico, espiritual) e de todo o processo de formação (GALVÓ, 1999, p. 17).

Partindo da definição e do objetivo supracitado, entende-se que a EFA é uma instituição que parte de uma organização do lugar, ou seja, através da associação das famílias, pessoas e instituições na busca de soluções de problemas é que se funda uma escola, com relação direta não só com os estudantes, mas também com a comunidade em geral. Seu ideal é tratar os estudantes como principais protagonistas da promoção e do desenvolvimento integral, levando em consideração as experiências do educando, enquanto sujeito que traz conhecimento de onde vem, onde a escola torna-se lugar de troca de conhecimento e experiência e não local apenas de receber conhecimento.

A EFA foi implantada no Brasil, inicialmente, no Espírito Santo, como projeto pastoral do padre Humberto Pioto Grande, com forte ligação com a Itália, no

final dos anos 60. A sua implantação foi relacionada a uma questão estrutural e motivacional da igreja católica, bem como devido à crise do café, que afetou os imigrantes italianos, visando melhorar a qualidade de vida e promover uma adaptação às formas de trabalhar no Brasil, com a oportunidade de convênio técnico, financeiro e de formação com a Itália (CAVALCANTE, 2007).

Atualmente, no Brasil, existem 112 EFAs em funcionamento e 44 em implantação, com um contingente de 10.779 estudantes atendidos, 25.400 famílias em 2.818 comunidades rurais, sendo que 14 EFAs estão localizadas em Minas Gerais (UNEFAB, 2016). As EFAs do Brasil e do mundo, teoricamente, baseiam-se em quatro pilares de aplicação conjunta, cada pilar com sua importância e mantendo complementaridade entre eles, como nos aponta Galvó:

Uma Associação responsável nos diversos aspectos: econômicos, jurídicos, gestão etc. Uma metodologia pedagógica específica: a Alternância integrativa entre o meio sócio-profissional e o centro escolar; ela não se limita ao tempo de aprendizagem, mas seus fundamentos estão baseados na experiência que visa alcançar a ciência com as contribuições complementares das correntes pedagógicas da chamada “nova escola” ou “pedagogia ativa”, mas mantendo, entretanto, suas características próprias. A educação e a formação integral da pessoa, contribuindo para que o jovem construa a sua personalidade e seu futuro junto com a família e no meio em que vive. O projeto profissional sempre esteve presente; isso graças ao internato e ao pequeno grupo de alunos, pode-se ter um acompanhamento personalizado dentro do grupo, junto à uma equipe de formadores chamados “monitores”, constituirão os colaboradores principais.

O Desenvolvimento do meio local, através da formação de seus próprios atores. Não é possível separar o desenvolvimento da formação e da atuação dos jovens com suas famílias, separar suas comunidades de seu meio. O contrário suporia que a formação seja um elemento a mais de exclusão, expulsão perante aqueles que foram capacitados para serem atores privilegiados do desenvolvimento. (GALVÓ, 1999, p. 16).

Ao analisar os pilares em que se baseiam as EFAs, verifica-se que, no primeiro olhar, é possível identificar certa padronização, mas se pensarmos na lógica de ser o sujeito a primeira pessoa do processo e o desenvolvimento local como objetivo, por certo, não encontraremos, ou não deveríamos encontrar, padrão dentro desse modelo de instituição, pois cada comunidade terá seus costumes, sua forma de gerir, sua diversidade cultural, sujeitos que pensam e agem de formas distintas e ainda suas formas e intensidades de resistência. Sendo assim, apesar de terem pilares norteadores, as EFAs terão características diferenciadas, por estarem inseridas em comunidades dissemelhantes. Corroboro as ideias de Benedict (2013), que defende que cada cultura

realiza suas escolhas e valoriza um determinado segmento do grande círculo de possibilidades humanas.

Segundo Ipê Amarelo, o movimento EFA surgiu na região de Araponga, em 1990, através do Arcebispo Dom Luciano, que já tinha um conhecimento sobre o movimento de Escolas Famílias Agrícolas que, em sua maioria, eram ligadas à igreja católica. O Arcebispo fez um convite aos agricultores da região e o grupo se reuniu em Ponte Nova para discutir a possibilidade de abertura de uma escola nesses moldes na região. Lá se definiu o primeiro estatuto social para reger as EFAs da Zona da Mata.

A partir dessa iniciativa, houve algumas tímidas tentativas frustradas, como podemos perceber pela fala do Ipê Amarelo:

Fizemos uma tentativa de ser em Viçosa, mas não teve acordo com o prefeito de Viçosa da época, tentamos em Piranga no colégio de irmãs, funcionou primeiro em Piranga, mas lá era dentro da cidade, aí não deu certo, mas formou uma turma de quinta a oitava série na época, depois tentamos em Jequiri, e voltamos para Viçosa.

Na segunda tentativa, na cidade de Viçosa, em 1997, criou-se a então Escola Comunidade Educativa Popular Agrícola. Com sua base na pedagogia da alternância, a escola tinha sede num espaço da Fundação Marianense e atendia estudantes que cursavam as séries finais do ensino fundamental (o que na época correspondia da quinta à oitava série, hoje se usa a nomenclatura de sexto ao nono ano). Essa escola funcionou por apenas dois anos (1997 e 1998). Devido a desentendimentos entre o representante da igreja e os membros da associação, ela foi encerrada (IPÊ ROSA).

As Escolas Famílias Agrícolas tem uma gestão que é feita por uma associação de agricultores. E por mais que os representantes da igreja soubessem disso, tinha um padre que queria que essa associação seguisse as normas da igreja, como se o padre fosse um 'patrãozinho' da associação, tinha um tanto de decisões que eram tomadas e que ele não concordava. Então, nosso povo aqui é assim, trabalha, faz muitas coisas, mas se perceber que não está tendo autonomia de fato, eles não fazem e não adianta, não convence o nosso povo assim. Então o pessoal de Araponga, que era a grande base dessa escola, bateu em retirada e veio embora, simplesmente deixou a instituição. A escola acabou. Não houve negociação. Só que esses agricultores vieram embora com um sentimento grande, porque houve toda uma discussão, um trabalho de base, eles construíram casa, reconstruíram, fizeram sala de bambu, a propriedade estava linda, produtiva e a escola funcionando. Mas por não ter um acordo entre a associação e esse padre que era da Fundação Marianense a escola foi encerrada (IPÊ ROSA).

Por mais que as EFAs, desde seu início tanto na Europa quanto no Brasil, estivessem ligadas a igreja católica, os representantes da comunidade inseridos na associação da escola e envolvidos no processo de sua constituição, entendiam que a escola não deveria ser lugar de doutrina, como acontecia na igreja. Acreditavam que para construir uma escola capaz de dar suporte aos estudantes para serem sujeitos autônomos e emancipados, essa instituição não poderia ser lugar de obediência religiosa, entre outras questões, pois os sujeitos, tanto estudantes como membros da associação, eram de religiões diversas (IPÊ AMARELO).

A igreja passou a achar que as EFAs tinham que ter a religião católica, esse é um exemplo simples do que aconteceu lá. Então, como você discute povo impondo uma religião? E aí começa a divergir, porque nós temos estudantes que são de várias seitas, de várias culturas, vários espaços, que não conseguiram ser absorvidos da forma que estava, e a escola passa a ser excludente. Quando se fala de movimento de EFA, de acolher, de formação para vida, da questão cultural, de levar em conta o ser humano, como não discutir essas questões? (IPÊ ROSA).

Mesmo interrompendo o processo da escola Comunidade Educativa Popular Agrícola em Viçosa, os sujeitos não interromperam o seu processo de formação e aprendizagem no movimento das EFAs. Os estudantes que precisavam de uma solução imediata foram em busca de outra instituição educacional para continuar seus estudos naquele momento, concluindo o ensino fundamental no Centro de Educação Continuada (CESEC). Já os membros da associação e pessoas da região, continuaram acompanhando o movimento das EFAs. Divididos entre vários movimentos sociais, eles acompanharam as EFAs de Minas Gerais e a criação da Associação Mineira das EFAs (AMEFA). Um desses sujeitos tornou-se o presidente da AMEFA, antes mesmo de ter uma EFA que atendesse a sua comunidade.

## **2.4 A Criação do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro e o Plano de Desenvolvimento Local (PDL)**

Em Setembro de 1996, o governo do Estado de Minas Gerais decreta a criação, após praticamente vinte anos de abandono governamental na região, do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro, abrangendo Serras do maciço rochoso que abrange o município de Araponga, bem como de mais oito outros municípios vizinhos. A culminância desse processo de criação foi calcada por larga, e ao mesmo tempo profunda, participação da coletividade local. Essa participação social deu-se como tensão, depois tradução e aí sim, como negociação, conforme as definições de educação intercultural à nota de número 3 à página 21, entre vários e diferentes sujeitos, autores, atores e

agentes, provocando, ao menos no segmento popular, um crescimento de sua autoestima e de seu orgulho de ser. (BARBOSA, 2005, p. 37)

No primeiro momento, foi feita uma demarcação do território do parque considerada inapropriada pelos moradores da região. A demarcação original atingiria a propriedade de muitas famílias de Araponga e região, além de atingir boa parte da sede da cidade, propriamente dita. Então, as agricultoras e agricultores de Araponga, juntamente com o Sindicato e o CTA, resolveram interferir nesse processo. Houve uma mobilização dos nove municípios (Sericita, Pedra Bonita, Divino, Fervedouro, Ervália, Miradouro, Muriaé, Rosário da Limeira e Araponga) que se localizavam na área de abrangência do parque para definir planos e estratégias para conseguirem uma remarcação do lugar, de forma que a comunidade fosse parceira do parque e não atingida, invadida por ele. Como aponta Ipê Rosa e Barbosa,

Na época, o CTA e o Sindicato tinham uma discussão bastante forte no município e numa reunião em uma comunidade o povo estava falando de preservação, conservação de solo [...] um agricultor se levantou e perguntou: mas pra quê nós vamos conservar terra se é para o governo tomar? (IPÊ ROSA).

Isso significa que essa formação social viu crescer a valência do poder próprio, uma vez que, apesar do caráter restritivo do conceito de Unidade de Conservação em pauta, um parque, por definição de uso indireto, não houve desapropriações de famílias de pequenos agricultores familiares. Essa não desapropriação foi a bandeira social erguida pelo movimento de trabalhadoras rurais que desembocou em uma inovadora metodologia de delimitação do parque. Esse processo de criação do parque Estadual da Serra Brigadeiro vem sendo hoje considerado como um dos mais efetivamente participativos de todo o Brasil. Esse orgulho popular desemboca também na intervenção nas Políticas Públicas através da promoção de uma grande mobilização em defesa da vida e do meio ambiente, centrada na temática da saúde alternativa, do combate ao uso de agrotóxicos, da educação ambiental e da promoção pública da agroecologia. Surgiu, então, a emergência do inesperado, daquilo que nem era considerado meramente um resto de uma cultura já morta. Na realidade, as Serras, ao virarem logo da Escola Família Agrícola Puris de Araponga, geraram uma relação significativa que rearticulou outras e se rearticulou com outras. Ou seja, a conversão das Serras em parque fortaleceu a inversão de uma lógica histórica e alargou possibilidades alternativas contra-hegemônicas insuspeitadas. Muito embora outras dimensões da inteligibilidade gerada sejam tão ou mais importantes, especificamos, por exemplo: ser Puri facilita a retomada de uma relação arcaica com a natureza, o que fortalece a tessitura agroecológica. Ser Puri manifesta, mais uma vez, a resistência de uma etnia de agricultores familiares diante de novo susto de desagregação social com a possível desapropriação de terras (BARBOSA, 2005, p. 38).

Através desse primeiro movimento de resistência, houve uma união de forças entre Sindicato, CTA, Prefeitura de Araponga e Fundação Banco do Brasil, para elaboração de um diagnóstico juntamente com o povo, chamado Plano de

Desenvolvimento Local. Através desse plano, foi possível não só a remarcação do parque, como também abriram espaço para outras questões consideradas importantes para a comunidade local. No PDL apareceram várias demandas relacionadas à saúde, à assistência social e, entre outras questões, foi trazida à tona a discussão sobre a educação (IPÊ ROSA).

Prevê-se a elaboração do Plano de Manejo para efetiva implementação do referido parque, para o qual está constituído um Conselho Gestor com participação popular. Essa articulação consolidou-se em Agosto de 2000, no 'Simpósio Contribuições para a elaboração do Plano de Manejo Integrado e Participativo do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro e Entorno'. Foram necessários toda uma série de mediações estratégicas de articulação entre entidades sindicais, organizações não-governamentais, governamentais e universidades para que se pudesse debater democraticamente as perspectivas preservacionistas e conservacionistas", bem como suas implicações regionais e planetárias. E, tudo isso apenas para que trabalhador@s rurais se fizessem ouvir (BARBOSA, 2005, p. 42).

Nesse diagnóstico, o povo claramente expôs que o modelo de educação vigente não os atendia, que eles queriam uma escola que se aproximasse da realidade vivida por eles. No primeiro momento, não surgiu o nome EFA, mas por já existir uma trajetória no movimento, chegou-se à conclusão da necessidade da criação de uma EFA na região de Araponga, como elucida Ipê Rosa:

Não falava que era uma EFA, mas que a escola que estava aí não estava boa, que queria a questão da educação e foram falando várias questões. Aí o povo saca, espera aí, mas eles estão falando de uma escola que nós conhecemos, aí o pessoal vai e fala dessa proposta, isso entra lá no PDL de 2001, a Escola Família Agrícola.

## **2.5 EFA Puris Araponga**

No mesmo ano de 2001, através do movimento da Compra Conjunta da Terra, 29 (vinte e nove) famílias compraram uma propriedade com 84 hectares, nomeada de Novo Horizonte. Nessa compra, definiu-se que seriam separados 2 (dois) hectares para a construção da sede da EFA Puris Araponga daquela comunidade. Se em outro momento a escola estava em terras de outrem – no caso da igreja – e era um problema, no sentido de pertencimento, agora isso já não seria a questão.

Meu irmão ficou então nesse movimento das EFAs, até para Europa ele foi, cubando as Escolas Famílias Agrícolas. Chegou a um ponto que ele mesmo ficou desanimado, chegou um dia que ele disse que iria parar, porque não estava rendendo. Quando nós compramos essa terra aqui em 2001, nós

falamos: vamos comprar uma terra e vamos tirar um pedaço para criar uma Escola Família. Eu falei com ele: nós vamos criar uma EFA aqui em Araponga, você andou o Brasil aí discutindo isso, e agora nós vamos criar uma aqui (IPÊ AMARELO).

Ipê Rosa nos conta que assim que foi efetivada a compra do terreno e demarcada a parte que seria destinada à EFA, os antigos membros da Associação da Escola Comunidade Educativa Popular Agrícola, que funcionava no terreno da Fundação Marianense, resolveram buscar a documentação que estava em Viçosa. Como os membros eram os mesmos, a associação permaneceu a mesma de tempos anteriores, só que agora eles trariam a associação para Araponga.

Buscou o CNPJ, o estatuto, o Regimento, a ata e o livro de presença, foi tudo que eles trouxeram de lá, e uma dívida porque a associação ficou parada; legalizou essa associação e a transferiu para Araponga, em 3 de março de 2002 (IPÊ ROSA).

O processo de transferência ocorreu de forma harmônica, porque a associação já estava em nome de pessoas do município de Araponga, que buscaram os documentos, convocaram uma assembleia e transferiram a associação. Desse modo, a associação da EFA Puris Araponga, é a mesma de meados de 1996, da Comunidade Educativa Popular Agrícola (IPÊ ROSA).

A partir da compra do terreno e da transferência da associação, começaram as discussões da EFA. Mas não existiam, naquele momento, recursos para a construção dos prédios da sede. Ipê Amarelo nos fala como foi esse momento:

Quando a gente comprou a terra, não sabíamos de onde viria o recurso para construção, Deus sabia de onde iria vir. Primeiro nós pensamos no projeto, depois o dinheiro apareceu. Tem um punhado de luta, de doação, de pensamento de um e de outro, de várias pessoas, não teve uma pessoa específica, tem muita coisa aqui que não tem recurso público envolvido, tem muita doação das pessoas mesmo, se não, não tinha essa estrutura que nós temos aqui hoje (IPÊ AMARELO).

Em 2003, o governo federal, ciente dos problemas de desigualdade, da carência das áreas rurais e da constante migração para os centros urbanos, resultante do histórico planejamento governamental a partir do cenário urbano, cria o Programa de Desenvolvimento Sustentável de Territórios Rurais (PRONAT). O objetivo era o desenvolvimento de um Brasil rural, impulsionado pela mobilização social, uma vez

que estava comprovada a persistência interligada da pobreza rural e da desigualdade social e regional (SANTOS e ALENCAR, 2014).

O território rural foi uma forma de se discutir projetos com vínculos territoriais, espaço de articulação de políticas públicas, onde os cidadãos faziam parte da gestão, para tentar amenizar a desigualdade de poder e diminuir as disparidades econômicas dos territórios, foi uma forma de dar horizontalidade no poder público. Com a criação dos territórios rurais, Araponga passa a pertencer a um desses territórios de Minas Gerais.

Em 2003, já vem alguns recursos que eram para pensar projetos coletivos, só que nosso povo não estava preparado para pensar projetos coletivos, nem tinha noção o que era pensar um território, já de cara o povo pensa: nós vamos demandar recurso para construir uma EFA. Mobilizou, fez uma planta, levou (aos órgãos responsáveis), tinha que passar pelo conselho municipal (CMDRS). Só que nem aqui o conselho tinha entendimento, nem o território, e a gente então não consegue recurso no ano de 2003 (IPÊ ROSA).

No primeiro momento, após a criação dos territórios rurais, em 2003, não foi possível aprovar o recurso para a construção dos prédios da EFA, pois faltou elaborar uma proposta consistente e que se fizesse entender naquele momento. Os envolvidos na proposta, e interlocutores dessa pesquisa, fazem atualmente uma leitura de que a reprovação ocorreu por falta de entendimento por parte daqueles que a receberam para análise e votação.

No ano seguinte, em 2004, fizeram uma organização da proposta que foi apresentada. Ipê Rosa acredita que o fato de conseguirem falar com mais segurança do que era o movimento EFA influenciou na receptividade e aprovação da proposta pelo território naquele ano. O primeiro recurso para a construção do primeiro prédio foi aprovado no ano de 2004. Em 2005, houve uma segunda aprovação para a construção do segundo prédio.

Nesse meio tempo, houve a discussão sobre a documentação. Quais documentos eram necessários para autorização da construção da sede e para começar a escola? A Associação EFA Puris já tinha uma noção, pois já havia realizado várias visitas a outras EFAs que já funcionavam. O próximo passo seria contratar um pedagogo para implantar a escola. Nesse momento, esbarraram em outra questão, pois não havia recursos para essa contratação.

Foi onde eu cheguei no ano de 2004, eu digo que me desafiaram a construir uma escola e eu vim para cá ajudar a implantar essa escola. Quando eu

cheguei aqui eu tinha ensino médio e me desafiei a ser pedagoga e junto com a associação de agricultores implantar uma escola. A gente foi passando por tramites de construção de calendário, de matriz e de toda documentação que a escola precisava para iniciar. Eu fazia pedagogia só na prática, aprendi a fazer escola, todos os documentos dessa escola eu aprendi e fiz (ajudei a fazer), sem ser pedagoga (IPÊ ROSA)

Em 2008, a Associação EFA Puris definiu que iria, de fato, começar a escola com autorização ou sem autorização. Esbarraram, então, na questão da legalidade, Ipê Rosa, apesar de saber todos os processos da escola, não podia coordenar a instituição, porque não tinha a formação exigida (curso superior em pedagogia) para tal função. Então, formou-se uma equipe e Ipê Rosa passou a ser a secretária, embora ajudasse na administração e coordenação pedagógica, por ser uma das pessoas da equipe que tinha maior envolvimento com as questões relacionadas à Pedagogia da alternância. Ipê Rosa nos relata o seu processo de formação acadêmica:

A gente tinha professores que sabia dar aula de português, matemática..., mas a parte da pedagogia (da alternância) era a que mais pegava, essa coisa de conviver no internato e estar com os meninos. Em 2008, eu passei no vestibular que era no LECAMPO da UFMG, e eu não fui, pela distância, pelo tempo que era pra ficar, mas eu resolvi estudar e fui fazer um curso de pedagogia, cursei de 2008 a 2011. E em 2014 eu voltei para universidade para cursar Licenciatura em Educação do Campo, na UFV (IPÊ ROSA).

Os interlocutores nos relataram que a Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais (SEEMG), nesse primeiro momento, não autorizou o funcionamento da escola. Segundo os envolvidos, isto se dava pela dificuldade de compreender o funcionamento das EFAS e por uma resistência com esse formato de escola. O processo foi longo para obter autorização e para tirar a construção (física) do papel. O primeiro projeto aprovado no Território, em 2004, levou quatro anos para sair do papel. Só em 2008, a sede atual começou a ser construída.

Como não havia ainda a construção e a Associação já tinha definido que a escola funcionaria a partir de 2008, eles procuraram um agricultor e pediram para ceder a sua casa para o início das aulas. A escola teve sua primeira sede na casa do Sr. Cosme Damião e da sua esposa. A EFA Puris nasceu na casa de agricultores, a primeira sala de aula foi debaixo de um pé de manga, depois foi uma sala de bambu e, posteriormente, uma sala de concreto.

Então, nós passamos 2008 construindo essa casa e construindo essa escola, começamos na marra. Cheguei cedinho na casa do compadre Cosme, já tinha rodado por aí caçando casa, o prefeito queria desviar a gente para uma escola velha, do outro lado do município, já estava construída, fomos lá pra ver,

com o secretário da AMEFA, com o dinheiro na conta para construir. Então nós falamos: Nós queremos, é aqui mesmo (na comunidade Novo Horizonte).

Cheguei ao compadre Cosme e falei com ele: mora só você e sua esposa em casa, e eu vim falar que estou precisando da sua casa para começar uma escola, estou indo lá no Divino defender o projeto e preciso da sua resposta. Ele falou: a mulher (esposa) não está em casa, está fazendo caminhada.

Eu falei: a Rosânia vai amanhã para o Divino e você manda a resposta por ela.

No outro dia, a Rôsanía foi e levou a resposta: Pode começar a escola (IPÊ AMARELO).

A escola começou passando por muitos problemas, mas no final de 2008 conseguiram a autorização e já tinha a sede construída. Mudaram para o prédio atual em 2009, mas as dificuldades não cessaram. Não havia recursos financeiros para manter a EFA, havia dificuldades com a água que sempre faltava, a terra não produzia porque a máquina que havia passado para a construção do prédio tinha raspado toda a matéria orgânica, além de enfrentarem o preconceito da sociedade.

Diziam que os meninos não podiam ir pra EFA para aprender a plantar couve, aprender a capinar, cortar minhoca e assim por diante. O ano de 2009 foi um ano duro, mas foi o ano de maior amadurecimento. Os que trabalhavam na EFA chegaram a ficar mais de 6 meses sem remuneração, mesmo assim, mantiveram a escola funcionando (IPÊ ROSA).

Ipê Rosa relata que o ano de 2009 foi considerado por eles como o ano da resistência, resistiram com uma equipe que doava o trabalho e que não tinha o dinheiro para alimentação da escola. Eles saíam de carro, enchiam o bagageiro com doações (chuchu, abóbora, abacate, banana, o que tivesse), para que a escola pudesse funcionar em regime de internato. Eles traçaram metas para um amadurecimento e o ano de 2010 começa com outro olhar e com dois projetos para melhorar o funcionamento da escola, sem recurso financeiro, mas com boa vontade da comunidade.

Construíram primeiro um sistema de água, pois era o que mais dava problema na parte de estrutura física, ele foi resolvido no início de 2010, iniciaram o projeto sem recurso financeiro e quando terminaram ele estava pago através de doações. O segundo projeto foi a construção da casinha, para ser uma sala de aula do terceiro ano, foi uma sala construída com materiais doados, uma casa que foi demolida e fizeram o reaproveitamento do material, e mão de obra voluntária, em pleno carnaval (IPÊ ROSA).

A partir disso, a gente percebeu o quanto a gente era capaz e a gente sabia quais eram os caminhos que precisávamos seguir, e a gente passou a mobilizar várias questões. Começamos a mobilizar também em 2010 os projetos de turmas, que são os projetos que os estudantes passaram a desenvolver conosco, onde cada turma tinha um projeto, esse projeto tinha que ser pensado como uma área experimental da escola, porque a escola tinha muita necessidade disso e esse projeto ficava para as turmas que viriam. Não poderia ser um projeto bonito apenas para ser da turma, mas tinha que ser um projeto que perpassasse pelos aprendizados da escola (por administração, empreendimento, zootecnia, construção, matemática e assim por diante) e que ficasse na memória deles, mas que também como um espaço para escola utilizar (IPÊ ROSA).

Assim, foram nascendo projetos de turma e a escola se autoafirmou, a partir de 2010 começou a ter um número maior de estudantes, maior confiança das famílias na escola, melhorou a questão do recurso, a escola conseguiu começar a pagar as dívidas e melhorar a estrutura. Em 2009, aprovaram duas propostas no território, e outra em 2010, todas elas destinadas à ampliação da estrutura física da EFA.

Nós começamos nosso processo aqui gradativo, começou com uma turma de primeiro ano, depois primeiro e segundo, depois primeiro, segundo e terceiro. Hoje a gente trabalha com três turmas, de ensino médio com técnico em agropecuária. A escola já começou com os dois cursos, que se chama concomitante, tem dois cursos juntos, quem forma aqui, sai com o ensino médio e o curso técnico em agropecuária por alternância (IPÊ ROSA).

\*\*\*

Após acompanhar a história da construção da EFA Puris de Araponga, verifica-se que o processo de aprendizagem na prática cotidiana dessa comunidade é relacional, aliado ao fazer e ao viver, partindo do envolvimento dos sujeitos. Essa leitura é possível pois percebe-se o envolvimento e a participação popular, presentes na reivindicação do reconhecimento da ascendência de índios Puris, que os faz resgatar aspectos como a resistência, o cuidado com a terra, a organização em grupo e a participação em movimentos sociais que os tiraram de uma situação análoga ao trabalho escravo.

A instituição educacional construída por eles é singular, por ter características específicas daquela comunidade. O percurso percorrido representa não apenas a constituição da escola, mas vários movimentos e forças, onde a escola é mais uma das conquistas e, em uma ordem de prioridade, não ocupa um lugar de primeira importância, mas é consequência de posicionamentos políticos, de luta e resistência para construção de uma comunidade mais justa e igualitária.

A persistência e a aprendizagem tornaram esta escola possível, a partir da percepção da necessidade de uma instituição educacional que os representasse, sendo eles agricultores e agricultoras familiares. A reivindicação e a disposição para se transformarem favoreceu um processo de formação em prol de uma escola com uma estrutura e conteúdos que dialogassem com a vida do campo, com um currículo e uma linguagem que fizessem sentido para aqueles sujeitos.

Tendo em vista o sentido da história desse lugar, a seguir será apresentado o desenho atual da EFA Puris de Araponga. Com as raízes fundadas em solo fértil, são inegáveis os frutos da luta descrita acima.

### 3 O DESENHO DOS DIAS ATUAIS DA EFA PURIS DE ARAPONGA

**Figura 6** - Entrada da EFA Puris de Araponga



**Fonte:** Registro da pesquisa de campo, 2017.

#### 3.1 Dinâmicas de Funcionamento

A EFA Puris Araponga oferece o curso técnico em agropecuária integrado ao ensino médio, em regime de alternância. Numa dinâmica de ciclos, que instaura tempos e espaços distintos, num cotidiano que alterna contexto escolar e contexto familiar e comunitário, os estudantes cumprem quinze dias de aulas presenciais, em regime de internato no meio escolar, e quinze dias no meio familiar.

As quinzenas são organizadas da seguinte forma: eles chegam à escola numa segunda-feira, permanecem até o sábado ao meio dia. Em seguida, vão para suas casas, onde ficam o restante do sábado e o domingo, retornando para a escola na segunda-feira de manhã. Ali permanecem até a sexta-feira, no final da tarde. Depois, seguem para a quinzena no meio familiar, onde permanecem até o retorno para próxima quinzena do meio escolar. No total, durante o ano letivo, os estudantes cumprem 10

(dez) quinzenas no meio escolar e 9 (nove) no meio familiar, totalizando 200 (duzentos) dias letivos, como preconiza a Lei de Diretrizes e Bases da educação (LDB), lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

### 3.1.1 Estrutura Física

A estrutura física é composta por quatro prédios, onde os sujeitos sociais vivenciam o cotidiano escolar.

- **Primeiro Prédio**

- **Cozinha**

No primeiro prédio se encontra a cozinha, onde são preparados e servidos os alimentos. Internamente, ela é composta por um fogão industrial, uma pia, um congelador, um armário e uma dispensa. Na parte externa, eles contam com tanques, um fogão à lenha e uma varanda de bambu, construída recentemente, através de uma parceria entre um estudante da UFV, estudantes e monitores da EFA Puris. Essa cozinha tem uma porta e uma bancada que dá acesso ao refeitório.

- **Refeitório**

Ainda no primeiro prédio, com acesso pela cozinha e pelo pátio, fica o refeitório, que é mobiliado por grandes mesas e cadeiras para os estudantes realizarem as refeições. O chão é feito de cimento queimado e as paredes têm pinturas feitas com tintas de solo, que fazem referência e agradecimento ao alimento e à sustentabilidade. Nesse mesmo refeitório se encontra a entrada para um pequeno quarto de apoio para os monitores e uma porta de acesso ao pátio.

**Figura 7** - Fogão à lenha da EFA Puris



Fonte: Registro da pesquisa de campo, 2017.

**Figura 8** - Pintura de solo da parede do refeitório



Fonte: Registro da pesquisa de campo, 2017.

### ▪ **Pátio**

O pátio, que também compõe o primeiro prédio, é um local coberto por telhado, com chão de cerâmica e aberto nas laterais, nas suas paredes encontram-se quadros onde são afixados cartazes, avisos e horários de aula. Esse espaço faz a ligação entre o refeitório e o corredor que dar acesso à secretaria e a uma sala de aula. Ele é mobiliado com mesas grandes, utilizadas no momento das refeições, na realização de trabalhos escolares, jogos etc. Uma dessas mesas é a roda de um carro de boi, que tem um significado especial para os sujeitos dali, por ter sido utilizada como a primeira lousa da primeira sala de aula da EFA Puris, quando as aulas ainda aconteciam debaixo de um pé de manda.

O pátio é lugar de encontro nos tempos disponíveis, no momento de estudo, de realização de trabalhos, de conversas e de orações. No pátio também está disposto o sino, que fica pendurado bem no centro desse espaço e que demarca os tempos da escola.

### ▪ **Sala de aula do primeiro ano**

Ainda no primeiro prédio, se encontra a sala de aula do primeiro ano, com paredes em amarelo claro e chão de cimento queimado, mobiliada com mesas, cadeiras e carteiras. As paredes são cobertas por trabalhos e atividades produzidas pela turma, estabelecendo uma relação com os estudantes que a ocupam. No corredor há dois sanitários, um masculino e um feminino.

### ▪ **Secretaria**

No mesmo corredor, tem uma porta para a secretaria, que comporta também a direção, a coordenação pedagógica e toda a parte administrativa. Esse espaço é de constante movimento. Apesar de ser reservado para um trabalho administrativo e pedagógico, o fluxo de estudantes é constante, eles têm acesso facilitado e sempre que entram ou saem da escola passam por ali para comunicarem, se precisam de algo, se não se sentem bem, ou se precisam tirar dúvidas. A secretaria tem uma janela lateral, o que a deixa clara, com uma mesa de computador que faz uma bancada que delimita o acesso dos que não são funcionários, e outra mesa lateral, sempre com muitos documentos. Na

parede oposta da janela, um grande armário cheio de pastas, documentos e troféus. Nesse espaço o fluxo de trabalho é intenso e a impressão é de estar em atividade constante. A secretaria é composta também por um banheiro que atende a esses profissionais.

- **Segundo Prédio**

O segundo prédio é composto por duas salas de aula, do segundo e do terceiro ano, o chão de ambas as salas é de cerâmica, as paredes na cor amarelo claro são cobertas por atividades e trabalhos escolares das respectivas turmas. Além de salas de aulas, esses espaços são utilizados para reuniões com a comunidade, entrevistas, etc.

- **Terceiro Prédio**

O terceiro prédio foi o último a ser construído, sua estrutura tem formato de “L”. Ele é composto por dois andares e na parte externa tem a cor verde.

- **Biblioteca**

Na parte inferior do terceiro prédio fica a biblioteca, ela conta com um espaço amplo, internamente com paredes brancas, possui janelas grandes que a deixam bem arejada, várias estantes com livros, na verdade, mais livros do que estantes, pois vários deles formam pilhas no chão. A biblioteca é mobiliada com mesas e cadeiras para estudo. Apesar de parecer bastante acolhedora, parece ser um lugar pouco utilizado pelos estudantes, é sempre um lugar calmo, utilizado para reuniões e entrevistas, mas o fluxo de pessoas é pequeno.

Ainda na parte inferior, do lado contrário à biblioteca, há um estacionamento, que fica sempre cheio de motocicletas dos estudantes e monitores nos dias de aulas.

- **Alojamentos**

Na parte superior desse terceiro prédio, em cima da biblioteca, está localizado o alojamento feminino, duas das suas paredes têm janelas em toda a sua

extensão e ele é mobiliado com um conjunto de camas solas e beliches. Esse mesmo alojamento conta com a parte dos banheiros, composta por um hall onde fica um roupeiro de aço para as estudantes guardarem seus pertences, um espelho de corpo inteiro e uma mesa de apoio. Dentro desse espaço, há uma subdivisão de dois banheiros, cada um desses banheiros conta com um chuveiro, uma pia e dois vasos sanitários. Em cima do estacionamento, está localizado o alojamento masculino, com estrutura e móveis similares ao alojamento feminino, porém mais amplo, pelo maior número maior de estudantes do sexo masculino a serem alojados.

- **Quarto Prédio**

A quarta construção é a casinha, da qual já fiz referência anteriormente. Ela foi construída pelos membros da associação para ser a sala de aula do terceiro ano e hoje é utilizada para atividades diversas, como: serões, colocações em comum, secagem de cebola, entre outras. Suas paredes externas são feitas de tijolinhos de barro expostos e, internamente, são revestidas com pinturas com tintas de solo feitas por estudantes e que retratam questões da realidade do campo e da escola.

**Figura 9** - Parte externa da casinha



**Fonte:** Registro da pesquisa de campo, 2017.

**Figura 10** - Parte interna da casinha, secagem de cebola



Fonte: Registro da pesquisa de campo, 2017.

- **Outros espaços**

Além da estrutura de prédios descrita, a escola conta com outros espaços, como: campo de futebol, pomar, horta, mandala de plantas medicinais, minhocário, galpão de cunicultura, casa de sementes crioulas, sala de aula da árvore e terreiro.

A EFA Puris de Araponga tem toda uma estrutura física que possibilita o acontecimento das aulas teóricas e práticas, relacionadas ao currículo básico comum, assim como aos conteúdos curriculares do curso técnico agrícola, além de contar com uma organização que direciona e possibilita o funcionamento da escola. Na próxima seção, é apresentada a organização das turmas.

**Figura 11 - Minhocário**

Fonte: Registro da pesquisa de campo, 2017.

**Figura 12 - Casa de sementes crioulas**

Fonte: Registro da pesquisa de campo, 2017.

### 3.1.2 Organização das turmas

A escola trabalha, atualmente, com três turmas, sendo uma turma do primeiro ano, uma turma do segundo ano e uma turma do terceiro ano do ensino médio, que é cursado concomitantemente com o curso técnico agrícola. A estrutura da escola comporta um total de 75 estudantes e hoje a média são 25 estudantes por turma.

As turmas têm composições mistas, com pessoas de ambos os sexos. Apesar de ser marcante a presença da mulher na EFA Puris, as turmas são compostas por um número maior de pessoas do sexo masculino. Não há divisão de homens e mulheres quando se trata das tarefas a serem realizadas, nas aulas teóricas e práticas ou em outras questões que tratem das práticas pedagogizadas. A separação ocorre nos alojamentos, onde é estritamente proibida a entrada no alojamento do sexo oposto e em outros âmbitos da vida cotidiana<sup>6</sup>.

As turmas se dividem nos tempos destinados as aulas teóricas e práticas previstas no currículo, mas vários dos tempos do cotidiano escolar são compartilhados pelas três turmas, conjuntamente, como: horários de refeições, tarefas de limpeza, serões, bem como o tempo disponível.

### 3.1.3 A marcação dos tempos no meio escolar

A escola tem seus tempos muito bem definidos, dentro de uma estrutura fixa, apesar da flexibilidade na construção da grade de horários de cada disciplina. Quinzenalmente, as aulas são ofertadas em quantidades e horários diferentes, de acordo com a necessidade e a organização dos professores e da direção, que se reúnem e definem essa estrutura no final de cada quinzena. Quando os estudantes chegam à escola, para a quinzena no meio escolar, essa grade de horários de aula está impressa, fixada no quadro de aviso localizado no pátio e pode ser consultada diariamente.

No pátio da escola existe um sino, como dito anteriormente, e a cada quinzena são escolhidos dois estudantes que terão a função de tocar o sino a cada momento pré-determinado. Todos que estão na escola já conhecem a estrutura de horário fixa, mas o sino tem a função de marcar esses horários. Esse fato chamou

---

<sup>6</sup> O aprofundamento na temática gênero possibilitaria problematizar e compreender questões importantes dentro da Escola Família Agrícola, esse tema é abordado de forma superficial ao longo dessa dissertação para esclarecer questões pontuais, mas reconhecemos a abertura e a necessidade de trabalhos futuros capazes de aprofundar e contribuir.

bastante atenção na primeira semana do trabalho de campo, qualquer sujeito que deseje acompanhar o cotidiano da escola poderá se abster do uso do relógio, pois o sino é quem demarca esse tempo. As atividades da escola têm início às 06h00min e são encerradas às 22h00min, dentro de horários fixos, como segue:

- Às 6 horas, é o momento de acordar, tratar de questões pessoais e fazer a manutenção dos espaços da escola (assunto que tratarei logo à frente).
- Às 7 horas, o sino é tocado e todos devem se reunir, obrigatoriamente, no refeitório, para oração de agradecimento e café da manhã.
- Às 7 horas e 30 minutos, o sino soará novamente, indicando o início das aulas. Cada turma se dirige para as salas ou locais indicados no quadro de horário.
- Às 10 horas, o sino avisa que é chegada a hora do lanche da manhã que se encerra às 10h20min.
- Às 12 horas, o sino trará o anúncio da hora do almoço. Todos se reúnem no pátio para fazer uma oração de agradecimento pelo alimento e organizar uma fila para servir o almoço.
- De 12 as 13 horas e 30 minutos, acontece um intervalo, que é um tempo disponível para atividades diversas e tempo de manutenção da limpeza do local para aqueles que estão na escala.
- Às 13 horas e 30 minutos, o sino toca novamente, para sinalizar o retorno às aulas;
- Às 16 horas, o sino soa para dizer que as aulas findaram e que chegou a hora do lanche. Após o lanche da tarde, alguns terão um tempo disponível para desenvolver atividades diversas, outros ainda terão aulas práticas, e nesse momento o horário é organizado para que cada turma tenha um tempo para o banho.
- Às 19 horas, todos devem se reunir no pátio para oração e organização do jantar.
- Às 20 horas, o sino avisa que inicia o serão, que poderá ser utilizado para aulas, filmes, coral, dependendo da definição da escola.
- Às 21 horas e 30 minutos, ele soará pela última vez no dia, para que todos se encaminhem para o alojamento e se arrumem para dormir.
- Às 22 horas, as luzes estarão apagadas e o silêncio pairará.

Cada horário é destinado a uma determinada atividade, caso ela não seja realizada naquele momento, dificilmente se encontrara outra oportunidade para desenvolvê-la. Todos os sujeitos presentes seguem prontamente esse horário, é algo consolidado e não há quebras de regra nesse sentido. As tarefas de limpeza da escola estão incluídas nesse horário e são coordenadas por regras específicas, que trataremos a seguir.

#### 3.1.4 A divisão de tarefas

A EFA Puris Araçonga tem como princípio a educação para vida, como constatado na fala da atual diretora, assim como dos monitores, eles prezam para que os estudantes saibam desenvolver todas as atividades necessárias para o bom funcionamento da escola; das suas casas, quando estão no meio familiar; bem como de qualquer espaço que os mesmos ocupem ao longo de suas vidas, após o encerramento da vida escolar.

Por esse motivo, a EFA Puris conta apenas com duas cozinheiras, que são responsáveis, exclusivamente, pelo preparo do alimento. Todas as demais atividades, como: limpeza de banheiro, limpeza da cozinha, varrer o pátio, tocar o sino, aguar a horta, limpar as mesas, lavar a louça, etc. são realizadas pelos estudantes, assim como a coordenação e a fiscalização da realização dessas atividades. A cada quinzena, a equipe da coordenação pedagógica monta um quadro onde todos os estudantes passarão, ao longo dos três anos, por todas as tarefas a serem realizadas. Os estudantes irão experimentar um tipo de tarefa, que será fiscalizada e coordenada por um de seus colegas a cada quinzena.

A dupla de estudantes escalada para coordenar e avaliar as atividades recebe uma cópia da lista, para acompanhar a realização das tarefas:

**Quadro 1 - Tarefas diárias**

TAREFAS	NOMES	AVALIAÇÃO: + (REALIZADA) – (NÃO REALIZADA)				
		S	T	Q	Q	S
Lavar panelas do Almoço						
Lavar panelas do jantar						
Banheiro do período de aula (masculino)						
Banheiro do Período da aula (Feminino)						
Limpeza do refeitório após cafés (manhã e tarde), Limpar mesas e varrer.						
Retirar vasilhas do café e lavá- las.						
Refeitório após almoço e jantar						
Auxiliar do café da manhã						
Banheiro masculino manhã – 01						
Banheiro masculino manhã – 02						
Banheiro feminino manhã						
Dormitório masculino manhã – 01						
Dormitório masculino manhã – 02						
Dormitório feminino manhã						

Banheiro masculino tarde – 01						
Banheiro masculino tarde – 02						
Banheiro feminino tarde						
Dormitório masculino tarde – 01						
Dormitório masculino tarde – 02						
Dormitório feminino tarde						
Sala de aula 01 – varrer, tirar poeira e passar pano no chão.						
Aguar o jardim de manhã						
Aguar a horta de manhã						
Limpeza do chão da cozinha (almoço)						
Limpeza do chão da cozinha (jantar)						
Lavar pratos após almoço						
Lavar pratos após jantar						
Recolher lixo						
Varrer e limpar passeios						
Pátio						

Assinatura do coordenador \_\_\_\_\_

Assinatura do monitor avaliador \_\_\_\_\_

Avaliação do coordenador ( ) realizada ( ) não realizada

**Fonte:** Documentos EFA Puris, 2018.

Os estudantes coordenadores, que receberam o quadro de atividades diárias, acompanham a realização das atividades e avaliam se o indivíduo escalado para determinada tarefa desenvolveu ou não como deveria. Caso a tarefa tenha sido realizada com sucesso, o estudante avaliado recebe um positivo (+); caso o mesmo não realize a atividade proposta de forma satisfatória, ele recebe um negativo (-). Essa avaliação será determinante na sua pontuação em participação nas atividades escolares, com relação aos instrumentos da pedagogia da alternância.

Diferente do que ocorre no caso dos aprendizes de contramestres navais, nos relatos da Jean Lave e Etienne Wenger (1991), na EFA Puris o tempo de experiência não será determinante no tipo de atividade que será realizada, os novos membros executam as mesmas tarefas que os estudantes mais experientes. Mesmo que o estudante seja recém-chegado, ele pode ocupar um cargo de coordenador das atividades. Entretanto, algo nas experiências dos contramestres navais e dos estudantes da EFA Puris se aproxima: a experiência conjunta entre recém-chegados e colegas mais experimentados no contexto e o fato de lidar com a totalidade. Os sujeitos executam tarefas diferentes, para que a totalidade funcione. São várias respostas diferentes, dadas de forma coordenada para o funcionamento do todo.

Os contramestres navais supracitados, descritos por Lave e Wenger (2003), têm seis posições envolvidas e os contramestres novatos se movem através da sequência de posições, é preciso dominar uma tarefa para mover-se para outra. No caso dos estudantes da EFA, isso ocorre de forma aleatória. Em cada quinzena, os estudantes recém-chegados, assim como os mais experientes, serão direcionados para determinada tarefa, de forma aleatória; o importante é que, no final dos três anos, os estudantes tenham experimentado todas as tarefas dispostas no quadro, em forma de rodízio. Em ambas as realidades, a maneira como uma tarefa é dividida entre o grupo de executores terá consequências tanto na execução do todo como no conhecimento adquirido.

A realização da limpeza da escola dialoga com a pedagogia da alternância, que consiste em educar no sentido da cooperação, do trabalho em grupo, do viver em comunidade. Assim, o fato deles estarem envolvidos nessa proposta faz parte de um projeto.

A proposta de trazer o desenho da EFA Puris de Araponga ocorre com o intuito de possibilitar que os leitores consigam enxergar a estrutura física da escola e, ao mesmo tempo, compreender a marcação dos seus tempos e os esforços feitos para coordenar o seu funcionamento. Entendo que o que é vivo irá influenciar e promover movimento na estrutura, mas a forma que estas estruturas estão instituídas é repleta de sentidos e intencionalidades.

A seguir, na mesma linha de apresentação do desenho atual da escola, relato o cotidiano, as estratégias das experiências de alternância, seu objetivo de formação técnica para o desenvolvimento do trabalho no campo, e da alternância como possibilidade de continuidade da vida escolar, através do alternar dos tempos e dos espaços. Apresento os instrumentos utilizados por essa pedagogia para tornar possível a efetivação dos seus objetivos, bem como o plano curricular da EFA Puris.

### **3.2 A Pedagogia da Alternância**

Silva (2012), ao fazer uma análise de diferentes experiências de alternância no Brasil, aponta que se deparou com uma diversidade de percepções, significados e imagens que refletiam os diferentes contextos socioeconômicos, culturais e valores dos sujeitos envolvidos nos processos educacionais. Mesmo que as diferentes realidades analisadas tenham como fio condutor as experiências de alternância de tempos e espaços, existem nesses contextos uma dupla finalidade. Como nos diz Silva,

Sob lógicas distintas, a sucessão de sequências no meio familiar e no meio escolar, base do processo de formação em alternância, evidencia uma dupla finalidade: de escolarização do meio rural e de qualificação profissional para os jovens agricultores. São representações que, no conjunto, revelam a situação de marginalização de sua população e do descaso com os seus inúmeros problemas (SILVA, 2012, p. 167).

Nos estudos de Silva (2012), o primeiro sentido de alternância estava ligado a uma estratégia de escolarização, onde o alternar tempos escolares e tempos familiares permitia que o jovem agricultor conciliasse os estudos e o trabalho, conjugando vida escolar e o trabalho na produção familiar, sem desvinculação da família, do meio e da cultura rural. Além disso, havia um desejo de valorização e uma estratégia de rompimento do abandono escolar dos jovens moradores de zona rural, ou da sua saída para o meio urbano, com transportes inadequados e uma formação desvinculada da sua

realidade. Ainda vinculada a esse sentido de alternância estava a ideia de fixação do jovem no campo e preparação de uma inserção comunitária.

O segundo sentido de alternância, identificado por Silva (2012), traz a valorização da alternância no que diz respeito à necessidade de qualificação técnica dos jovens agricultores, com ênfase no subsídio técnico à agricultura familiar, para uma modernização e eficiência produtiva. Com o intuito de profissionalização desses jovens para uma atuação mais qualificada, a alternância de tempos e espaços, configura-se como uma conjugação de teoria e prática, sendo o meio escolar responsável pela parte teórica e o meio familiar pela parte prática.

As diferentes finalidades atribuídas à alternância, seja como estratégia de inclusão escolar no meio rural, cuja ênfase era a permanência do aluno na atividade familiar produtiva, seja como estratégia de qualificação profissional do jovem agricultor, cuja ênfase era o subsídio técnico à agricultura familiar, revelaram um aspecto em comum: a valorização das experiências de alternância enquanto uma escola e uma educação vinculada às condições de vida, interesses, necessidades e desafios enfrentados pela população rural. Uma escola e uma educação específica e diferenciada que, enraizada na cultura do campo, contempla no processo de formação os valores, as concepções, os modos de vida dos grupos sociais que vivem no campo. Uma escola que também contribui para a melhoria das condições de vida e de trabalho dos agricultores e do meio rural. Uma escola cujo projeto político-pedagógico tem como alicerce a realidade histórica, as lutas, os desafios e sonhos de quem vive e trabalha no campo. Uma escola e uma educação que contribui para formação humana, emancipadora e criativa da pessoa; orientada pro princípios de justiça e solidariedade. Que assume, de fato, a identidade do meio rural, não só como forma cultural diferenciada, mas principalmente como instrumento de um projeto de desenvolvimento do campo (SILVA, 2012, p. 173).

Na EFA Puris Araponga, é possível identificar as duas estratégias descritas por Silva. Nos documentos internos da escola, como projeto político pedagógico, grade curricular, regimento, bem como no acompanhamento do cotidiano escolar é claro a ideia de formação técnica dos jovens agricultores de Araponga e região. O objetivo é de formação para atuar na agricultura familiar, com ênfase na agroecologia, na busca da conservação e da ampliação da biodiversidade; assegurando as condições de vida do solo por meios naturais; o incentivo as multiculturas; a produção sustentável das culturas sem uso de insumos químicos; a diversificação das atividades da propriedade etc.

Aliada a essa estratégia, a escola traz o discurso da intercalação do meio escolar e do meio familiar, como conjugação da teoria e da prática. A avaliação a partir do acompanhamento do cotidiano do tempo escolar é de uma imbricação da teoria e da

prática, elas ocorrem simultaneamente, de forma a dar sentido ao conteúdo colocado em pauta.

Ao propor a alternância entre teoria e prática, permite-se um entrelaçar desses tempos e espaços, possibilitando trocas diversas. Uma escola que tem como atendimento prioritário os filhos de agricultores que, na maioria das vezes, chegam à escola com um conhecimento consolidado sobre os conteúdos práticos que serão tratados, tem nessa pedagogia uma possibilidade de troca.

A Pedagogia da Alternância consiste na Organização da formação em espaços e tempos diferenciados: um período letivo no centro educativo alternado por um período letivo no meio socioprofissional - familiar. Este período alternado será de 15 dias no centro escolar e 15 dias no meio socioprofissional. A alternância está embasada no princípio de que a vida ensina mais que a escola, por isso o tempo escolar é alternado e integrado com o tempo familiar. O trabalho e as experiências sociais no meio integram o currículo, constituem os conteúdos vivenciais básicos da ação educativa da EFA. (IPÊ ROSA).

A pedagogia da alternância, na EFA Puris, além de alternar tempos e espaços com tempos de permanência no meio escolar em regime de internato de quinze dias e tempos no meio familiar por quinze dias, ambos compondo os dias letivos escolares, alterna também formas diversas de ser e estar no campo. A pedagogia da alternância possibilita trabalhar um conteúdo escolar fazendo um intercâmbio com os conhecimentos trazidos pelos monitores, ou construídos no grupo, para uma troca com a comunidade, no tempo destinado ao meio familiar.

[...] pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela, saberes socialmente construídos na prática comunitária – mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos (FREIRE, 2006, p. 30)

A EFA Puris consolida o pensamento de Paulo Freire, ao tratar do reconhecimento dos saberes dos estudantes, utilizando para isso instrumentos elaborados para executar a pedagogia da alternância. A discussão de determinado tema proposto pela escola tem início na comunidade, os estudantes levam o assunto para casa; quando vão para meio familiar, fazem uma pesquisa sobre o assunto e voltam para escola para reelaborar e discutir o mesmo tema. Esse movimento possibilita uma ampliação do olhar sobre um mesmo problema, quando levamos em consideração que

os estudantes advêm de comunidades diversas e cada um trará para escola um ponto de vista do mesmo tema, a partir do que vive.

O fato da finalidade de formação técnica dos jovens agricultores, apresentada por Silva (2012), estar fortemente presente na proposta da EFA Puris, não exclui a finalidade da alternância como estratégia de escolarização. Assim como em outras regiões, a comunidade rural de Araponga, não deixa de sofrer com os problemas históricos de acesso e permanência na escola.

Araponga está localizada em uma região de forte produção de café e a maioria dos jovens estudantes da EFA Puris são trabalhadores dessas lavouras. No geral, os jovens do sexo masculino já têm suas próprias lavouras, que são separadas em um espaço dentro das terras da família, de modo que eles são responsáveis pelo cultivo e beneficiário da renda obtida através da sua produção e ainda contribuem com a produção familiar. Já as mulheres, trabalham para a família e na troca, que seria quando ela trabalha para outro lavrador, para que esse lavrador trabalhe para sua família quando necessário.

Sendo assim, o alternar de tempos e espaços possibilita que os estudantes não interrompam a vida escolar e ainda se mantenham no trabalho do campo, utilizando o meio familiar como tempo de contribuir na produção da família e de aprimorar os conhecimentos tratados no meio escolar. Por isso, a alternância configura-se, também, como uma alternativa de jovens agricultores se manterem na escola, sem se afastarem do meio familiar, do trabalho e da comunidade.

Na semana de adaptação, período de seleção dos estudantes que irão permanecer na escola ao longo dos três anos, é feita uma entrevista pela equipe da escola e nesse momento os estudantes têm a oportunidade de falar sobre o desejo de estudar ou não na escola e suas motivações. Ao acompanhar essas entrevistas, é possível perceber que é recorrente o discurso da importância da alternância e da divisão dos tempos (escolar e familiar) como uma possibilidade de conciliar estudo e trabalho.

Ao analisar a realidade da vivência da alternância no contexto da EFA Puris, encontramos apenas uma discordância em relação à análise desenvolvida por Silva (2012), que trata da alternância como estratégia de escolarização e diz que a “essa argumentação central associava-se, ainda, elementos que relacionavam alternância à ideia de fixação do jovem no campo” (SILVA, 2012, p. 171).

Na realidade acompanhada, é perceptível nas ações, no desenvolver das atividades, assim como é verbalizado que, apesar de priorizar a formação técnica para

lidar com as questões do campo, a EFA Puris busca dar condições dos seus estudantes serem sujeitos emancipados e críticos, capazes de serem e permanecem onde quiserem. Assim, mesmo priorizando a formação agrícola, a escola busca dar condições dos estudantes continuarem a vida escolar, através dos preparatórios para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), visitas técnicas à Universidade Federal de Viçosa, aproximação de sujeitos envolvidos com a Universidade, abertura e apoio a pesquisas na escola, entre outros meios de incentivo.

A Escola Família Agrícola e a Casa Família Rural eram valorizadas pelos seus atores como instrumento de auxílio à permanência e resistência dos jovens agricultores na terra e no campo. Esse é um dos aspectos que confere singularidade às experiências de formação em alternância em nossa sociedade. Uma outra originalidade é a dinâmica do processo de escolarização que, realizada na sucessão de períodos do aluno no meio escolar e no meio familiar, condicionava a configuração de novas práticas educativas, investindo os atores envolvidos na formação de novas responsabilidades e novas funções (SILVA, 2012, p. 173)

Assim como nas experiências acompanhadas por Silva (2012), a experiência da alternância na EFA Puris é um instrumento de auxílio à permanência e resistência dos jovens agricultores na terra e no campo, como também condiciona a configuração de novas práticas educativas, possibilitando o envolvimento de novas responsabilidades e novas funções. Mas para além disso, a experiência acompanhada resgata a autoestima do jovem do campo, trazendo-o para uma formação integral e possibilitando um novo olhar ao apresentar um leque de possibilidades e mostrar a esse jovem que ele não só pode, como é capaz de fazer escolhas. Permanecer no campo passa a ser uma das suas possibilidades.

### 3.2.1 Instrumentos da Pedagogia da Alternância

Para que a pedagogia da alternância de fato se efetive, ela faz uso de instrumentos que auxiliam e dão condições para sua concretização. Eles são denominados instrumentos pedagógicos. Aqui utilizaremos documentos internos da EFA Puris como base para descrevê-los e apresentar suas funções:

**Quadro 2 - Instrumentos pedagógicos**

<b>Instrumentos</b>	<b>Funções</b>
<b>Planos de Estudo (PE)</b>	Considerado pela EFA Puris como um instrumento integrador do meio escolar (tempo-escola) e do meio familiar (tempo-comunidade), instrumento que fará a ponte entre o que teoricamente é proposto e a efetivação na prática. Ele consiste numa proposta de um tema de pesquisa da realidade, para que o estudante, quando estiver no meio familiar, possa levantar dados e informações relacionados ao tema proposto, realizando a pesquisa junto à família, à comunidade.
<b>Folha de Observação (FO)</b>	Entendido pela EFA Puris como um recurso de pesquisa que complementa o Plano de Estudo (PE), aproxima-se de um roteiro de pesquisa. Nele constarão os objetivos de determinado PE, o enfoque dentro do tema proposto e a sua abrangência (Família, Comunidade, Região, Estado, Nação).
<b>Colocação em comum</b>	Na EFA, a lógica dos conteúdos segue a tematização a partir da realidade, por isso a colocação em comum é tida como elemento que gera ponto de partida do processo ensino-aprendizagem. No início de cada sessão do meio escolar (tempo-escolar), os estudantes irão apresentar a sua pesquisa do PE, levando em consideração a folha de observação. A partir da apresentação do que foi observado na realidade no meio familiar (tempo-comunidade), o tema será trabalhado. A teoria chegará para elucidar e aprofundar aquilo que a prática apresentou inicialmente. A colocação em comum pode ser realizada de diferentes formas, como: teatro, dança, exposições de objetos etc.
<b>Caderno da Realidade</b>	A EFA o descreve como o “livro da vida do jovem alternante”. Na realidade, trata-se de uma pasta catálogo, onde serão armazenadas todas as produções escritas realizadas no ano escolar. Nela encontraremos todos os

	planos de estudos, as sínteses pessoais, as sínteses grupais, os relatórios de visitas de estudo, os relatórios das intervenções externas, relatórios de estágios, relatórios das experiências e atividades e outros documentos elaborados pelo estudante.
<b>Viagens e Visitas de Estudo</b>	A EFA entende as viagens e as visitas de estudo como uma atividade complementar ao PE. Depois de esgotadas as possibilidades de aprofundamento teórico e prático, são propostas visitas que a escola considere que vão contribuir na apreensão dos conhecimentos. As visitas têm a intenção de provocar o intercambio de experiências concretas, a partir da observação de procedimentos técnicos.
<b>Intervenções Externas</b>	São todas as atividades extras como: palestras, cursos e testemunhos. Essas intervenções são trazidas pela EFA sempre com uma ligação com os temas dos Planos de Estudo e têm por objetivo a complementação e o aprofundamento.
<b>Cadernos Didáticos</b>	A EFA nomeia de cadernos didáticos algo que seria um “livro didático” elaborado dentro da metodologia de alternância, com a finalidade de dar o aporte teórico, ou seja, o aprofundamento científico ao tema do Plano de Estudo.
<b>Estágios</b>	A cada ano cursado na EFA Puris, o estudante deve cumprir um período de estágio, com o intuito de colocar em prática os seus conhecimentos, com a intenção de obter experiência de campo. As vivências devem ser nos seguintes campos: práticas em meios produtivos da agricultura familiar, organizações sociais afins, serviços e/ou empresas em geral. Os estágios devem ter o acompanhamento dos aqui chamados “mestres de estágio”.
<b>Atividades de Retorno e Experiências – Aplicações práticas no</b>	Esse instrumento é tido como o fechamento de uma alternância. Os estudantes, ao retornarem ao meio familiar, trazem uma nova pesquisa de Plano de Estudo e também

<b>meio</b>	uma atividade relacionada com o Plano de Estudo anterior. O tema que foi aprofundado na EFA, no momento do regresso ao meio familiar, deve ser trazido à tona novamente, através de experiências ou atividades práticas aplicadas em sua realidade.
<b>Visitas às Famílias e comunidades</b>	A EFA, por considerar de suma importância a relação com a família dos estudantes no processo de ensino e aprendizagem, lança mão desse instrumento, que consiste em visitas dos monitores na casa dos estudantes, com o objetivo de diagnosticar a realidade social, econômica, cultural, religiosa, ecológica dos educandos, suas famílias e comunidades.
<b>Acompanhamento personalizado ou Tutoria</b>	A EFA preconiza o acompanhamento individual e próximo de cada estudante. Para tanto, cada monitor da escola é responsável por ser tutor de um determinado número de estudantes, sendo responsável por acompanhar de perto a vida estudantil dos mesmos.
<b>Serões de estudo</b>	Os serões caracterizam-se como espaços após jantar para mais um encontro entre estudantes, com acompanhamento do monitor, hora para momentos de aula e hora para a realização de atividades diversas como: assistir filmes, coral, realização de trabalhos escolares entre outras possibilidades. Os documentos da EFA os descrevem como “um espaço à noite para debates abertos sobre os temas mais variados da atualidade e, sobretudo, do interesse dos educandos.”
<b>Cadernos de acompanhamento da alternância</b>	Na EFA Puris, ele é conhecido também como caderno verde pela cor da sua capa. É um instrumento utilizado para registro de tudo que acontece na sessão no meio escolar, como também no meio familiar. Nesse caderno, existem espaços para avaliação da escola com relação ao estudante e do estudante com relação à escola, quando no meio escolar, e também um espaço de avaliação para os

	responsáveis pelo estudante no meio familiar. A EFA Puris entende que esse instrumento lhe permite monitorar e avaliar os estudantes, ao mesmo tempo em que serve de veículo de comunicação de mão-dupla entre escola-família e família-escola. O caderno é analisado pela equipe da escola a cada início e final das quinzenas no meio escolar.
<b>Projeto Profissional Jovem (PPJ)</b>	Esse instrumento consiste em um documento escrito ao final dos três anos do curso, sendo uma sistematização final utilizada como um dos requisitos para qualificação do jovem estudante. O objetivo é que o estudante desenvolva um projeto, onde o mesmo busque desenvolver as capacidades de se projetar, elaborando formalmente os seus planos pós encerramento da vida escolar na EFA.
<b>Avaliação</b>	Aos olhos da EFA Puris, na Pedagogia da Alternância, a avaliação ganha uma dimensão ampla e contínua. A avaliação é feita pela atribuição de pontos, sendo distribuídos 100 pontos ao longo de três períodos avaliativos. Os períodos avaliativos são reorganizados a cada ano, de acordo com a proposição da equipe e comissão de formação. São distribuídos dentro das sessões escolares (Ex: 1º período avaliativo: da 1ª à 4ª sessão escolar; 2º período avaliativo: da 5ª à 7ª sessão escolar; 3º período avaliativo: da 8ª à 10ª sessão escolar). Todo registro de avaliação é feito pela secretaria, após reunião de ampla discussão com os monitores. A média para aprovação na EFA Puris é de 60%, e são considerados no processo avaliativo tanto as aprendizagens dos conteúdos curriculares disciplinares, como habilidades, convivência, atitudes e os Instrumentos Pedagógicos específicos da alternância.

**Fonte:** Elaborado pela autora, a partir dos dados da pesquisa

Os instrumentos supracitados são ferramentas que possibilitam que a pedagogia da alternância ocorra na prática. Sua utilização dentro do plano curricular é

considerada complementar e é através desses instrumentos que a EFA consegue trazer as questões da comunidade para dentro da escola.

### 3.2.2 O Plano Curricular: Áreas de conhecimento, Componentes Curriculares e Atividades Complementares

A EFA Puris, como explanado anteriormente, é uma escola que oferece a formação do ensino médio regular de forma conjugada ao curso técnico agrícola, as formações são feitas concomitantemente e não ocorrem de forma separada. Os estudantes que optarem por estudar nessa escola terão, obrigatoriamente, de realizar as duas formações. Para que sejam possíveis tais formações, o plano curricular é composto por áreas de conhecimento e componentes curriculares de ambos os cursos, que são organizadas de forma complementar.

Como aponta o plano curricular de 2018, os componentes curriculares são organizados, conforme disposto no quadro abaixo:

**Quadro 3 - Distribuição dos componentes curriculares**

	<b>Área de conhecimento</b>	<b>Componentes curriculares</b>
Currículo Básico Comum	Linguagens e Suas Tecnologias. (Lei 13.415/2017-art 35-a/ inciso I)	Língua Portuguesa
		Arte*
		Educação Física
		Língua Estrangeira Moderna/Inglês
	Ciências humanas e sociais aplicadas (Lei 13.415/2017- Art 35-a/inciso IV)	História
		Geografia
		Filosofia *
		Sociologia *
	Matemática e suas tecnologias (Lei 13.415/2017-Art 35-a/ inciso II)	Matemática
		Ciências da natureza e suas tecnologias (Lei 13.415/2017- Art 35-a/ inciso III)
Química		
Biologia		
Parte Diversificada Formação Profissional	Ciências Agrárias (Lei 13.415/2017- Art 36 – inciso V)	Agroecologia
		Zootecnia
		Administração e Extensão Rural
		Agroindústria
		Informática
		Turismo Rural

**Fonte:** Organizado pela autora

Além dos componentes curriculares dispostos acima, a pedagogia da alternância utiliza os instrumentos pedagógicos descritos no item anterior, que não se configuram como componentes curriculares, mas devem ser explicitados como *Atividades Complementares* ao Currículo e constar no certificado do estudante, com a devida carga horária estabelecida pela EFA. Os planos de estudos são ferramentas para extrapolação dos componentes curriculares e auxiliam na aproximação da realidade dos estudantes e das comunidades, trazendo temas peculiares à realidade. Abaixo, apresento os temas dos Planos de Estudo trabalhados ano de 2017 na EFA Puris de Araponga.

Com a turma do primeiro ano, foram abordados os temas: a minha família e o trabalho na terra; as ocupações e profissões no campo em nossa região; a horta familiar; cultivo e uso das plantas medicinais para a saúde; as plantas nativas e os bichos em nossa região; a água no planeta em nossa região; as manifestações culturais populares em nossa região; origem Puri; o uso e a distribuição da terra em nossa região; Educação do Campo.

A turma do segundo ano pesquisou sobre os seguintes temas: a agricultura familiar e agroecologia; as organizações e os movimentos sociais no campo em nossa região; a cultura do café em nossa região; criação de animais de pequeno e médio porte; caprinos; fruticultura; órgãos, organizações e instituições de apoio à agricultura familiar; culturas agrícolas anuais.

O terceiro e último ano fez o fechamento da formação escolar na EFA Puris trabalhando os temas: os cursos superiores; agrotóxicos e transgênicos; o poder público local; as políticas públicas para o campo, a participação popular e o crédito; bovinos; gado de leite; equinos muares; a comercialização de produtos da agricultura familiar; retrospectiva 2015/2017. Segundo a direção, ao término do terceiro ano, os estudantes fazem uma avaliação da importância dos temas trabalhados ao longo dos três anos e, através dessa avaliação, ajudam na reformulação dos temas a serem tratados nos planos de estudo que virão a ser desenvolvidos, pois os mesmos são atualizados anualmente.

Para que seja possível trabalhar com os componentes curriculares e os temas das atividades complementares, é preciso uma equipe de profissionais capazes de desenvolver cada item proposto. Abaixo segue um quadro das formações dos monitores (que serão identificados por números para preservar as suas identidades) e componentes trabalhados por eles, para possibilitar uma dimensão dessa forma de organização.

**Quadro 4** - Formação dos monitores e componentes trabalhados

<b>Monitor</b>	<b>Formação</b>	<b>Componente Curricular</b>
1	Português, Inglês, Pedagogia, Psicopedagogia, Licenciatura em Educação do Campo (Licena)	Língua Portuguesa e coordenação Pedagógica
2	Bacharelado em turismo e Licenciatura em Educação do Campo (Licena)	Turismo rural, Arte e Língua espanhola
3	Técnico Agropecuário, Licenciatura em Pedagogia Plena e Licenciatura em Educação do Campo (Licena)	Agroecologia e Educação Física
4	Bacharelado em Teologia e Filosofia, Licenciatura em história e Licenciatura em Educação do Campo (Licena)	História e Filosofia
5	Licenciatura em Educação do Campo (Licena)	Física
6	Engenharia Ambiental	Língua Inglesa, Sociologia e Extensão Rural
7	Licenciatura e Bacharelado em Biologia	Biologia
8	Técnico em Agropecuária, Licenciatura em Geografia e Mestrado em Educação	Geografia
9	Técnico em Agropecuária Licenciatura em Educação do Campo (Licena)	Zootecnia e Mecanização agrícola
10	Técnico em Agropecuária e cursando administração de empresas	Empreendimentos, Projeto profissional e Administração rural
11	Pedagogia e Licenciatura em Educação do Campo (Licena)	Empreendimentos e Projeto Profissional, Administração e Economia Rural e Direção.

**Fonte:** Elaborado pela autora a partir dos dados da pesquisa

Esses mesmos monitores se revezam para colocarem em prática os instrumentos da pedagogia da alternância, dividem-se para elaborar e acompanhar os planos de estudo, formulam a folha de observação, acompanham e avaliam as

colocações em comum, fazem o acompanhamento do caderno da realidade, são responsáveis pelas viagens e visitas de estudo e intervenções externas, instruem e avaliam os estágios, acompanham as atividades de retorno, fazem visitas às famílias e às comunidades, acompanham cada estudante de forma personalizada, bem como analisam seus cadernos de acompanhamento da alternância. Além de alguns deles serem responsáveis por permanecer na escola, durante o período da quinzena no meio escolar, para dormir nos alojamentos e acompanhar todo o cotidiano escolar.

### **3.3 Uma escola comunitária**

As Escolas Famílias Agrícolas são consideradas escolas comunitárias, por terem uma gestão vinculada a associações de pais e moradores das comunidades onde elas se localizam e por sua criação partir do desejo e da necessidade de dada comunidade. As escolas comunitárias, em geral, surgem onde estão localizados os bolsões de pobreza, a partir de uma ação comunitária e para solucionar os problemas educacionais causados pela falta de atendimento adequado do estado. As escolas comunitárias, assim como outros movimentos educacionais e pedagogias, são movimentos políticos de educação, ideologicamente direcionados.

As escolas comunitárias são escolas organizadas, muitas vezes, em localidades com menor acesso aos serviços públicos, a partir do esforço das comunidades, com forte discurso antiescolar, sob a influência de um certo tipo de cooperativismo (cooperativas de pais, professores e alunos) ou de comunitarismo (gestão local, participação comunitária, controle dos usuários). Com a dificuldade em continuar dando sustentabilidade a essas escolas, os mantenedores procuram o poder público para obter assistência técnica e financeira. (GADOTTI, 2012, p. 19)

Seguindo os padrões de uma escola comunitária, a EFA Puris de Araponga é gerida pela associação EFA Puris de Araponga, como descrito anteriormente. Todas as decisões relacionadas à gestão e outras que excedem a capacidade de resolução da direção e do corpo docente como, por exemplo, casos extremos de indisciplina, são levadas à assembleia para que a associação, através dos seus membros, resolva de forma democrática qual será a melhor solução.

Financeiramente, as escolas comunitárias precisam angariar fundos para sua manutenção. A ALMG aprovou, no ano de 2003, a Lei 14.614, que seria uma emenda que institui o programa de apoio financeiro à Escola Família Agrícola de Minas Gerais.

Através dessa emenda, o estado tornou-se obrigado a destinar a todas as Escolas Famílias Agrícolas mineiras a *bolsa aluno*, valor calculado por estudante, que é repassada anualmente para ajudar nas despesas escolares dos estudantes e da escola.

Institui o Programa de Apoio Financeiro à Escola Família Agrícola do Estado de Minas Gerais.

O povo do Estado de Minas Gerais, por seus representantes, aprovou, e eu, em seu nome, nos termos do § 8º do art. 70 da Constituição do Estado de Minas Gerais, promulgo a seguinte lei:

Art. 1º - Fica instituído o Programa de Apoio Financeiro à Escola Família Agrícola do Estado de Minas Gerais.

Art. 2º - Será beneficiada com recursos provenientes do programa instituído por esta lei a escola que:

I - oferecer cursos gratuitos de ensino fundamental da 5ª a 8ª série e de ensino médio, com educação profissional;

II - for gerenciada por uma associação autônoma, composta de pais, pessoas e entidades comprometidas com o desenvolvimento da agricultura familiar;

III - aplicar o método pedagógico da alternância;

IV - tiver como objetivo a formação integral do aluno, com a transmissão, inclusive, dos conceitos e conteúdos do desenvolvimento sustentável.

Art. 3º - (vetado).

Art. 4º - O Poder Executivo manterá cadastro atualizado das escolas família agrícola em funcionamento no Estado, contendo dados relativos aos alunos, professores e funcionários administrativos.

Art. 5º - São recursos do Programa, entre outros, os constantes da Lei Orçamentária Anual.

Art. 6º - O Poder Executivo regulamentará esta lei no prazo de sessenta dias contados da data de sua publicação.

Art. 7º - Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 8º - Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio da Inconfidência, em Belo Horizonte, aos 31 de março de 2003.

Deputado Mauri Torres - Presidente

Deputado Antônio Andrade - 1º-Secretário

Deputado Luiz Fernando Faria - 2º-Secretário (ALMG, 2003).

Atualmente, a EFA Puris de Araponga mantém-se financeiramente através da Lei 14.614 de 2003, além da contribuição de cada estudante, no valor de R\$ 70,00 (setenta reais), destinados a alimentação e doações diversas da própria comunidade.

\*\*\*

Esse capítulo destinou-se a apresentar as estruturas da EFA Puris de Araponga, através de um desenho da escola nos dias atuais. No primeiro momento, foi feita a descrição da estrutura física, na busca de detalhar cada prédio do lugar, assim como os demais espaços. Foi descrito a formação das turmas e de que forma são constituídas. Foram elucidadas as questões relacionadas à marcação dos tempos dessa escola, além de tratar da divisão de tarefas e, conseqüentemente, das questões relacionadas a esse assunto.

Num segundo momento, foram discutidas questões referentes à pedagogia da alternância, foram trazidos os objetivos da formação técnica dos jovens agricultores e agricultoras, como forma de qualificação do trabalho no campo, com foco na agricultura familiar e da pedagogia da alternância como possibilidade de conciliação entre vida escolar, vida familiar, trabalho e cultura rural. Foi relevante, ainda, apresentar os instrumentos da pedagogia da alternância, o plano curricular da EFA Puris de Araponga e a formação dos profissionais dessa instituição.

Por fim, foi abordado o tema escola comunitária, sua gestão e financiamento. Esse capítulo possibilita conhecer as configurações dessa escola, bem como seu desenho, objetivos e intencionalidades. Por certo, tudo que foi descrito até o momento aponta os caminhos que foram traçados por aqueles que pensaram a construção da EFA Puris, bem como pelos sujeitos sociais que hoje compõem esse grupo, para tornar possível uma escola capaz de atuar de forma entrelaçada com a realidade do campo, dando a ele a sua devida importância e trazendo aspectos peculiares da região na qual está localizada.

A seguir, será feita a descrição do cotidiano da EFA Puris, com o objetivo de relatar o que é vivo. Dentre tudo que foi vivido, busquei, na totalidade dos fatos, pontos específicos capazes de possibilitar a amplitude do olhar. Foram feitas escolhas tendo a certeza que escolher é sempre abrir mão de algo.

A escolha foi por trabalhar com a descrição geral do cotidiano a partir de um dia completo na EFA Puris, o que permite conhecer a rotina desse lugar, a partir da marcação dos tempos. O relato da semana de adaptação foi feita na busca por mostrar de que forma é feita a seleção, as aprendizagens inerentes a esse processo de adaptação e o compromisso firmado entre a escola e os estudantes. O tema Formação Política, foi trazido com a descrição de dois momentos: a reivindicação na Assembleia Legislativa de Minas Gerais e o seminário de formação política da EFA Puris. As manifestações culturais foram trazidas através da colocação em comum de um plano de estudo. Por fim, a reflexão foi sobre o futebol como possibilidade de divertimento, dentre várias possibilidades, como o ócio, os jogos de carta, as redes sociais, as conversas em grupo. A escolha pelo futebol ocorreu por ser algo marcante, recorrente e que, apesar de ser um jogo conhecido e praticado mundialmente, também traz aspectos peculiares desse lugar.

## **4 A DESCRIÇÃO DO COTIDIANO DA EFA PURIS DE ARAPONGA**

A intenção desse capítulo é fazer uma descrição do cotidiano escolar da EFA Puris. Na busca de uma descrição do todo, foi preciso elencar determinados temas a serem tratados e relatados. Nesse sentido, busquei áreas e ações que, de alguma forma, possibilitem a amplitude do olhar. Assim, a escolha foi de discorrer sobre o cotidiano geral, política, saberes agroecológicos e divertimentos.

Assim como proposto por Mauss (2003), os fatos estudados e aqui descritos são fatos sociais totais (ou gerais), o que significa dizer que em determinados casos coloco em ação a totalidade, em outros, somente fatos que a compõem, sendo simultaneamente jurídicos, econômicos, religiosos, e mesmo estéticos, morfológicos etc. O estudo dos fatos sociais foram móveis, considerando o conjunto, de forma a perceber o movimento do todo, o aspecto vivo, o instante fugaz das relações, tendo assim a vantagem da realidade.

### **4.1 O Cotidiano Geral: a descrição de um dia na EFA Puris**

Nesse item, a busca é por descrever um dia completo de atividades na EFA Puris, para dar a dimensão do funcionamento e da vida que ali pulsa. Para tanto, foi utilizada a ordem cronológica do dia, para possibilitar uma visão da rotina e do ritmo imposto pelos tempos.

- **Hora de acordar**

Às seis horas da manhã todos os que estão na escola já começam a despertar, é curioso que alguns usam o despertador, mas no geral o movimento do alojamento faz com que o acordar ocorra de forma coletiva. Dois monitores, previamente escalados, levantam-se anteriormente ao grupo, para preparar o café da manhã. As pessoas usam os banheiros, arrumam suas camas e aqueles que têm tarefas a serem feitas – que estão na escala da lista de tarefas da quinzena – as realizam.

Há uma movimentação de organização para o café, pouco antes das sete horas, a maioria dos estudantes e monitores já estão sentados no pátio conversando. Nesse dia, em especial, falavam sobre o futebol do dia anterior.

- **Café da manhã**

Ao tocar do sino, às sete horas da manhã, todos estão presentes no refeitório. Forma-se uma grande roda para oração, que difere das mais conhecidas e divulgadas em várias religiões, por fazer menção e agradecimento à terra, ao homem do campo, à agroecologia e à produção do alimento de forma sustentável.

**Figura 13** - Oração, pintura de solo da parede do refeitório



**Fonte:** Registro de pesquisa de campo, 2017.

Depois desse momento de agradecimentos, todos seguem para a fila do café da manhã, agora, com seus copos nas mãos. O copo é algo marcante, cada estudante e funcionário da escola tem o seu próprio copo, eles ficam dispostos, todos juntos, em um grande corredor. Sempre que vamos usá-los – como no café da manhã - cada indivíduo se dirige a esse espaço, pega o seu copo e o devolve lavado no final da refeição. Os copos não são marcados, mas cada um sabe qual é o seu, pois foram trazidos das casas de cada estudante e funcionário. Tal utensílio permanece ali pelo

tempo que o sujeito permanecer na escola. No caso dos estudantes, por 3 anos, no meu caso, pelo tempo de realização da pesquisa de campo. Nesse sentido, há um respeito ao espaço do outro, você nunca verá um estudante ou um funcionário utilizando o copo do outro, a não ser que seja previamente acordado, e isso não precisa ser dito, é respeitado.

No café da manhã, formam-se duas filas. Numa grande mesa no centro do refeitório, cada pessoa se serve, e assim a fila avança dos dois lados da mesa. À mesa, geralmente, encontramos pão com manteiga, biscoito de sal e de doce, café e chá. Após se servir, cada um procura o melhor lugar para se alimentar, alguns permanecem no refeitório, outros ocupam as mesas do pátio, outros se sentam no chão do pátio, na rampa de acesso, geralmente em grupos. Ali os estudantes permanecem em trocas de conversas, até que o sino os avisa do início das aulas. Nesse momento, o grande grupo se divide em três, formando as turmas de primeiro, segundo e terceiro ano.

- **Primeira Aula**

A escolha foi por acompanhar o monitor de *Agroecologia*, para ter acesso às três turmas, em diferentes espaços e com o desejo de estar próximo ao que é primordial nesse modelo de instituição, que é a produção de alimentos de forma sustentável. Nesse dia, a primeira aula foi de adubação, com a turma do segundo ano. Através de uma aula teórica, na sala do segundo ano, trataram do cálculo de fósforo, nitrogênio e potássio; fizeram análise da produção de café esperada de uma lavoura, a partir da área, do número de pés de café, da idade das plantas e finalizaram com as formas de obter os níveis corretos de nutrientes e manejo.

Os cálculos são feitos de forma que as plantações das propriedades dos estudantes são sempre levadas em conta. São utilizadas fórmulas para os cálculos, mas as questões individuais interferem no resultado e essas situações são consideradas, levando as variáveis à discussão.

- **Segunda Aula**

Na segunda aula, a escolha é por permanecer acompanhado o monitor de *Agroecologia* e também a turma do segundo ano. Eles participaram de uma aula prática,

onde os estudantes fizeram a limpeza de duas caixas secas<sup>7</sup>. Eles se revezam entre cavar e retirar a terra do buraco, sempre formando uma dupla; enquanto um cava com uma enxada, o outro retira a terra com a pá. Os que aguardam, e ao mesmo tempo participam desse processo de revezamento, aproveitam para conversar sobre assuntos diversos e escutam música (os gêneros musicais são: sertanejo, funk, e rap, de forma geral) em uma caixinha de som levada por um dos estudantes.

Esse momento é de descontração, apesar de ser um trabalho que requer força, que provoca desgaste físico e exposição ao sol. Essa ocasião leva a reflexão que não existe o peso no trabalho ou que o trabalho só se torna pesado se não faz sentido para aqueles que o realizam. A soma dos motivos que os levaram a cavar as caixas secas, a descontração da boa conversa, da música e das relações de parceria que se estabelecem, assim como a relação com o trabalho que lhes é familiar, dá a esse momento um tom de leveza.

**Figura 14** - Aula prática do segundo ano, limpeza da caixa seca



**Fonte:** Registro da pesquisa de campo, 2017.

---

<sup>7</sup> Reservatório na margem de estradas rurais para captação de água da chuva, uma cova que funciona como uma pequena barragem, que capta a água da chuva para que ela infiltre no solo devagar, evitando enxurradas, erosão, assoreamentos e degradação.

- **Lanche da manhã**

Às dez horas da manhã, realiza-se uma breve pausa para o lanche, que acontece de forma mais rápida e com menos formalidades que o café. Ao aproximar desse horário, as três turmas já se aproximam do pátio. Após tocar o sino, cada estudante pega o seu copo, se dirige à mesa que está no refeitório. Nesse momento, não existem filas, o servir ocorre de forma aleatória. Nesse horário, encontramos suco, café e biscoitos.

Às 10:20 uma turma retorna à aula e as outras duas turmas têm esse tempo disponível para o *divertimento*. Nesse dia, a maioria deles optou por jogar o futebol. O futebol é algo que será tratado com maior profundidade e detalhamento posteriormente.

- **Hora do Almoço**

Ao meio dia, nos reunimos no pátio da escola, onde todos estão presentes. Formamos uma grande roda de mãos dadas, para novamente fazermos a oração compartilhada (Figura 13), de agradecimento pelo alimento e pelas mãos que os produzem. Após a oração, forma-se uma fila e temos uma organização, onde cada turma tem prioridade de ocupar os primeiros lugares dessa fila, em cada dia ou refeição. A fila passa pelo lado de fora do refeitório, dando acesso à cozinha. Cada pessoa se serve, nas panelas que ficam em cima do fogão, e saem pela porta que dar acesso ao refeitório, para ocupar um lugar no refeitório ou no pátio, para sentar-se e alimentar-se.

- **Tempo disponível**

Após o almoço, faz-se uma pausa para um tempo disponível, onde os estudantes podem optar pelo que quiserem fazer, lembrando que todo o tempo é institucional, portanto não existe tempo completamente livre. Nesse momento, os estudantes optam pelo descanso nos alojamentos, pelas conversas no pátio ou pelo acesso à internet e ainda há aqueles responsáveis pelas tarefas de limpeza da escola.

- **Terceira Aula**

Às treze e trinta ocorre o retorno às aulas e a escolha é de mais uma vez acompanhar o monitor de *agroecologia*. O monitor segue para a turma do primeiro ano, a aula acontece na sala da árvore. Ele recapitula, brevemente, os tipos de solos, nutrientes, identificação das necessidades do solo e fala sobre a importância de cultivar diferentes alimentos em um mesmo solo. É possível perceber o quão envolvidos os estudantes são com o assunto tratado, pois todas as questões levantadas por eles giram em torno do solo e dos tipos de cultivos das propriedades das suas famílias. Eles trazem exemplos ou questionam sobre soluções possíveis para os problemas encontrados nas suas propriedades.

**Figura 15:** -Sala da Árvore



**Fonte:** Registro de pesquisa de campo, 2017.

Ainda nesse período, os estudantes preparam o projeto para a feira técnica. A proposta deverá ser pensada simulando algo que eles fariam após a saída da escola. O

projeto pode abordar criação, cultura, ou algo relacionado. Todos os projetos são realizados em grupos, precisam ser interligados entre eles e sustentáveis.

**Figura 16** - Detalhe da sala da árvore



Fonte: Registro da pesquisa de campo, 2017

- **Lanche da Tarde**

Às dezesseis horas, retornamos para o refeitório, está servido o café da tarde. O lanche já está disposto à mesa e as pessoas se servem aleatoriamente, ele é feito de forma rápida, os sujeitos se servem quantas vezes quiserem e se distribuem no espaço do refeitório e do pátio, nas mesas ou no chão. Ocorre de forma descontraída, os estudantes se agrupam conversam e seguem para mais um tempo disponível.

- **Tempo Disponível II**

Das dezesseis e trinta às dezenove horas, os estudantes têm o maior tempo disponível para realizarem suas atividades e maior liberdade para optar pelo que fazer. Alguns ainda terão aula, outros já seguem para o banho, que precisa acontecer em algum momento desse intervalo. Alguns realizam trabalhos escolares, outros utilizam os

celulares para uso da internet (apesar da dificuldade de sinal). Dentre eles, há os que optam pelo descanso regado a conversas no alojamento e a maioria segue para o campo de futebol, que fica atrás do alojamento masculino. Ali são realizados jogos de futebol mistos - assunto que tratarei com maior profundidade posteriormente.

Nesse dia, optei por ir para o alojamento feminino, onde um grupo de estudantes descansava e se revezava para tomar o banho. Percebo, nesse momento, uma aproximação das jovens que ali estavam, era um misto de curiosidade sobre a pesquisa e uma forma de se mostrarem receptivas à presença da pesquisadora. O fato de ser eu, pesquisadora ser do sexo feminino, favoreceu a proximidade com as jovens, uma vez que havia a necessidade de partilhar o banheiro, o alojamento, o que, conseqüentemente, possibilitou mais momentos de aproximação.

Conversamos sobre a vida cotidiana e o ser mulher na EFA Puris. As mulheres são um terço do total de estudantes da escola. Elas relatam as dificuldades e diferenças entre homens e mulheres naquele contexto. Elas iniciam falando da dificuldade de transporte para chegarem à escola, já que a escola está localizada na zona rural. É possível verificar que a maioria dos homens chegam à escola em motocicletas<sup>8</sup>. Já as mulheres, chegam trazidas pelos ônibus escolares ou com o auxílio de pais e irmãos, que atuam como motoristas. Elas contam que os jovens do sexo masculino têm condições financeiras de adquirir seus veículos, porque encontram mais oportunidades de trabalhos remunerados.

Apesar das mulheres trabalharem na área agrícola e estarem na escola aprimorando os conhecimentos técnicos, elas não têm, atualmente, receptividade quando o assunto é remuneração. Elas se dedicam, geralmente, às lavouras de café das famílias e não são remuneradas, ou trabalham para outras famílias, para uma troca de serviços. Além de serem pressionadas por suas famílias para se casarem, apesar de serem, majoritariamente, ainda adolescentes.

---

<sup>8</sup> As motocicletas, utilizadas pelos estudantes como meio de transporte, também são uma peculiaridade dessa escola. Na zona rural, existe uma dificuldade de transporte público e as motocicletas são utilizadas com bastante frequência para locomoção. No caso dos estudantes da EFA, a maioria deles são menores de 18 anos e não possuem habilitação, porém a escola, com a autorização da família, permite que esses estudantes utilizem esse meio de transporte, com regras combinadas (Ex: uso de capacete, uso apenas como transporte para chegada e saída do tempo escolar, não uso como forma de divertimento).

- **Hora do Jantar**

Às dezenove horas, o sino toca, novamente nos reunimos no pátio da escola, fazendo uma grande roda de mãos dadas, proferimos, pela última vez no dia, o agradecimento pelo alimento, com a oração apresentada na figura 13. Fazemos a mesma organização do almoço, em fila, nos servimos na cozinha e nos sentamos para jantar no refeitório ou no pátio. Após o jantar, permanecemos no pátio, onde ocorrem jogos de truco, conversas, jogos de roda, adedanha, enquanto aguardamos o sino tocar, nos convidando para o serão.

- **Serão**

Às vinte horas, o sino toca e nos reunimos na sala do primeiro ano. Nesse dia, no serão, assistimos a um filme escolhido pelo monitor responsável pelo serão do dia. O serão pode ser um tempo utilizado para aulas, coral e outras atividades, com as turmas de primeiro, segundo e terceiro ano reunidas ou não. Pelo serão ter o tempo de uma hora e meia, o filme iniciado não chega ao fim e fica para um próximo momento. Existem serões destinados a reproduzir apenas finais de filmes iniciados e não terminados por questão de tempo.

- **Hora de dormir**

Às vinte uma e trinta, o sino vem para encerrar o serão e todos se dirigem aos alojamentos, usam os banheiros, arrumam as camas, têm as últimas conversas do dia, utilizam a internet, fazem contato com os familiares e, às vinte duas horas, as luzes são apagadas. Ouve-se pequenos resmungos, conversas baixinhas, que se encerram a seguir e assim finda o dia na EFA Puris.

\*\*\*

Os responsáveis por essa instituição entendem que a divisão dos tempos é feita de forma equilibrada, eles avaliam que destinam, de uma forma geral, 8 (oito) horas para o trabalho, 8 (oito) horas para o divertimento e 8 (oito) horas para dormir.

É perceptível que a escola impõe um ritmo de funcionamento que acaba por educar os corpos dos sujeitos sociais envolvidos nesse modelo de educação. Os tempos são marcados pelo sino e, como relatado anteriormente, o uso do relógio pode ser dispensado. Após um período vivenciando esse cotidiano ritmado, percebemos que esses tempos ficam marcados nos corpos, que obedecem ao sino, mas que, interiormente, já absorveram essa rotina.

A seguir, abordo a semana de adaptação, que é um tempo em que os estudantes permanecem na escola para uma seleção. A escola proporciona vivências, de forma a possibilitar que os estudantes conheçam a realidade vivida no cotidiano no tempo escolar. Dentre as várias questões tratadas nessa semana, os estudantes têm contato com o ritmo da escola. Ao final da semana de adaptação, são escolhidos os que têm o perfil da escola; de modo semelhante, os candidatos, após experimentarem essa rotina, decidem se pretendem ou não permanecerem.

## **4.2 A Semana de Adaptação**

A semana de adaptação é de presença obrigatória para os estudantes que pretendem estudar na EFA Puris, eles permanecem na escola em regime de internato. Nessa semana, são apresentados vários aspectos da escola, como horários, grade curricular, a história da escola, pedagogia utilizada, entre outras questões. Os jovens experienciam a rotina do meio escolar, são avaliados em diferentes aspectos e também avaliam se desejam ou não permanecer para cursar o ensino médio e o curso técnico agrícola. Na semana de adaptação do ano de 2018, compareceram 39 estudantes para serem selecionados apenas 25.

### **4.2.1 O primeiro dia: A chegada na EFA**

A semana inicia-se na segunda-feira, no turno da manhã os estudantes chegam e apresentam os documentos previamente listados no edital, fazem suas inscrições, aguardam para o almoço e o início das atividades previstas para o período da tarde. Os profissionais da escola já conhecem boa parte dos jovens que comparecem para fazer as inscrições. Isso porque Araponga é uma cidade pequena e existe uma

relação de proximidade entre os agricultores e agricultoras, público de atendimento prioritário na escola.

O Edital de seleção da EFA Puris prioriza o atendimento de filhos e filhas de agricultores e agricultoras familiares; os trabalhadores e trabalhadoras rurais; as pessoas envolvidas com os movimentos sociais ligados ao campo; os jovens vindos de outras EFAS e ainda aqueles indicados por organizações sociais dos municípios, como o Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STRs) e Associações.

Logo após a leitura do edital, é realizada uma dinâmica para que os estudantes se apresentem e para que conheçam uns aos outros. É perceptível os grupos de estudantes afins: os que estudavam na escola estadual da cidade de Araponga, os grupos vindos de EFAs de ensino fundamental e aqueles residentes em zona rural, vindos da mesma localidade.

Logo após a apresentação, a direção da escola começa a falar sobre as regras de convivência, aspecto que é tratado continuamente e que, ao longo da semana de adaptação, é frisado de forma insistente. São reforçadas questões como: silêncio quando o outro falar, uso do alojamento de forma respeitosa, a proibição de namoro nas dependências da escola, a proibição de uso de substâncias ilícitas, uso de palavras inapropriadas para o ambiente escolar, uso de apelidos e outros.

A direção da escola faz um discurso por meio do qual orienta que o processo de aprendizagem é de responsabilidade do estudante e deixa claro que a EFA é um lugar de troca de conhecimento. Com a parceria dos monitores, que vão se apresentado gradativamente, a direção frisa que a EFA é tida na região como uma escola diferenciada, pelo método utilizado e por priorizar o envolvimento dos sujeitos envolvidos no processo educacional, mas que para a proposta se efetivar é necessário que os estudantes também hajam de forma diferenciada dos estudantes que frequentam os sistemas tradicionais de educação.

Uma das monitoras expõe a diferença de nomenclatura, quando se trata de professores e alunos. Na EFA, os professores são chamados de monitores, e os alunos são tratados como estudantes. Essas nomenclaturas remetem à possibilidade de troca de conhecimento, colocando a importância do que é trazido por ambos, para uma relação de ensino aprendizagem que ocorra horizontalmente. A palavra monitor é escolhida para substituir o que chamamos de professor, por eles entenderem que professor remete a 'profeta', aquele que detém o conhecimento. A palavra estudante vem substituir o

chamado aluno, por entenderem que aluno significa sem luz, e que estudante remete àquele que pode vir a adquirir conhecimento ou habilidade.

A direção segue a programação para a semana de adaptação, de forma a mostrar para os recém chegados o que é importante para aqueles que ali estão. Por esse motivo, ainda no primeiro dia, é feita a apresentação da história de construção da EFA Puris. O relato passa pela ascendência indígena Puri, a escolha do nome da associação pela força e relevância da história, pela fundação do STRs e suas demandas relacionadas à educação, a organização dos agricultores familiares e sua relação com as CEBs, o desejo por uma escola diferenciada e voltada para os interesses do homem e da mulher do campo, a compra conjunta da terra e a separação do terreno para construção da EFA Puris de Araponga, o território da Serra do Brigadeiro e a demarcação do Parque, o diferencial dessa instituição voltada para a formação integral dos sujeitos e a busca pelo bem estar de todos.

Ainda nessa tarde, os estudantes são apresentados à matriz curricular e o plano de curso; ficam a par de como ocorre a manutenção financeira da escola, da contribuição para alimentação feita pela família do estudante, da produção da propriedade e das doações diversas. Muitos dos assuntos tratados são tidos como novidade e, mesmo sendo recém chegados, eles já têm acesso a uma gama de informações que permitem um primeiro momento de proximidade com a instituição que os recebe.

No momento do intervalo, após o lanche da tarde, os estudantes se dividem entre jogar futebol e conversar no alojamento. O alojamento se torna um ponto de encontro, lá eles conversam sobre o desejo ou não de permanecer na escola, falam sobre a dificuldade de adaptação ao regime de internato, pelo tempo de permanência na escola e afastamento da vida familiar. É perceptível que os pensamentos e falas mudam ao longo da semana, de acordo com o que é vivenciado e falado pela equipe de monitores da escola.

Às dezenove horas, nos reunimos no pátio para o jantar e fazemos a oração. Por se tratarem de estudantes recém chegados, a oração é feita de forma lenta e truncada, cheia de pausas, diferente da forma ligeira como é feita pelos estudantes de turmas mais avançadas, que já adquiriram experiência na relação com esse ambiente escolar. Seguimos para o jantar, é perceptível a aprendizagem inerente a todo o processo de tornar-se sujeito estudante da EFA Puris.

Após o jantar, os estudantes se reúnem em grupos, se conhecem e reconhecem, brincam, jogam truco, falam de suas vidas fora daquele novo ambiente. O sino toca e seguimos para o serão, nesse momento são utilizadas dinâmicas para que eles possam descontraír, se entrosarem e são criadas estratégias para que partilhem, em forma de desenho, um pouco sobre suas vidas cotidianas no ambiente familiar e comunitário. Esses desenhos são pregados nas paredes da sala, o que vai, pouco a pouco, levando-os a construção de uma relação com aquele espaço. Além de outras dinâmicas que os levam ao toque e à aproximação, há um momento de exposição do 'eu' em relação ao outro.

Desde o jantar, a lista com a divisão de tarefas já está disposta no quadro de avisos e os estudantes recém-chegados já as realizam desde esse momento. Nessa semana de adaptação, é o momento de entender o que é, como se faz e passar por essa experiência. Momento que também é avaliado pela equipe responsável por dizer se o estudante está ou não apto a permanecer na EFA para cursar os três anos.

Após o serão, o grupo recebe, atentamente, informações sobre a realização das tarefas relacionadas à limpeza da escola e outras questões, como: horário de acordar, a necessidade da arrumação das camas e organização para o café da manhã. Seguimos para o alojamento e, às vinte e duas horas, as luzes se apagam.

#### **4.2.2 Agroecologia e experiência prática**

No dia seguinte, a primeira fala é do monitor de agroecologia, que explica aos recém-chegados que a EFA Puris de Araçonga tem suas bases fundadas no conceito da agroecologia. Através de uma dinâmica de interação, ele vai trilhando o caminho de fazer entender do que se trata, levando os recém chegados a compreenderem que se trata de algo norteador das ações dessa escola. O monitor elucida que não importa o que cada um deles virá a ser após sair do terceiro ano na EFA, o que importa para a escola é que eles valorizem o agricultor, como agricultores e agricultoras familiares que são. E ele segue, trazendo conceitos de agroecologia, conforme expostos por Caporal e Costabeber:

Agroecologia nos faz lembrar de uma agricultura menos agressiva ao meio ambiente, que promove a inclusão social e proporciona melhores condições econômicas para os agricultores de nosso estado. Não apenas isso, mas também temos vinculado à Agroecologia a oferta de produtos "limpos",

ecológicos, isentos de resíduos químicos, em oposição àqueles característicos da Revolução Verde. Portanto, a Agroecologia nos traz a ideia e a expectativa de uma nova agricultura, capaz de fazer bem aos homens e ao meio ambiente como um todo, afastando-nos da orientação dominante de uma agricultura intensiva em capital, energia e recursos naturais não renováveis, agressiva ao meio ambiente, excludente do ponto de vista social e causadora de dependência econômica. (CAPORAL e COSTABEBER, 2002, p. 13)

Para se fazer entender, o monitor de agroecologia propõe, como previsto no cronograma da semana de adaptação, uma atividade prática que os leve a uma compreensão dos conceitos discutidos em sala. Assim, a turma dos estudantes recém chegados é dividida em quatro grupos, para a vivência de diferentes práticas.

**O grupo 1** vivenciou uma prática no pomar, denominada ‘coroação’, que consiste na capina apenas ao redor das plantas, para evitar que as plantas indicadoras<sup>9</sup>(ou companheiras) suguem os nutrientes da planta principal. Após a prática, os estudantes, ao avaliar a atividade, falaram sobre o aprendizado e relataram como fazem em suas propriedades, além de avançar para outros temas como: lençol freático, fases da lua e reflexos na agricultura, florações, formigas e cupins como indicadores de falta de nutrientes ou plantações em lugares indevidos.

**O grupo 2** participou da prática na mandala de ervas medicinais. A atividade tinha o objetivo de compreender as funções da mandala, bem como fazer a manutenção da mesma. No momento da avaliação, os estudantes desse grupo falaram sobre a energia que circula em ondas, que leva energia de uma planta para outra e sobre o reaproveitamento de determinados nutrientes, que uma planta deixa no solo e outra reaproveita. Avançaram na discussão sobre diferentes tipos de adubação, nutrientes, tabela periódica, ervas e chás e para que servem.

**O grupo 3** fez a prática de capina entre blocos, eles tinham a função de limpar a entrada da escola, que tem como calçamento blocos (paralelepípedos) e que, naturalmente, em época de chuva e após as férias, são tomados pelo mato que cresce entre eles. Com as mãos, enxadas e facas, os estudantes fizeram toda a capina. No momento de relatar para a turma como foi a atividade, eles falaram da importância de não utilizar veneno no momento da capina, bem como de utilizar os blocos no lugar de calçamentos como cimento ou asfalto, para facilitar absorção da água da chuva pelo

---

<sup>9</sup> As plantas indicadoras são aquelas que, na agricultura tradicional, são chamadas de erva daninha, elas não são cultivadas, mas nascem ao redor de outras plantas. Na agroecologia, tais plantas têm a função de indicar as condições do solo.

solo. Avançaram na discussão apontando a importância de colocar areia no momento do calçamento, dificultando, assim, o nascimento do mato e evitando o compactar da terra.

O grupo 4 ficou responsável pelo manejo da bananeira, os estudantes vivenciaram a eliminação e controle de algumas plantas (bananeiras) para contribuir com o crescimento e desenvolvimento daquelas que ficam, tanto para não dividir os nutrientes como para utilizar as que foram podadas como matéria orgânica. No momento da apresentação, os estudantes explanaram sobre a importância do manejo para evitar que uma planta grande sugue os nutrientes da pequena. Aprofundaram na discussão sobre a importância da cobertura do solo para sobrevivência saudável do mesmo e ainda sobre a importância do agricultor para produzir os alimentos consumidos por todos.

Com essa aula, foi possível perceber que a prática na EFA está sempre relacionada com a realidade vivida pelos estudantes, pois a maioria deles já tinha alguma experiência nas práticas propostas e foram capazes de extrapolar o tema, trazendo para discussão suas próprias vivências. Além disso, as práticas focalizaram o trabalho de forma interdisciplinar, que também é uma proposta da EFA Puris.

#### 4.2.3 A pedagogia da alternância e seus instrumentos

A direção segue o cronograma e apresenta para os estudantes a pedagogia da alternância e seus instrumentos pedagógicos. Para essa vivência, a escola propôs uma prática de simulação de um *Plano de Estudo*. Os estudantes fizeram uma visita a uma das famílias da comunidade para realizar uma pesquisa com o tema: “*A família e o trabalho na terra, as ocupações e profissões no campo em nossa região*”. O *Plano de Estudo* tinha por objetivo proporcionar que os jovens conhecessem a realidade, resgatando os valores familiares e comunitários. O enfoque estava na história da família e origem do sobrenome, na descendência, na história da propriedade, nas profissões existentes, na participação da família na produção, na importância da terra, nas formas de uso da terra, na divisão do trabalho na família e nas fontes de renda da mesma.

Sáimos da escola e fomos caminhando até a residência da família entrevistada, nos organizamos no quintal da casa, em uma grande roda e os estudantes, divididos em grupos, fizeram as perguntas que constavam na *Folha de Observação*. A família que nos recepcionou respondeu prontamente todas as questões, que serviram

como base para que os estudantes elaborassem um *Relatório de Pesquisa*, utilizando dados obtidos durante a visita. No serão, os estudantes, ainda divididos em quatro grupos, fizeram o que aqui chamam de *Colocação em Comum*, utilizaram como ferramenta o teatro para socializarem os resultados da pesquisa do *Plano de Estudo*. Durante a *Colocação em Comum*, eles elaboraram o *Relatório da Colocação em Comum* e, após todo esse caminhar, fizeram uma *Síntese Individual* sobre a *Colocação em Comum*.

Todo esse processo levou-os a experimentar e aprender, na prática, sobre os mecanismos e ferramentas da pedagogia da alternância, algo que será rotina na vida escolar, familiar e comunitária daqueles que permanecerem na EFA Puris para cursar os três anos do ensino médio e o curso técnico em agropecuária. Todas as sínteses elaboradas nesse caminho foram recolhidas para serem, também, uma forma de avaliação da compreensão, interesse e escrita dos estudantes que pretendem permanecer.

#### **4.2.4 Plano Curricular e funcionamento da escola**

No dia seguinte, a direção da escola falou sobre as disciplinas propostas e apresentou o plano curricular, que é dividido em: linguagem e suas tecnologias, ciências humanas e sociais aplicadas, ciências da natureza e suas tecnologias e ciências agrárias. Foram apresentadas as formas utilizadas para o cumprimento dos 200 dias letivos previstos na LDB, sendo 110 dias no ambiente escolar e 90 dias no ambiente familiar e comunitário. Falaram ainda sobre o recesso e as férias, as férias do final do ano são justificadas por serem os meses de novembro e dezembro, tempos de fortes chuvas, o que (como é o caso da EFA Puris) dificulta o transporte para a escola, uma vez que as estradas não são pavimentadas. O recesso do meio do ano é justificado, por ser a época da colheita de café, quando a maioria dos estudantes trabalham nas lavouras.

A direção segue explanando sobre horário de funcionamento da escola, que atividade vai de 06 as 22 horas, mas que, no total, engloba as 24 horas do dia. É apresentada a divisão de horários estabelecida que, de acordo com a direção, prioriza 8 (oito) horas para o trabalho, 8 (oito) horas para o divertimento e 8 (oito) horas para dormir. Os recém chegados tomam ciência de que toda a saída da escola deve ser mediante a permissão dos pais ou responsáveis. No caso de estudantes menores de 18 anos, a escola só libera a saída com a permissão prévia da família.

No período da tarde, os estudantes são convidados a ajudarem na construção das regras de convivência da escola. Divididos em grupos, eles apresentam questões que lhes foram inconvenientes, em relação aos colegas e à convivência ao longo do tempo que ali permaneceram. Essas questões, consideradas por eles como ruins ou avaliadas como algo que prejudica as relações e a convivência na escola, entram para a lista de *Regras de Convivência*. Em seguida, os estudantes elaboram medidas socioeducativas para serem aplicadas aos que descumprirem tais regras.

As regras elaboradas por esse grupo da seleção de 2018 irão compor a lista geral, construída pelos estudantes das turmas anteriores. A cada ano, a lista vai sendo aperfeiçoada por cada turma que chega à EFA Puris e todas as regras de convivência a serem cumpridas pelos estudantes e monitores são elaboradas por aqueles que irão cumpri-las.

As regras de convivência são relacionadas ao comportamento em sala de aula e nos alojamentos, banhos, tarefas, relacionamento com os colegas e monitores, o cuidado com os objetos e com o espaço físico da escola, com a cozinha e com os horários. As sugestões foram:

- 01** - Manter **DIÁLOGO** sincero, levando ao conhecimento de todos, especialmente os monitores, os acontecimentos da EFA.
- 02** - Respeitar a privacidade e opinião de cada um.
- 03** - Respeitar colegas e monitores, evitando conversas paralelas, discussões, palavrões, humilhações, apelidos, provocações, fúrias, falsidades, não mexer nas coisas alheias, não fazer brincadeiras de mão e rir com abusos. Para esse tipo de infração, as medidas sócio-educativas sugeridas foram trabalhos de 30 minutos na horta durante o tempo livre ou ocorrência (1° na escola, 2° chama a família e expulsão na 3°).
- 04** - Indisciplina nas aulas pode levar a fazer algum trabalho da matéria em que ocorreu a perturbação durante o horário livre, além de ser retirado da sala e encaminhado para a secretaria.
- 05** - Qualquer tipo de discriminação não será tolerada.
- 06** - Manter a sala organizada (em círculo) e limpa. Aquele que atrapalhar deve arrumar no mesmo dia.
- 07** - Nos alojamentos não se pode mexer nas coisas dos outros, arrumar as camas, manter as toalhas molhadas no varal,
- 08** - Não conversar ou perturbar após as 22 horas, caso aconteça será feita uma assembleia para encaminhamento e tomada de decisões.
- 09** - Manter o alojamento limpo; não se alimentar nos dormitórios; não atrapalhar a realização das tarefas nos alojamentos; respeitar a cama alheia, não deitando nem deixando objetos sobre as outras camas. Deve-se também manter os objetos e bolsas organizadas, fechadas e identificadas. Infrações relacionadas à quebra dessas regras serão, primeiramente, encaminhadas para a Associação Jovens Puris (AJP) e os casos não resolvidos serão expostos em assembleias com outros estudantes e monitores.
- 10** - Puxar a água do banheiro após o banho para manter o vestiário seco (**recolher os cabelos**), mantê-lo sempre em boas condições de higiene e o último a tomar banho deve também secar o chão com um pano. Quem não fizer, deverá ajudar na limpeza na manhã do dia seguinte, além de cumprir sua tarefa diária.

- 11** - O tempo de banho é de 05 minutos para os meninos e até 07 para as meninas quando forem lavar os cabelos.
- 12** - A lista de ordem para o banho é por ordem de chegada ou turma que for liberada primeiro.
- 13** - Fazer as tarefas com responsabilidade, aqueles que não cumprirem a tarefa deverão fazê-la em algum outro momento do dia. A não realização da tarefa com capricho e pontualidade acarretará em perda de pontos de atitude.
- 14** - Ter zelo com todos os materiais da escola e dos outros. Quando pegar emprestado deve devolver no lugar certo e sem danos. **Caso venha a sumir ou estragar, o responsável deve pagar.** Não utilizar materiais da EFA sem autorização prévia.
- 15** - Respeitar horários para não atrapalhar os colegas nas tarefas e manter a escola organizada. **Não ficar conversando em volta das painéis com alimento, para não caia saliva dentro das painéis.** Essas questões também ficarão sob responsabilidade da AJP.
- 16** - Os horários devem todos ser cumpridos: de levantar, de ir para as salas de aula, de fazer as tarefas, de dormir etc. Quem atrapalhar o horário de dormir deverá ser decidido em assembleia com os estudantes e monitores, no dia seguinte, a medida sócio-educativa.
- 17**- Não é permitido namoro na EFA (agarrações, encosta/encosta, mordidas, tapas, alisações etc.).
- 18** - Não é permitido fumar e usar e fornecer bebidas alcoólicas ou qualquer outro tipo de droga na EFA, nem a apologia ao uso de drogas e entorpecentes.
- 19** - Não é permitido qualquer tipo de arma branca (facas, estiletes, canivete e outros) e arma de fogo na EFA - PURIS.
- 20** - Não se esquecer dos hábitos de higiene.
- 21** – Usar som, quando programado, sempre comunicar o monitor responsável do dia ou responsável que estiver presente.
- 22** - Assumir com responsabilidade o processo de formação.
- 23** - Não é permitida a entrada de meninos no alojamento feminino e de meninas no alojamento masculino e **nem ficar parado em frente dos alojamentos em rodas de conversa.**
- 24** - Não é permitido sair da EFA sem avisar. (Ao sair e chegar, avisar na secretaria).
- 25** – Apresentar os documentos dos veículos utilizados na secretaria. Não andar de moto dentro da EFA e redondezas na comunidade, sem autorização da família e escola. Não mexer nas motos dos colegas.
- 26**- Não é permitido sair da EFA sem autorização escrita do responsável.
- 27** - Não é permitido jovens jogando sinuca no bar da comunidade.
- 28** - Respeitar os objetivos da EFA – PURIS.
- 29** - Não será permitido o uso de equipamentos eletrônicos e ou celulares **durante as aulas e atividades da EFA (caso ocorra será recolhido e entregue ao responsável).**
- 30** - Jogar lixo em seus devidos lugares (lugar de lixo é no lixo), não jogar papel de bala e outros nos mictórios, vasos, ralos, debaixo das camas e em outros locais indevidos, dar descarga após o uso do banheiro. Quando se colabora, todos ficam felizes.
- 31** - Economizar água e energia elétrica.
- 32** – Não usar roupas curtas, transparentes, decotadas. Meninos não transitar sem camisa. Usar roupas ou trajes adequados com o ambiente da EFA – PURIS.
- 33** - Respeitar as filas, sempre.
- 34** - Limpar os pés antes de entrar nos alojamento e outros espaços que devem permanecer limpos.
- 35** - Nas visitas, não mexer nas coisas dos outros e se manter em grupo. O não cumprimento acarretará na perda das visitas do estudante ou da turma, dependendo da gravidade do caso.
- 36** - Receber os visitantes que vem à EFA com gentileza.
- 37** - Ajudar os colegas que tiverem dificuldades.

**38** - Respeitar os momentos de orações e dinâmicas da escola.

**39** - Não mexer nas coisas dos colegas. Proibido emprestar. O que precisarem procurem a secretaria.

**40** – Limpar os restos do prato antes de colocá-lo para lavar. Ao deixar restos no prato e não limpá-lo antes de entregar para lavar, deverá, como retratação, lavar todos os pratos naquele horário.

**41** – Retirar os sapatos sujos ou limpá-los antes de entrar nos ambientes. Caso esqueça ou descumpra a regra, deverá limpar o espaço que sujou.

**42** – Acordar e levantar na hora certa, para não atrasar as tarefas dos colegas. Caso isso ocorra, deverá auxiliar a tarefa no espaço que incomodou.

**43** – Empilhar as cadeiras brancas, após usá-las. Caso não faça isso, deverá limpar todas as cadeiras (Documentos EFA Puris, 2018).

Levando em conta a lista de regras a serem cumpridas, os estudantes também elaboram medidas sócio-educativas a serem implementadas em caso de descumprimento:

**1** - Em quebra de combinado ser encaminhado à secretaria para esclarecimento.

**2** - Faltas médias (ocorrência, comunicar a família e assinatura do termo de compromisso e perda dos 03 pontos de atitude do período recorrente).

**3** - Faltas graves (ocorrência, expulsão, transferência e desligamento da escola).

**4** - Ao ser chamado atenção e levado ocorrência, acarretará na perda dos pontos de atitude na secretaria.

**5** - Nas demais, cumprir 30 minutos de tarefa no horário livre (Documentos EFA Puris, 2018).

Na sequência, os estudantes preencheram um questionário sobre sua história e de sua família, sobre o seu dia a dia, suas ocupações e tarefas voltadas para ajudar na manutenção familiar e sua convivência familiar. Falaram sobre as informações que tinham da EFA Puris antes da semana de adaptação e os interesses após o término do curso. Ainda responderam sobre questões relacionadas a outras instituições de ensino. Esse questionário é peça fundamental na avaliação daqueles que permanecerão na EFA.

Para o serão, foram convidados dois ex-estudantes e um estudante do atual terceiro ano da EFA Puris, eles falaram sobre suas experiências e a visão de como é estudar na escola, como aconteceu a adaptação, como são as relações estabelecidas na escola, a proximidade que o ambiente escolar possibilita com os colegas e a relação com os monitores. Os convidados falaram ainda sobre o conhecimento e a forma que é apreendido, avaliando que o modo de trabalhar na escola possibilita a aprendizagem de conceitos e a utilização deles na prática e apontando as diferenças identificadas por eles com relação à escola tradicional. Após a fala dos convidados, foi aberto espaço para perguntas, de modo que os recém-chegados puderam tirar dúvidas.

Foi distribuída uma folha com três textos para serem usados como base, com o tema “Convivência e coletividade”. A partir da leitura, os estudantes deveriam redigir um texto dissertativo sobre o assunto, valendo-se da experiência pessoal, orientações recebidas durante toda a vida escolar, familiar e social. Essa atividade também foi utilizada como forma de avaliação para definir aqueles que permaneceriam como estudantes da EFA.

#### **4.2.5 Entrevistas**

No penúltimo e no último dia, foram realizadas as entrevistas, momento esperado com ansiedade pelos estudantes. Foi preparada a sala do segundo ano, no canto esquerdo tínhamos uma mesa com uma santa que, segundo as monitoras, era para guardar e ajudar nas decisões. Ao centro, uma mesa grande, forrada com toalha em renda. Estavam presentes membros da associação, duas monitoras, a direção e um ex estudante da EFA.

Individualmente, o estudante era convidado a entrar, apresentar-se, falar da sua origem, da sua relação com o campo e dizia para os que compunham a mesa se gostaria ou não de permanecer na escola pra cursar os três anos de ensino médio e técnico agrícola. Nesse momento, a direção da escola firmava com o estudante uma espécie de compromisso, após uma sequência de perguntas: você deseja ficar? Você acha que consegue se adaptar à rotina e regras da escola? Você sabe que, ao escolhermos você, nós, naturalmente, excluímos alguém? Ao fazer tais perguntas, a escola faz com que o estudante firme o compromisso de permanecer ao longo dos anos, de reconhecer ou ser educado para dar conta do ritmo imposto pelo cotidiano da escola, ritmo de trabalho e de partilha. E, nesse momento, percebe-se um trato baseado na ética da corresponsabilidade.

Ao final da entrevista, com base nas respostas e em todos os outros mecanismos de avaliação utilizados durante a semana, foi definido pela equipe que compunha a mesa quem permaneceria ou não na EFA Puris como estudante da instituição. No último dia, houve uma reunião com todos os pais ou responsáveis, conjuntamente com os estudantes que pleiteavam uma vaga, para anunciar o resultado da seleção.

#### **4.2.6 Programação da semana de adaptação visando o divertimento**

Para essa semana de adaptação estava previsto um campeonato de futebol para equipes masculinas, femininas e mistas. O campeonato aconteceria ao longo da semana, mas tivemos a ocorrência de fortes chuvas nos dias em que estavam previstos os jogos, o que impossibilitou a realização.

No serão do penúltimo dia, a escola convidou duas pessoas da comunidade para se apresentarem para os estudantes. Um cantor, jovem filho de um dos monitores, que se apresentou no formato voz e violão, com acompanhamento e pedidos dos estudantes, cantou várias canções. Alternando com as músicas, o segundo convidado contava piadas.

\*\*\*

Foi possível constatar que a escola prepara uma semana de adaptação de forma a possibilitar que os estudantes aprendam, na prática, o que é a vida na EFA Puris de Araponga, para que possam avaliar se desejam fazer parte desse modelo de educação e, ao mesmo tempo, para que a escola avalie quais candidatos têm melhor condição de permanecer e ser educado para dar conta do ritmo imposto pelo cotidiano escolar.

A segunda leitura é que para que o sujeito se adapte ao meio, ele precisa se enxergar como parte daquele universo, e para que ele se enxergue e se integre, ele precisa *ser*, precisa habitar esse lugar, precisa se construir, precisa assumir um fazer e se preparar para esse fazer. Sendo assim, a escola, ao ser feita para uma dada comunidade, busca identificar aqueles que irão, por certo, se adaptar e se encontrar nesses moldes, são os que, de fato, pertencem a esse lugar, ou aqueles que estão dispostos a serem educados para habitá-lo.

#### **4.3. A Formação Política**

A formação política na EFA Puris de Araponga é contínua e permeia todas as áreas de forma transversal, por considerar bastante marcante essa formação dentro desse ambiente, a opção foi por abordar o tema de forma direta, descrevendo duas ações. Por meio de um discurso de luta e engajamento, a EFA apropria-se desse tema na busca de uma politização dos estudantes.

### 4.3.1 Reivindicações na Assembleia Legislativa de Minas Gerais

A primeira ação registrada aconteceu na ALMG, em Belo Horizonte, em junho de 2017, com a presença de 20 das 21 EFAs de Minas Gerais, reunidas na parte externa da ALMG, uma vez que o interior do prédio não comportaria o número de pessoas presentes. As EFAs de Minas Gerais, em uma ação de luta por direitos, se fizeram presentes com a participação de estudantes, monitores, direções e membros das associações familiares.

Eles tinham por objetivo pedir o apoio dos deputados estaduais da ALMG na aprovação das alterações da Lei 14.614 de 2003, apresentada, na íntegra, no capítulo 3 dessa dissertação, que institui o programa de apoio financeiro às Escolas Famílias Agrícola de Minas Gerais. Reivindicavam o pagamento regular do repasse, solicitavam revisão do valor destinado à bolsa aluno e ainda questionavam as limitações no uso do repasse do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica (FUNDEB)<sup>10</sup>.

As bandeiras de cada EFA estavam estendidas atrás da mesa onde foi presidida a sessão; nas laterais, as EFAs afixaram faixas com dizeres referentes àquela ação política. A mesa foi composta por deputados que apoiam a causa, pelo secretário executivo da AMEFA, representantes da Secretaria de Educação de Minas Gerais e por agricultores.

Entre apresentações artísticas, gritos de palavras de ordem e relatos de sujeitos envolvidos com o movimento EFA, cada escola ali representada se apresentava e falava das necessidades que ali os levavam. Após um dia inteiro de apresentações e discursos políticos, a ALMG abriu negociação com os presentes. Houve a promessa do repasse que estava em aberto e uma nova proposta orçamentária.

---

<sup>10</sup> O FUNDEB é um fundo especial, de natureza contábil e de âmbito estadual (um fundo por estado e Distrito Federal, num total de vinte e sete fundos), formado, na quase totalidade, por recursos provenientes dos impostos e transferências dos estados, Distrito Federal e municípios, vinculados à educação por força do disposto no art. 212 da Constituição Federal. Independentemente da origem, todo o recurso gerado é redistribuído para aplicação exclusiva na educação básica.

**Figura 17-** Assembleia Legislativa de Minas Gerais.



**Fonte:** Registro da pesquisa de campo, 2017.

#### 4.3.2 Encontro de Formação Política da EFA Puris

*Cheguei à escola por volta das 16:30 do dia 31 de outubro de 2017, uma terça-feira nublada e, como das vezes anteriores, no horário do intervalo da tarde, após 314,6 quilômetros de viagem. Os estudantes seguem a rotina, alguns retornam para sala de aula, outros seguem para o tempo disponível e outros tomam banho. Às 19 horas, seguimos para o jantar, que é sempre antecedido pela oração de agradecimento. Após o jantar, alguns permanecem no pátio aguardando o serão. No serão foi reproduzido o filme NOAH (nesse dia o monitor escolheu um filme, os estudantes não gostaram e pediram para trocar e o monitor trocou por NOAH, que foi bem aceito pelas turmas). Às 21 horas, o sino toca e nos recolhemos ao alojamento para dormir, todos trocam de roupa, pegam os celulares para as últimas mensagens da noite, às 21:50 as luzes são apagadas. Chegou novembro e junto dele um dia que se inicia às 06:00 da manhã. As pessoas acordam, se cumprimentam, arrumam as camas (obrigatoriamente) e usam os banheiros. Aqueles que têm tarefa pela manhã a fazem, a coordenadora (estudante) fiscaliza e aguardamos o sino, que soa às 07:00, nos convidando para o café da manhã. Esta data escolhida para acompanhar o cotidiano da EFA Puris não ocorre de forma aleatória, venho com o objetivo de acompanhar o Encontro de Formação política da EFA Puris, com o palestrante José Ricardo Vitória, doutorando em políticas públicas pela Universidade Federal de Viçosa (UFV), nascido e criado na cidade Araponga - MG.*

*Antes do encontro, é possível perceber pelas falas e expressões faciais dos estudantes que eles não estão dispostos, o tema parece não ser convidativo, mas eles permanecem e participam, pois não existe escolha, para quem está na escola a participação é obrigatória.*

Para dar início ao seminário, é proposto uma dinâmica de roda, com o objetivo de uma aproximação entre o palestrante e os estudantes (dinâmica escolhida é “Abre a Roda Timdolêlê”). Após esse breve momento, nos dirigimos para a sala de aula do primeiro ano, que fica próximo ao pátio.

O palestrante chegou à escola trajando um conjunto de calça social, camisa social, gravata e terno. Iniciou falando da sua formação e questionando os estudantes sobre o que eles entendem por político, obteve respostas como: representantes do povo, administradores, ladrão e articulador. Aproveitando esse momento, ele diz que as pessoas, principalmente em cidades do interior, como é o caso de Araponga, têm o costume de chamar os políticos de doutores e que eles não são doutores, que doutor é aquele que conclui o curso de doutorado. Nesse momento, ele se despiu, por baixo da roupa social ele estava com uma calça jeans e uma camisa de malha, disse que a sociedade tem a mística de superioridade quando se chama alguém de doutor. Finaliza esse momento falando da importância da quebra desse paradigma.

Inicia-se a discussão de conceitos políticos, sempre numa dinâmica de questionar os estudantes sobre o entendimento que eles têm sobre determinado tema, assim o palestrante conseguiu ter uma noção do nível de aprofundamento dos estudantes, para uma adequação da fala. Sempre na busca do envolvimento e construção do conhecimento de forma coletiva, além de fazer uma ponte entre o que se discutia e as formas de aplicação no município de Araponga. Assim foi feito em cada tema trabalhado.

No primeiro momento do seminário, foram tratados os temas: Administração Pública; Organização: Administração direta (união, estado, município) e administração indireta; Autarquia, Fundação Pública, Empresa Pública, sociedade de economia mista; Atividades Paraestatais; Obras públicas; Federalismo e suas características.

O palestrante encerra o primeiro bloco fazendo a seguinte pergunta: “*Quem gosta de política?*”. Eles se dividiram em dois grupos, os que gostam e os que não gostam de política e se justificaram da seguinte forma:

**Quadro 5** - Quem gosta de política?

<b>Gostam de política</b>	<b>Não gostam de política</b>
Os cidadãos podem escolher seus representantes.	Os políticos só querem dinheiro.
A possibilidade dos políticos buscarem melhoria para o município.	Não pensam no coletivo.
A possibilidade de o político beneficiar os que votaram nele.	Muita confusão em época de eleições.
As festas feitas em época de eleição.	
A possibilidade de escolha dos políticos que melhor os representa.	
A possibilidade de votar e cobrar do seu candidato o que foi prometido em campanha.	
Por ser uma forma de organização da sociedade.	

**Fonte:** Documentos EFA Puris, 2018.

No segundo momento, o palestrante abordou os temas *Conceitos de política*. Dividiu a turma em três grupos para discutir e aprofundar nos temas *ditadura, democracia e consenso*. Cada grupo teve um tempo de pesquisa e de fala para desenvolver os temas e, ao final da fala dos estudantes, o palestrante elucidou partindo do que foi apresentado.

O palestrante seguiu falando sobre o *Ciclo das Políticas Públicas*, apresentando-o da seguinte forma: Identificação do problema - Inclusão na agenda pública – Soluções A, B, C ou D – Decisão – Planejamento da execução – Implementação da política – Avaliação. Definiu *Política Pública* como ação diante do problema público. Para melhor se fazer entender, o palestrante traça um paralelo entre política pública e um jogo de xadrez. Fala da importância de participação no jogo político para buscar mudanças.

A discussão segue para os temas *política e religião, política e educação, direita e esquerda, liberalismo e conservadorismo de cunho econômico e social*. Sempre utilizando o diálogo com os estudantes, em um jogo de perguntas e repostas, para definir as necessidades de aprofundamento, o palestrante vai desenvolvendo as temáticas. Para encerrar o primeiro dia do Encontro de Formação Política da EFA Puris, foi abordado o tema *três poderes da república: Executivo, Legislativo e Judiciário*. A ideia era identificar, nos níveis federal, estadual e municipal, quem são e suas funções.

O segundo dia do Encontro de Formação Política foi utilizado pelo mesmo palestrante para aprofundamentos sobre: *Indústria cultural e seus mecanismos; Política de representatividade; eleições e quociente partidários* (forma de calcular), *coligações partidárias e participação social*.

Os estudantes, juntamente com o palestrante, fizeram um levantamento de todas as formas de participação social conhecidas ou utilizadas por eles, chegando às seguintes: conselhos temáticos, conferências, orçamento participativo, audiência pública, acompanhamento de sessões legislativas, adotar um vereador (acompanhar suas ações), portais de transparência, ouvidoria pública, serviços de informação aos cidadãos, rede de mobilização local, aplicativos cívicos, ferramentas digitais, movimentos sociais, ações ativistas, iniciativas coletivas de fiscalização, fóruns de discussão, grupo de estudos.

Para encerrar o dia, foi feita uma avaliação verbal, pelos estudantes, sobre o que de importante foi discutido e as mudanças de entendimento possibilitadas pelo *Encontro de Formação Política* realizado naqueles dois dias. Um dos pontos trazidos foi a facilidade de entender e se interessar por determinado tema quando ele é discutido fazendo relação com a vida cotidiana.

\*\*\*

Levando em consideração o significado da palavra *Política*, que é a arte ou a ciência da organização, direção e administração, é que a EFA Puris busca, no seu cotidiano, contribuir com a formação política dos seus estudantes. Foram apresentadas duas ações específicas, mas a formação política ocorre de forma transversal no cotidiano, além de ser a base dos movimentos sociais dos quais os sujeitos da comunidade participam para avançar em conquistas de direitos significativos, incluindo a construção e manutenção da escola.

#### **4.4 As Manifestações Culturais**

Dentre vários Planos de Estudos (PE) propostos pela EFA Puris, um deles chamou a atenção, pois abordava o tema Manifestações culturais. Proposto para o então primeiro ano, assim como os demais, esse PE inicia com uma pesquisa de campo com familiares ou comunidade, baseada nas orientações da Folha de Observação (FO). O

tema do PE, “*As manifestações culturais populares em nossa região*”, tinha por objetivo levar os jovens a conhecerem a cultura do seu povo; melhorarem sua autoestima, valorizando a si mesmos e o lugar onde vivem; reconhecerem os animadores e animadoras da comunidade nas manifestações culturais e entenderem as origens de cada manifestação encontrada. O enfoque estava em entender o termo *manifestação cultural*, os tipos de manifestações existentes na comunidade e região, conhecer as manifestações do passado, as manifestações do presente, fatores que contribuíram para o aumento e para a diminuição e a importância das manifestações culturais para a comunidade. Chego à EFA Puris nesse momento, não para permanecer, mas com o objetivo apenas de acompanhar a Colocação em Comum desse PE .

As monitoras responsáveis pelo PE deram início à *Colocação em Comum* através de um teatro, falavam sobre o que é peculiar e cultural da região. Apresentaram contos, histórias, trouxeram como característica da comunidade a própria relação com o teatro, falaram da quadrilha, que sempre é dançada na EFA e na comunidade em geral e trouxeram objetos representativos da cultura local. Dentre eles estavam a cruz enfeitada de flores, representado o cruzeiro; a bandeira dos índios Puri, representado a ascendência; a bandeira de Nossa Senhora do Rosário, representando a devoção e a religiosidade; a bandeira e os tambores, representado o Coral Popular Cosme Damião. As monitoras ainda falaram de simpatias,<sup>11</sup> como o uso do alecrim para afastar os maus olhados.

---

<sup>11</sup> Nome dado a um ritual ou a um objeto de superstição usado para prevenir ou curar um mal-estar ou uma enfermidade.

**Figura 18** - Cruz enfeitada de flores, representando o cruzeiro



**Fonte:** Registro de pesquisa de campo, 2017.

**Figura 19** -Bandeira dos índios Puri representando a ascendência



**Fonte:** Registro de pesquisa de campo, 2017.

**Figura 20** - Bandeira de Nossa Senhora do Rosário representando a devoção e a religiosidade



**Fonte:** Registro da pesquisa de campo, 2017.

**Figura 21-** Bandeira do Coral Popular Cosme Damião



**Fonte:** Registro da pesquisa de campo, 2017.

**Figura 22** - Alecrim para afastar mau olhado



Fonte: Registro da pesquisa de campo, 2017.

Logo após a apresentação das monitoras, os estudantes se dividiram em quatro grupos, a partir dos dados levantados através da pesquisa de campo, por todos os estudantes que compunham os grupos, eles elencaram os temas que iriam pautar na colocação em comum e também a forma de apresentação. Todos os quatro grupos optaram por utilizar o teatro como linguagem para apresentação da pesquisa.

*O grupo 1* apresentou um teatro retratando o casamento da roça, fazendo uma alusão ao teatro que, geralmente, antecede as quadrilhas nas festas juninas, a quadrilha que nesse contexto é sempre dançada e festejada. No passado, as festas de casamento das pessoas do campo costumavam ser realizadas na noite de São João, para que o santo abençoasse a união. A noiva, o noivo, os pais e os convidados se reuniam ao redor de uma fogueira para comemorar o casamento, cantavam músicas populares e comiam comidas típicas, a quadrilha é a representação da dança pós-casamento.

*O grupo 2*, utilizando também do teatro, representou estudantes da EFA fazendo uma pesquisa com um senhor e uma senhora, os estudantes faziam perguntas e o casal respondia falando das manifestações culturais existentes comunidade. Contaram sobre a “Festa do Carro de Boi”, que é uma carreata de carros de boi que acontece no município de Ervália (município próximo à Araponga),

*todos os que ainda têm carros de boi se reúnem pela manhã, tomam café, fazem uma carreata pela cidade e terminam com um almoço para todo o grupo. Descreveram a “Subida ao morro do cruzeiro”, que é uma caminhada longa na subida de um morro, feita com o objetivo de pagar penitências<sup>12</sup>. Quando chegam ao alto do morro, onde existe um santuário católico, os participantes tomam café e rezam uma missa. Falaram ainda da quadrilha, festa tradicional comemorada pela comunidade no mês de junho.*

**O grupo 3**, através do teatro, contou a história da “Casa do Capeta”, lenda da comunidade, que fala de uma mulher que, em algum momento, disse que daria a sua casa para o capeta. Ela saiu de casa e quando voltou a casa estava ocupada por ele, a dona da casa precisou chamar um padre para exorcizar a casa e, assim, retirar o capeta de lá.

**O grupo 4**, através da encenação, contou uma história sobre a época da quaresma<sup>13</sup> em Araponga. Durante esse período, aparecia, todas as noites, segundo pessoas da comunidade, a mula sem cabeça. Até o dia em que um fazendeiro cansou de escutar o barulho da mula e jogou a metade de um terço<sup>14</sup> no chão, a mula sem cabeça achou o meio terço e começou a contar, no dia seguinte, ela amanheceu morta. Esse mesmo grupo ainda encenou a cultura existente na comunidade, da cura através do benzer<sup>15</sup>. Representaram os pais de um jovem que o levaram à benzedeira para tirar o sol da cabeça, o jovem tinha ficado muito tempo exposto ao sol e estava com a cabeça quente (Notas do diário de campo).

Após as apresentações, foi aberta uma reflexão sobre o que são as manifestações culturais e um espaço para discussão e apresentação do que estava presente na pesquisa feita individualmente na comunidade e que não foi contemplado na apresentação em forma de teatro realizada pelos quatro grupos.

Voltaram a relatar sobre as quadrilhas, que são dançadas nas festas juninas, presentes no calendário litúrgico da igreja católica, em comemoração ao dia de Santo Antônio (13 de junho) e ao dia de São Pedro (29 de junho). Em Araponga, essas festas culminam com o final da colheita das lavouras de café, sendo assim, tornam-se momento de agradecimento pelo alimento produzido.

Contaram a história do “João do Mato”, dizem que, antigamente, na comunidade onde se localiza a EFA, os sujeitos tinham o costume de fazer um Tibode (um tipo de palhaço de pano em tamanho real, vestido com roupas de pessoas). Dizem

<sup>12</sup> Atos oferecidos a Deus como prova de arrependimento dos pecados em religiões cristãs.

<sup>13</sup> Período de quarenta dias, após a Quarta-feira de Cinzas (encerramento do carnaval), em que os católicos e algumas outras comunidades cristãs se dedicam à penitência em preparação para a Páscoa.

<sup>14</sup> Objeto composto por cinco dezenas de contas, para a reza da ave-maria, intercaladas por cinco contas, para rezar o Pai Nosso, utilizado pela religião católica e outras comunidades cristãs.

<sup>15</sup> Ato de santificar ou consagrar algo ou alguém, rezando pela pessoa ou objeto com o objetivo de afastar algo de mal, costume da religião católica e de outras comunidades cristãs.

que saíam com ele em uma carroça e o colocavam na roça de alguém que não tinha o costume de capinar e deixar limpo seu terreno. Após colocarem o Tibode, o grupo se reunia para limpar o terreno onde ele foi colocado. O dono da roça se sentia envergonhado e não mais deixava de limpar o seu terreno. O nome “João do Mato” é utilizado, atualmente, por um grupo de danças folclóricas da região.

Voltaram a contar causos da Mula sem cabeça, os estudantes e monitores disseram que muitos dos entrevistados e parentes deles mesmos contavam que já tinham visto naquela região a Mula sem cabeça. Um dos estudantes contou que uma senhora de Araponga, que duvidou da veracidade da Mula, fez um jantar e disse que, se a mula existisse, que ela viesse comer e, segundo essa senhora, ela apareceu e comeu. A monitora disse que seus avós, também duvidando da existência da mula, a desafiaram, dizendo que se ela aparecesse para eles, o avô montaria nela. Eles disseram que a mula de fato apareceu, mas que o senhor não teve coragem de montá-la. Uma estudante relatou que o tio do pai dela montou na mula sem cabeça e que ela o jogou na boca do inferno, mas ele não teve coragem de empurrá-la para o inferno porque ela parecia ser a sua madrinha.

Falaram ainda sobre a *Encomendação de Almas*, ritual do qual alguns deles ainda participam. Trata-se de um cortejo onde alguns sujeitos se reúnem e saem caminhando pelas ruas, contam nove casas e param para cantar, as pessoas da comunidade não podem abrir as janelas das casas. Nesse cortejo eles rezam pelas almas dos que já morreram, por isso quem participa não deve olhar para trás. Quem entra para o grupo que realiza o ritual deve permanecer por sete anos e depois estará liberado da obrigação.

Os estudantes ainda trouxeram fotos, receitas e objetos relacionados à temática para apresentar ao grupo. Todo o material foi exposto no chão, no centro da sala, e quem os trouxe falou um pouco sobre seus significados e suas fontes de coleta.

Ao final dessa colocação em comum, os estudantes falaram da importância desse Plano de Estudo, das suas contribuições e do papel da EFA em trazer à tona o tema *Manifestações Culturais*. Falaram da importância do resgate da cultura. Eles consideraram que as tecnologias, por vezes, devido ao efeito da globalização cultural, acabam os afastando do que é local. Relataram a importância da busca e do encontro com os mais velhos, no momento da pesquisa.

Acompanhar o Plano de Estudo *Manifestações Culturais*, possibilitou conhecer as manifestações culturais da comunidade de Araponga e demais comunidades

das quais os estudantes são oriundos, bem como presenciar o cuidado e interesse da escola ao trazer para o currículo, através de uma atividade complementar, o tema. Além de possibilitar o conhecimento dos estudantes em relação às manifestações culturais da sua comunidade, o PE proporcionou o encontro com o outro, que pode ser um familiar ou alguém da comunidade e ainda levou o estudante a refletir sobre o tema, entender o que existiu, o que persiste, o que faz permanecer vivo, o que deixou de existir, o que é novo e faz parte do cotidiano.

#### **4.5 A presença do futebol no cotidiano da EFA Puris**

A presença do futebol na EFA Puris está relacionada a diferentes ocasiões, nos momentos do tempo disponível, nas aulas de educação física e em campeonatos para arrecadação de fundos para formatura da turma do então terceiro ano.

No momento do tempo disponível que, geralmente, é o horário depois das 10:20, quando todos estão à espera do almoço e, principalmente, no intervalo do horário das 16:00 às 19:00 horas, a organização para o jogo é feita pelos próprios estudantes. As formas de participação são diversas, há aqueles que jogam e se revezam entre os times que estão jogando e os que estão no time de fora, que entrarão em campo após dois gols ou após um tempo de partida. Há os que ficam sentados na calçada do fundo do alojamento masculino assistindo e ainda um ou outro que possui caixinhas de som com microfone e fazem a narração do jogo.

As regras se mantêm e, caso haja dúvida, o jogo é interrompido, o grupo discute o que não ficou entendido, rapidamente, para dar andamento à partida. Não existe uma disputa ou uma prioridade dos que irão jogar, todos os estudantes têm direito de entrar e jogar. O estudante interessado em participar, chega a qualquer momento e fica na “fila” do time de fora. Ao término do jogo, se o grupo que está do lado de fora é composto por um número ideal para montar um novo time (quatro na linha e um no gol), entra a equipe inteira que estava de fora. Caso contrário, os que estão de fora completam o time com alguém que estiver no time que perdeu e irá sair. Geralmente o jogador de maior habilidade permanece por um tempo maior em campo, momento em que a habilidade trará benefícios, mesmo que o estudante seja da equipe que perdeu o jogo.

A presença das mulheres em campo é marcante, embora ainda seja menor que o número de homens. Entretanto, essa diferença é natural, uma vez que a escola possui mais estudantes do sexo masculino do que do sexo feminino, além do fato de o futebol ser entendido e incentivado, na maioria das vezes, como um esporte masculino. Elas têm lugar assegurado nos times, existe um pré-acordo de que se as mulheres estiverem dispostas a jogar (e sempre estão), elas têm direito a, pelo menos, um lugar no time que vai entrar. Assim, por vezes, elas escolhem e, por vezes, são escolhidas; mas não existe a possibilidade de não jogarem ou serem apenas espectadoras.

O comportamento delas em campo é efetivo, elas são escaladas e têm direito conquistado ao jogo. Algumas são consideradas habilidosas e são sempre mantidas nas equipes no momento da troca do time. É perceptível entre elas o orgulho e a vibração quando conseguem fazer uma boa jogada, um gol, uma boa defesa, um drible, e conseguem assegurar o lugar da mulher que não quer ser carta branca ou café com leite<sup>16</sup> na partida.

Nas aulas de educação física, o futebol aparece de forma hegemônica. O monitor dessa disciplina não tem formação específica na área, o que pode justificar a não diversificação dos conteúdos. O desconhecimento das teorias da Educação Física, que valorizam a ampliação das experiências corporais dos estudantes, aliada a condescendência dos mesmos, faz com que as aulas de educação física se limitem aos jogos de futebol. Lembramos que essa hegemonia foi constatada a partir das aulas acompanhadas durante o tempo de realização da pesquisa de campo.

As aulas de educação física são organizadas com a presença do monitor, que assume papéis diferentes ao longo do processo. Participa dos jogos compondo as equipes como os estudantes, incentiva os demais estudantes que não são adeptos da prática a entrarem e a experimentarem, assume o papel de técnico para equipes que não apresentam bons resultados, ensina e corrige questões relacionadas a posicionamento no campo (principalmente às meninas) e, por vezes, atua como juiz da partida.

As aulas de educação física seguem o formato da prática futebolística, no momento do tempo disponível. São dois times em campo e mais o(s) time (s) de fora, que aguardam para jogar. Estipula-se um tempo ou número de gols, a equipe que perder dentro desses quesitos é eliminada. As equipes são mistas e a participação das mulheres é assegurada da mesma forma. Existem aqueles estudantes que não têm afinidade com a

---

<sup>16</sup> Quando a presença da jogadora se configura como um processo de aprendizagem, mas ao mesmo tempo é ilustrativa e não interfere no resultado do jogo.

prática e não são obrigados a realizá-la, permanecendo no local e observando os jogos, sem que sejam prejudicados de qualquer forma.

No contexto das aulas de educação física na EFA Puris, existe a dificuldade da sistematização do ensino do futebol, existe uma resistência a intervenções pedagógicas no momento do jogo. O jogo acontece de forma “natural”, não há uma organização prévia da prática, o jogo acontece e o grupo se organiza como ocorre no tempo disponível. Mas essa questão do ensino do futebol na escola não é uma especificidade da EFA Puris, como aponta Faria (2008, p. 82):

Vários estudos que tematizam o esporte nas aulas de Educação Física também revelam aspectos semelhantes sobre a produção do futebol em outras escolas. Desse modo, mostram: que os alunos resistem ao ensino sistematizado do futebol; que o futebol é produzido predominantemente na forma de jogo; que a produção do futebol nas aulas é semelhante à sua produção em outros tempos escolares (recreio) e sociais (fora da escola); que o futebol nas aulas de Educação Física parece preservar certas formas de relações sociais de aprendizagem (não se “curva” à lógica da *forma escolar* de relações sociais de aprendizagem).

Dentro da própria aula de educação física, para o encerramento do ano letivo em 2017, foi organizado na EFA Puris um campeonato de futebol masculino e feminino. Foi anunciado pelo monitor que no último dia de aula ocorreria um campeonato, algo que foi bem recebido pelo grupo de estudantes e que foi possível perceber que acontece de forma regular. Os estudantes se organizaram rapidamente, eles mesmos passaram uma lista ao longo de dois dias, nas turmas de primeiro, segundo e terceiro ano, para que aqueles que tivessem interesse em participar colocassem os nomes na lista. No horário do jantar do dia que antecedia o campeonato, foi feito um sorteio pelos próprios estudantes, para saber os times que iriam jogar, os times eram compostos por estudantes das três turmas. Nessa ocasião, foram formados quatro times masculinos e dois femininos. No último dia de aula, os estudantes foram para o campo de futebol da comunidade, que é um campo maior do que o da EFA, acompanhados pelo monitor de educação física e outros monitores que foram para ajudar na organização e no acompanhamento dos estudantes para a realização do campeonato.

Esse tipo de campeonato também é organizado pelos estudantes para arrecadação de dinheiro para ajudar na realização da festa de formatura dos estudantes do terceiro ano. Nesse caso, cada estudante que quiser participar do campeonato precisa contribuir com uma quantia de R\$ 2,00 (dois reais) para colocar o nome na lista do

sorteio dos times, que ocorre da mesma forma do campeonato para o encerramento das aulas.

O futebol está presente no cotidiano e permeia o contexto escolar, todos os dias ele está presente, seja em breves intervalos de tempo ou em tempo mais estendidos. Sempre que cessam as aulas, por qualquer motivo, o campo de futebol é ponto de encontro entre os estudantes. Seja em tempos festivos ou em dias comuns, o futebol é sempre jogado e se configura como espaço de socialização entre os estudantes, que constroem também, nessa prática, as suas relações e aprendizagens.

A escolha do futebol como foco da análise aqui proposta deveu-se, também, pelo fato de ele ser um fenômeno conhecido, jogado e de importância mundial. Entretanto, na EFA Puris, ele absorve aspectos peculiares dessa comunidade, seja pelo espaço, pelos tempos, pela organização, ou mesmo pela forma como é jogado.

\*\*\*

Esse capítulo trouxe o desafio de fazer a descrição de algumas ações e vivências proporcionadas pela EFA Puris de Araponga que, por certo, são mais profundas do que foi relatado, pois toda vivência irá repercutir em cada sujeito de formas diferenciadas, pois cada um irá recebê-la a partir de seu ponto de vista e das próprias experiências que o constituíram como humano. O olhar pelo qual os fatos e vivências foram apresentados apoia-se no que foi possível acessar, na experiência vivida e na capacidade de análise dos fatos .

Ao eleger a descrição do cotidiano geral da instituição, através de um dia na EFA Puris, da semana de adaptação, da formação política, das manifestações culturais e da presença do futebol como possibilidade de divertimento, a busca foi por possibilitar uma leitura da totalidade dos fatos vividos nessa instituição, com o objetivo de promover a compreensão do espaço, do tempo e dos sentidos vivenciados por esses sujeitos em uma escola família agrícola.

Compreendo que os elementos destacados trazem uma marca da escolarização, por ocorrer na instituição *escola*, mas a escolha foi para mostrar que essa escola, além de ser tempo e espaço de escolarização, também é tempo e espaço das experiências culturais que esses sujeitos compartilham.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para iniciar as considerações finais, é importante retomar os objetivos propostos para esse trabalho. A proposta foi de contribuir com os campos do *Lazer* e da *Educação*, através de um estudo capaz de compreender um processo de formação escolar que tem como centralidade o trabalho, sem perder de vista as manifestações culturais; trazendo reflexões sobre a importância das experiências de lazer na constituição tanto identitária, quanto da produção material do cotidiano.

A escolha foi pela Escola Família Agrícola Puris de Araponga, localizada na comunidade Novo Horizonte – São Joaquim – Araponga - MG, como lugar para vivenciar e descrever o cotidiano, a fim de possibilitar esse olhar. A EFA Puris trabalha dentro da Pedagogia da Alternância, que tem eixos norteadores que priorizam a formação integral dos sujeitos, onde o trabalho tem centralidade, mas sem perder de vista a complexidade do mundo que envolve a vida dos estudantes.

Diante das escolhas de pesquisa, fui à campo com a proposta de um trabalho etnográfico, considerando a capacidade que esses trabalhos têm de descrição da realidade, a partir do que se vive, contemplando o encontro com o outro. A partir do que foi vivido e da relação com os sujeitos sociais da pesquisa, foi elencado o que deveria ser alvo de reflexões e análises, a fim de possibilitar ao leitor uma noção do que é real e de como a vida acontece nesse contexto.

Logo na primeira imersão em campo, percebi que para descrever o cotidiano da EFA Puris de Araponga nos dias atuais, era preciso contemplar a história de construção dessa instituição, por tomar ciência de que toda a vida que pulsa nos dias atuais está intimamente ligada ao desejo e à luta de uma comunidade que definiu, através de vários movimentos sociais, pela construção de uma escola que dialogasse com os desejos dos sujeitos que ali habitavam. Num processo político, uma comunidade rural se propõe a construir uma escola que possibilitasse o crescimento de raízes de sua comunidade, com currículo coerente com o vivido, sem precisar se submeter a um sistema educacional desconexo da vida de homens e mulheres do campo.

Através de um trabalho etnográfico, foram selecionados três sujeitos que compõem hoje a Associação EFA Puris e a direção da escola para nos contar a história da construção da escola da qual eles participaram. Pedi para os sujeitos escolherem seus nomes fictícios para serem utilizados na escrita da dissertação, de forma que pudessem se identificar no momento da leitura e eles se autodenominaram Ipê Amarelo, Ipê Rosa

e Ipê Roxo. Os ipês representam a resistência, ao florescerem na seca. Com a beleza dos Ipês, que florescem vibrantes em tempos de escassez, percebo que nenhum movimento é ingênuo, que na simplicidade da fala e do gesto estão a profundidade, a sabedoria e a resistência desse povo. A escolha dos nomes fictícios aponta a sensibilidade do olhar mais estético, mais poético sobre eles mesmos, sobre as suas formações, sobre as suas relações com os outros e as relações com o ambiente.

Ao percorrer os caminhos da história da escola, percebo a forte conexão com a proposta curricular e com o cotidiano vivo, o que dar sentido a essa escola. A forma como ela nasce, não como movimento principal de uma comunidade, mas como consequência de diversos movimentos, é o que a tornou possível. O que se vive no tempo escolar é real, pois está entrelaçado com a realidade da comunidade. A conexão entre vida escolar e vida comunitária é o que enriquece e valoriza essa iniciativa.

Por ser coerente com a vida da comunidade em que está inserida, a EFA Puris trabalha em forte relação com o meio ambiente, todo o cotidiano está permeado por essa questão, a agroecologia é ponto central. Segundo os interlocutores *Ipês*, a relação e o cuidado com a terra nascem da ascendência Puri, povo que, segundo eles, tinha o desejo e o encantamento pelo cuidado com a terra. Através dela, o povo que ali habita conseguiu subverter a ordem natural das coisas, tornando-se pequenos proprietários de terras, de modo que muitos deles já produzem alimentos de forma orgânica. A EFA, em diálogo com essa comunidade, faz parte da construção e manutenção dessa forma de produzir “limpo”. Ao acompanhar o cotidiano, é perceptível que essa preocupação com as questões agroecológicas está presente desde o momento da oração até na forma de produção do conhecimento.

Dentro dos caminhos da história, foi relatado algo de bastante importância, a *Festa da Colheita*, mas para evitar tocar no assunto dentro do primeiro capítulo, sem dar a ele a profundidade necessária, defini por abordá-lo somente aqui. A *Festa da Colheita* é um festejo que acontecia na região de Araponga no mês de julho para comemorar a colheita do café, um exemplo de festejo que comemora o êxito e o final de um ciclo de trabalho. Segundo a interlocutora, Ipê Rosa, a festa, com o passar dos anos, foi perdendo o sentido, porque não mais servia para comemorar a colheita, mas era uma festa como outra qualquer, com som alto, bandas e músicas que não tinham conexão com o que se propunha. Assim, a comunidade, a partir de uma leitura crítica da realidade, decidiu, temporariamente, suspender a realização da festa. A EFA Puris, que propõe conectar-se com a comunidade, absorveu esse festejo, ainda que em proporções

muito menores, para manter viva a importância de festejar o que se produz, a relação com a terra e a gratidão pelo alimento produzido. O valor simbólico da referida festa e sua importância para a comunidade é tema trazido aqui, mas que deve ser considerado em outros trabalhos, de modo a ser tratado com o devido cuidado e importância.

No segundo capítulo, a escolha foi por apresentar a estrutura física da escola, a marcação dos seus tempos e a forma com que são coordenadas algumas de suas atividades, como é o caso da limpeza da escola. Entendo que a importância desse momento está na beleza de permitir que o leitor tenha acesso a essas estruturas, para que a descrição do cotidiano faça sentido, mas também para apontar um caminho que deixa claro que as estruturas que são fixas também transparecem e demonstram a essência desse modelo de escola. A disposição espacial, a organização, a demarcação do tempo, todos esses aspectos, de forma intencional, colocam que tipo de sujeitos a EFA Puris pretende formar.

Ainda seguindo a proposta de fazer o desenho da EFA Puris nos dias atuais, foi trazida as reflexões de Silva (2012), que analisa diferentes instituições que trabalham com a pedagogia da alternância. Nesse estudo, Silva aponta duas estratégias dentro dessa pedagogia. Uma diz respeito à inclusão escolar no meio rural, que possibilita que, ao estabelecer tempos no meio escolar e tempos no meio familiar, o estudante consiga dar continuidade aos estudos sem se distanciar do trabalho, da família e da comunidade. A outra estratégia é de qualificação profissional do jovem agricultor, com ênfase no subsídio técnico à agricultura familiar. Ao analisar a realidade da EFA Puris, através de documentos, entrevistas e acompanhamento do cotidiano, percebo que é forte o objetivo de qualificação profissional dos jovens, mas que a pedagogia da alternância tem sido importante para assegurar aos jovens a possibilidade de conciliar trabalho e estudo.

Foi possível identificar que na EFA Puris, assim como em outras instituições analisadas por Silva (2012), encontra-se uma educação enraizada na cultura local, que prioriza as questões da população do campo, que não está dissociada da história de luta dos agricultores e agricultoras e que visa ao desenvolvimento do campo através da formação de sujeitos críticos, criativos e sensíveis à realidade da qual fazem parte. Para além dessas questões, a EFA Puris também possibilita que seus estudantes estejam preparados para seguirem para as universidades, caso seja o desejo deles. Assim, permanecer no campo passa a ser uma das possibilidades e não o único caminho a ser seguido.

A EFA Puris oferece a formação do ensino médio regular de forma conjugada ao curso técnico agrícola, o plano curricular é composto por áreas de conhecimento do currículo básico comum e da formação profissional. Para a efetivação da proposta da pedagogia da alternância, a EFA faz uso de instrumentos pedagógicos explicitados no Plano Curricular como atividades complementares.

A EFA Puris de Araponga, assim como as demais Escolas Famílias Agrícolas, é considerada uma escola comunitária, por ter uma gestão feita por uma associação de pais e moradores da comunidade. Seu financiamento é realizado através da Lei 14.614 de 2003, que determina um apoio financeiro por parte do estado; além da contribuição de cada estudante, no valor de R\$ 70,00 (setenta reais), destinados à alimentação e de doações diversas da comunidade. As escolas comunitárias também são símbolo de resistência, apesar de receberem subsídio do estado e de cumprir o currículo básico comum, elas seguem diretrizes próprias. Esse modelo de gestão possibilita que a escola tenha características próprias e corresponda aos interesses de uma dada comunidade.

No terceiro capítulo, foram elencados algumas ações e vivências para possibilitar uma leitura da realidade do cotidiano da EFA Puris de Araponga, na busca de possibilitar uma visão da totalidade. De tudo o que foi vivenciado ao longo do período de realização do trabalho de campo, foi feita a escolha de focar em um dia completo de atividades na escola, apresentando, de forma cronológica, a descrição da semana de adaptação, a formação política desses estudantes, as manifestações culturais e a presença do futebol no cotidiano da EFA Puris.

Ao abordar o cotidiano geral, através da descrição de um dia na EFA Puris, entendo que a rotina imposta de forma regular e repetitiva imprime nos corpos um ritmo, marcado de forma intencional. Os horários fixos de alimentação impõem ao organismo uma regulação. As pausas para oração, em agradecimento ao alimento e às mãos que o produzem, possibilitam ao longo do dia tempos de reflexão e podem proporcionar a relação com o que é divino e, conseqüentemente, uma crença nele. As aulas, em geral, fazem menção ao cotidiano do trabalho no campo, imprimem o movimento no corpo de forma prática, assim como provoca trocas e reflexões para aprimoramento desse trabalho. O tempo disponível chega como possibilidade para o divertimento. Entretanto, por tratar-se de um tempo institucional, subentende-se que há o que é permitido ou não, o que deve ser vivenciado e o que não é oportuno. De toda forma, reflete a cultura desses indivíduos e também dos seus lugares de origem.

Na semana de adaptação, o corpo docente da EFA Puris elabora uma programação que permite que os estudantes aprendam, na prática, o que é a vida nesse lugar, utilizando vários mecanismos, submetendo-se aos tempos e ritmos do cotidiano natural da escola. Esse tempo de aprendizagem possibilita o conhecimento e a elaboração das regras, do plano curricular, promovendo a utilização dos instrumentos da pedagogia da alternância e propondo aulas práticas com estabelecimento de relações com as questões agroecológicas. Ao final da semana de adaptação, os estudantes candidatos têm condição de avaliar se eles têm o desejo de fazer parte desse modelo de educação e, ao mesmo tempo, a escola avalia quais deles têm melhor condição de ficar e se reconhecer ou ser educado para dar conta do ritmo imposto pelo cotidiano escolar.

A escola, ao ser feita para uma determinada comunidade, naturalmente, na sua seleção, torna propício que os estudantes que melhor se adaptam sejam os que, de fato, pertencem a esse lugar ou aqueles que estão dispostos a serem educados para habitá-lo. Para desejar está ali, o estudante precisa se enxergar e se integrar naquele universo, pois para dar conta do ritmo imposto pelo cotidiano da escola, dos modos de trabalho e de partilha, é preciso se sentir parte e ainda fazer um compromisso baseado na ética da corresponsabilidade.

A formação política ocorre de forma transversal e contínua na EFA Puris de Araponga. Para abordar esse tema, foram relatados dois momentos específicos, embora, ao viver o cotidiano da escola, se perceba que esse tema extrapola as ações pontuais, pulsando na vida da instituição. Avalio que a política está presente nessa comunidade, desde os movimentos sociais dos quais os sujeitos participam, em busca do avanço em conquistas de direitos significativos, até a construção e a manutenção da escola. Outra questão que considero significativa e que vale ressaltar é o fato da escola trazer um palestrante nascido na cidade de Araponga, que propõe a discussão sobre política sempre focando nas questões daquela cidade, facilitando o entendimento e promovendo nos estudantes familiaridade com o assunto.

Ao descrever o plano de estudo *Manifestações Culturais*, é possível conhecer um pouco da cultura daquele lugar, além de perceber que a EFA possibilita o enraizamento dos sujeitos. Um elemento trazido através de uma atividade complementar, que torna possível o conhecimento das manifestações culturais da comunidade dos estudantes, proporciona o encontro com o outro, que pode ser um familiar ou alguém da comunidade. Além disso, leva o estudante a refletir sobre o tema, entender o que existiu, o que persiste, o que faz permanecer vivo, o que deixou de

existir, o que levou ao desaparecimento determinadas manifestações, além de trazer o que é novo e faz parte do cotidiano dos estudantes.

Ao escolher o futebol para tratar das questões relacionadas ao divertimento, abro mão de várias outras iniciativas dos estudantes, como os jogos de carta, as conversas em grupo, o descanso nos alojamentos, o Coral Cosme Damião, o uso das redes sociais, o escutar músicas, cantar e dançar, entre outras tantas possíveis. Mas entendo essa escolha necessária e legítima, pela sua presença regular, por extrapolar o jogo propriamente dito, por ser um ponto de encontro, por estar presente no dia a dia e também em dias festivos, por ser espaço de socialização e troca entre os estudantes e também por ser um fenômeno de importância mundial, que absorve aqui aspectos simbólicos dessa comunidade.

Os elementos destacados no último capítulo, destinado à descrição do cotidiano, trazem uma marca da escolarização e, por tratar-se uma Escola Família Agrícola, essa escolarização está relacionada aos sentidos do trabalho. Entretanto, foi possível perceber, através do que foi vivido no trabalho em campo, que essa mesma escola abriga possibilidades de outras experiências, porque são eles sujeitos vivos, são sujeitos ricos e, por isso fazem um cotidiano vivo. A EFA Puris de Araponga, além de ser tempo e espaço de escolarização voltado para sentidos do trabalho, é também tempo e espaço de experiências culturais.

Considero importante um estudo etnográfico sobre escola e educação em um programa interdisciplinar de Lazer, para contribuir com uma discussão, ainda que de forma inicial, de que a escola pode e deve estar associada à vida na sua totalidade, e ser parte integrante dela. Espaços e tempos escolares, como constatado aqui, podem ser marcados pelo que faz sentido. Compreendo que o tempo e as manifestações culturais de lazer naturalmente estarão presentes no ambiente escolar, por fazerem parte da vida cotidiana. A busca não é por dizer que existe uma formação para o lazer na EFA Puris de Araponga, mas de descrever um cotidiano onde ele existe, é parte do todo e é, também, tempo e espaço de aprendizagem.

## REFERÊNCIAS

- ALMG. <https://www.almg.gov.br/home/index.html>. Acesso em 30 fev. 2018.
- BARBOSA, W. A. **Cultura Purí e educação popular em araponga/MG**: duzentos anos de solidão em defesa da vida e do meio-ambiente. 2005. 237 f. Tese (Doutorado) - Pós-graduação em Educação– Universidade Federal De Santa Catarina. 2005.
- BENEDICT, R. **Padrões de cultura**. Petrópolis: Vozes, 2013 [1934].
- BOURDIEU, P. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, M.A.; CATANI, A. (Orgs) **Escritos de educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 39-64.
- CAPORAL, F. R; COSTABEBER, J. A. **Agroecologia enfoque científico e estratégico para apoiar o desenvolvimento rural sustentável**. Porto Alegre: EMATER/RS-ASCAR, 2002.
- CAVALCANTE, L. O. H. **A escola família agrícola do sertão**: entre os percursos sociais, trajetórias pessoas e implicações ambientais. 2007. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia.
- FARIA, E. L. **A aprendizagem na e da prática social**: um estudo sobre as práticas de aprendizagem do futebol em um bairro de Belo Horizonte. 2008. 229 p. Tese (doutorado) – Faculdade de Educação - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 34 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006. 148p.
- GADOTTI, M. Educação Popular, Educação Social, Educação Comunitária: conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa comum, **Revista Diálogos**: pesquisa em extensão universitária. IV Congresso Internacional de Pedagogia Social: domínio epistemológico. Brasília, v.18, n.1, p. 10-32, dez, 2012.
- GALVÓ, P. P. **Introdução**: centros familiares de formação em alternância. Pedagogia da alternância, Alternância e desenvolvimento, Bahia, 2.ed. p.15-24, Nov.1999.
- GEERTZ, C. A interpretação das culturas. In: GEERTZ, C. **Uma Antropologia simbólica e interpretativa**: cultura e etnografia. LCT, 1983. p. 3-12.
- GIMONET, Jean-Claude. **Nascimento e desenvolvimento de um movimento educativo**: as casas familiares rurais de educação e de orientação. Pedagogia da alternância, Alternância e desenvolvimento, Bahia, 2.ed. p.39-48, Nov.1999.
- GIROUX, H.; SIMON, R. Cultura popular e pedagogia crítica: a vida cotidiana como base para o conhecimento curricular. In: MOREIRA, A. F.; SILVA, T. T. (Orgs). **Currículo, cultura e sociedade**. São Paulo: Cortez, 2008. p.93-125.

LAVE, J.; WENGER, E. **Situated learning**: legitimate peripheral participation. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1991.

MALINOWSKI, B. **Uma teoria científica da cultura**. Rio de Janeiro: RJ.Zahar Editores, 1962.

MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac e Naify, 2003 [1925].

SANTOS, E. O. C; ALENCAR, M. A política de desenvolvimento dos territórios rurais. **Estudos**, Goiânia, v.41, especial, p.17-27. Set. 2014.

SILVA, L. H. **As experiências de formação de jovens do campo**: alternância o alternâncias? Curitiba, PR: CVR, 2012.

UNEFAB. <http://www.unefab.org.br/>. Acesso em 20 nov. 2016.

**ANEXO I****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO****Pesquisa: UM OLHAR PARA A ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA E PARA A PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA COMO POSSIBILIDADE DE PROBLEMATIZAÇÃO DO LAZER NO ENTRELACAMENTO DOS TEMPOS DA ESCOLA, DO TRABALHO E DA EXPERIÊNCIA CULTURAL**

O Sr.(a) está sendo convidado(a) a participar da pesquisa “ Um olhar para a Escola Família Agrícola e para a pedagogia da alternância como possibilidade de problematização do lazer no entrelaçamento dos tempos da escola, do trabalho e da experiência cultural”, da mestranda Renata Martins e coordenado pelo pesquisador responsável Prof. Dr. José Alfredo Oliveira Debortoli, ambos do Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Estudos do Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais.

A pesquisa tem como objetivo analisar e compreender de que forma o lazer (como experiência cultural e sua relação com a educação/escolar), pode contribuir para a formação (identitária e cidadã) dos sujeitos, num contexto onde o trabalho é o signo ordenador dos tempos e das práticas sociais. Entendemos que este estudo poderá contribuir na possibilidade de ampliação do olhar quando se trata dos campos Lazer e Educação, ao provocar uma discussão que busca, através do estudo de um determinado grupo, inseridos em um sistema escolar, regidos por uma pedagogia que alterna tempos escolares e tempos comunitários, entender o significado atribuído às manifestações culturais de lazer na formação indentitária e cidadã dos sujeitos envolvidos no processo educacional.

Nesse sentido, a participação dos estudantes, da direção, bem como, de moradores da comunidade envolvida no processo de fundação da Escola Família Agrícola Puris Araponga é de suma importância. Para a coleta de dados utilizaremos entrevista semi-estruturada e observação participante. No momento da observação a mestranda permanecerá no ambiente escolar acompanhando e participando das atividades dos alunos, a observação ocorrerá durante uma semana, dentro de cada quinzena de permanência no ambiente escolar, levando em conta os tempos da alternância, iniciando em outubro de 2017 e findando em abril de 2018, tal observação tem por objetivo a aproximação dos sujeitos que vivenciam o processo de formação, na observação das relações que se estabelecem na permanência dentro do contexto escolar. A entrevista assim como a observação será realizada na sede da Escola Família Agrícola Puris Araponga, situada na comunidade Novo Horizonte – São Joaquim – zona rural de Araponga – MG, a mesma ocorrerá de forma coletiva, nelas abordaremos temas relacionados as manifestações culturais de lazer, a fim de esclarecer quais são elas,

como e quando são vivenciadas no ambiente escolar e fora dele, como a escola estimula este tipo de prática, se existe relação nas práticas vivenciadas dentro e fora do ambiente escolar, e sobre o aprendizado dessas práticas. Todos os dados coletados serão analisados para fins desse estudo como fonte de informações, e serão destruídos logo após a transcrição.

Deste modo, evidenciamos aos participantes que podem ocorrer riscos no decorrer da pesquisa, como o incomodo com a presença do pesquisador no momento da observação participante, ou constrangimento ao responder alguma questão da entrevista. Para tanto, prevemos procedimentos para minimiza-los como a garantia do anonimato e o sigilo no tratamento das informações obtidas que somente serão disponibilizadas para os envolvidos nessa pesquisa, a possibilidade de interromper a entrevista em qualquer momento, bem como, a possibilidade de afastamento temporário da mestrandia se o voluntário assim necessitar. Ainda deixamos claro que os sujeitos serão identificados apenas por um número ou nome fictício escolhido pela equipe de pesquisadores e a identidade dos voluntários não será revelada publicamente.

A coleta de dados se iniciará após a aprovação do Comitê de Ética da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. Esclarecemos que todas as despesas relacionadas com este estudo serão de responsabilidade da mestrandia, não havendo qualquer forma de remuneração financeira para os voluntários. Asseguramos total liberdade aos participantes que poderão recusar a participar ou mesmo retirar seu consentimento sem qualquer tipo de ônus para ambas as partes envolvidas (pesquisado e pesquisador). Após a análise dos dados os resultados da pesquisa serão divulgados somente no meio acadêmico (congressos, seminários, periódicos).

Assumimos o dever de tornar público o resultado desta pesquisa e reiteramos nossa disponibilidade na prestação de esclarecimentos, em qualquer etapa do estudo. Disponibilizamos-nos através do endereço Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Av. Presidente Carlos Luz, 4664/Campus UFMG, Pampulha, Belo Horizonte-MG, (31) 3354-1280 e divulgamos os dados do Comitê de Ética da UFMG (COEP) para esclarecimentos estritamente relacionados às dúvidas de ordem ética: Av. Antônio Carlos, 6627 - Unidade Administrativa II, 2º Andar, telefone (31) 3409-4592. Para contato direto com os pesquisadores disponibilizamos os endereços eletrônicos e telefone respectivamente: Renata Martins – [renata.martins1983@hotmail.com](mailto:renata.martins1983@hotmail.com), (31) 985662361 e José Alfredo Oliveira Debortoli – [dbortoli@effto.ufmg.br](mailto:dbortoli@effto.ufmg.br), (31) 991861889.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

**Assim, se você entendeu a proposta da pesquisa e concorda em ser voluntário favor assinar abaixo dando o seu consentimento formal.**

Desde já, agradecemos pela compreensão e voluntariedade.

---

José Alfredo Oliveira Debortoli  
Prof. Dr. Orientador da Pesquisa

---

Renata Martins  
Mestranda

Via do voluntário

Eu, \_\_\_\_\_, RG \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_ aceito participar da pesquisa intitulada: “ **Um olhar para a Escola Família Agrícola e para a pedagogia da alternância como possibilidade de problematização do lazer no entrelaçamento dos tempos da escola, do trabalho e da experiência cultural**” realizada por pesquisadores do Mestrado em Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais.

Local e data: \_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017.

---

Assinatura do(a) voluntário(a)

---

José Alfredo Oliveira Debortoli  
Prof. Dr. Orientador da Pesquisa

---

Renata Martins  
Mestranda

---

Via dos responsáveis pela pesquisa

### AUTORIZAÇÃO

Eu, \_\_\_\_\_, RG \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_ aceito participar da pesquisa intitulada: “ **Um olhar para a Escola Família Agrícola e para a pedagogia da alternância como possibilidade de problematização do lazer no entrelaçamento dos tempos da escola, do trabalho e da experiência cultural**” realizada por pesquisadores do Mestrado em Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais.

Portanto, livremente dou o meu consentimento para a realização da coleta de dados.

Local e data: \_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017.

---

Assinatura do(a) voluntário(a)